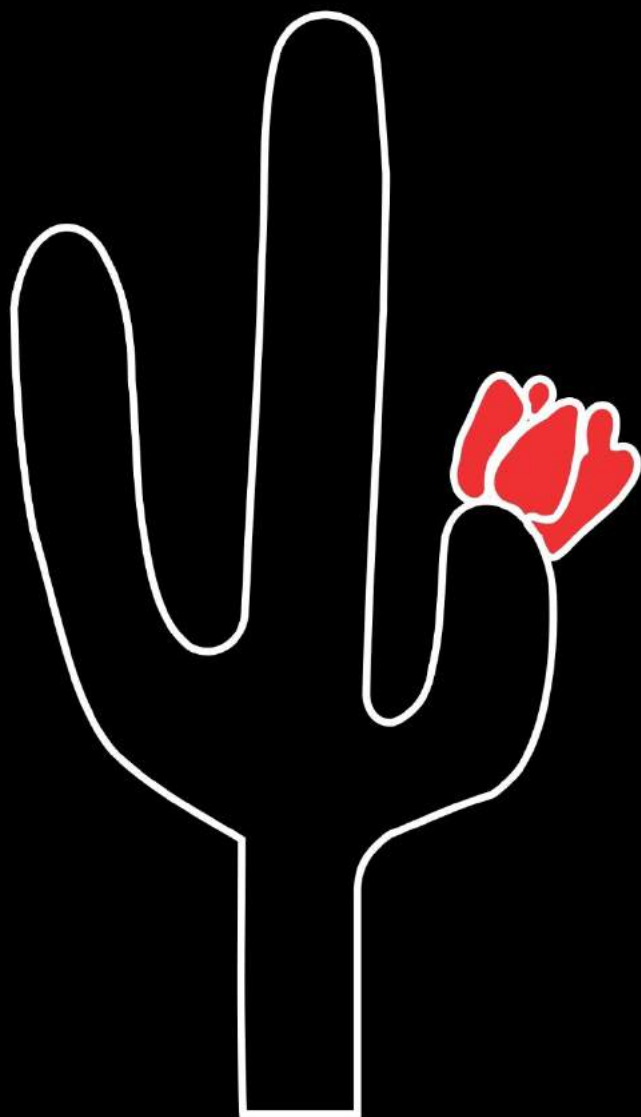


Lilian de Mello Bomeny

Nos Jardins da Catedral



***Editora
Cassandra Rios***

Lilian de Mello Bomem

Nos Jardins da Catedral

*Endereço:
Praça da Sé*

Editora
Cassandra Rios

@ Lilian de Mello Bomeny

by Ghost writer: Cassandra Rios

Diagramação, Revisão Geral Editoração: Cassandra Rios

Impresso no Brasil *Printed in Brasil*

2000

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, SP.

Lilian de Mello Bomeny

Título: NOS JARDINS DA CATEDRAL

Editora Cassandra Rios

1- Nos Jardins da Catedral - autobiografia - 2 Literatura
Brasileira - 1 Título

Direitos totais reservados á

Cláusula única (na forma de lei sobre direitos do autor, art. 21 da Lei nº 5.988, com toda generalidade): autora da autobiografia “Nos Jardins da Catedral”, Lilian de Mello Bomeny, criadora Intelectual da obra, que é absoluta titular do Direito Patronal, Universal, e extinguidos quaisquer direitos do Comitente e da Editora.

Lilian de Mello Bomeny. E-mail: gbomeny@gstec.com.br

Editora e *Ghost Writer* Cassandra Rios

Rua Doutor Cesário Motta Júnior 284 - Vila Buarque

01221 020 - São Paulo -S.P

Tel: (011) 3333-1365

Cel: (011) 9761-4317

E-mail: cassandrarios@bol.com.br

Lilian de Mello Bomem

Nos Jardins da Catedral

Editora

Cassandra Rios

Da autora:

O caminho do Sol

No Prelo:

Paulo e Eu

Agradecimento:

Em louvor a todas as crianças reintegradas à sociedade, em nome de todas as crianças do Projeto Santa Fé, agradecemos àqueles que já fizeram sua parte. Continuamos pedindo, com os votos de que possamos através dos nossos apelos, que ressaltam neste livro, somando respostas de Colaboração e Auxílio de todos e de tudo que for possível angariar provento, não só para Instituições Particulares, como igualmente para Instituições Públicas. Sendo assim o nosso povo, brasileiros, sensíveis, patrióticos, estarão colaborando, capazes de realizar o mais digno sonho que pode sonhar o ser humano, que é salvar crianças em situação de rua.

Reiterando nossos agradecimentos, no sentido do amor mais puro, que é a Solidariedade oferecemos às pessoas que nos ajudaram, este livro, simples e honesto, escrito com a emoção de quem viveu todas as tramas, tragédias e alegrias, fracassos e sucessos, na luta pela realização de um sonho de festa natalina que se resumia numa enorme árvore de natal para crianças em situação de rua.

Hoje essas crianças têm sua casa, um lar na Associação Santa Fé, mas não concluímos nosso trabalho porque, nas ruas, nas avenidas, nos semáforos, nos jardins da Catedral, na Praça da Sé, ainda se vêem crianças na mais degradante miséria.

O que mais vale neste livro é a intenção de agradecer a todos que colaboraram com o nosso Projeto Santa Fé:

Um sonho audacioso!

Que sentimento é este que me move? Sempre me analisei de natureza tímida, embora muito franca, e eis que meto-me em empreendimentos que me dão força como de uma locomotiva, puxando incontáveis vagões!

Pra onde levar essa carga pesada que carrego, sabendo que os vagões estão vazios, quando no comboio do meu pensamento tão poucas pessoas sobem!

Que trajeto é esse que vou *geografando* em minha mente com um destino de esperanças para um local sem endereço definido!

E dos endereços que me indicam para outros caminhos, vou mapeando e vendo, sentindo e percebendo coisas que me dão vontade de gritar:

– Gente! Abram os Olhos! Escancarem as portas do coração! Não se bloqueiem para essa miséria que nos rodeia, não só vocês mulheres que são sensíveis pelo instinto maternal, mas vocês homens, como

responsáveis pelo milagre da fecundação, e da vinda de mais seres ao mundo!

Fiquem em silêncio, em meditação para higienizar a alma, e livrem-se das prevenções criadas pelas circunstâncias da vida cheia de percalços que cada um de nós vive.

Sozinha pensei que pudesse Tudo, e na caminhada vi que sozinha não posso Tudo, e o pouco que posso é quase nada! É como querer contar os grãos de areia que atapetam as praias.

Assim são as nossas ruas com todas essas crianças andarilhas, nômades, sem saber muitas delas de onde vieram e pra onde conseguirão ir, impulsionadas pela vida que empurra para caminhadas, que obriga seguir em frente, que incita a busca do que nem sabem o que, para viajarem na loucura dos entorpecentes.

Que adianta um pedaço de terra, espremido entre prédios, em ruas onde pessoas temem o confinamento de crianças marcadas por destino miserável, que num impulso de dor tentei recolher para lhes oferecer o sonho de um Natal Feliz.

Um Natal que delinearía caminhos abertos em suas almas desesperançadas, por acreditar que assim como eu e pessoas que consegui que me ajudassem,

poderiam surgir outras e mais outras que se interessariam.

Um projeto no princípio tão pequeno, apenas uma idéia, teórica, no seu crescimento, pela prática tornando-se do tamanho de uma Nação, por ter feito vibrar no coração das pessoas, o sentimento da Fraternidade.

Pessoas! Cada um de nós, em apenas minutos, colocando-nos no lugar de uma dessas crianças, saberia o que é o abandono, a descrença nos adultos. Pior que isso! Pelas atrocidades que enfrentaram, vêem em cada adulto um inimigo, dedo em riste apontando, mão espalmada, batendo, boca egoísta escorraçando, pé pesado, chutando!

Assim é a visão de cada uma dessas crianças, que vão transformando-se em inimigas dos mais velhos, como bichinhos assustados que arreganham dentes e espicham garras, atacando para defenderem-se, porque o que lhes foi plantado na alma tem sabor de veneno e germina ódio!

Crianças! Imprevisíveis! Insensíveis?!

Como todo bichinho, porém domesticáveis! Sim, são bichinhos que a gente ama e quer recolher no colo, mas tememos! Então vamos, com cuidado, esboçando gestos, mostrando que somos amigos, conquistando

confiança, que logo teremos o bichinho nos braços, amansado, assim são essas crianças, carentes, de tudo!

Ah! Se eu pudesse me subdividir, multiplicar-me em milhares para ser mãe de cada uma delas! Mostrar-lhes que a Vida pode ser o Sonho que devem ter oculto nas sombras das suas cabecinhas perturbadas, pela maldade do que foram vítimas, dos maus-tratos, da fome, dos sonhos esfacelados, sem brinquedos, sem carinho!

Ao contrário, logo ao abrir dos olhos com o que deparam é a Pobreza!

Maioria das vezes o crime, estupro, tráfico, prostituição, podridão de casebres sujos, dos lares de onde fugiram, com medo, cansadas das torturas, em busca de esconderijos, que as protejam da maldade, procurando o caminho, o lugar que lhes dê melhores condições, para realizar seus desejos infantis, de poder estender a mão e agarrar brinquedos, de levar á boca frutas e doces saborosos, de se tornarem crianças ricas, como os filhinhos de papai que estão acostumadas ver!

Crianças com as quais não podem se misturar, temidas, afastadas, pejorativamente diferenciadas, questionando muitas vezes a própria criança rica, aprendiz de preconceitos, diante da criança pobre, por que não são iguais, porque não desfrutam das mesmas

condições, por que tanta diferença entre pessoas semelhantes?!

Enquanto se vêm repudiadas e apontadas como coisa suja, como se fossem seres saídos das latas de lixo, crianças feias, raquíticas, doentias e perigosas, vão entendendo as discriminações da sociedade, e saem sem direção certa, na ilusão de conquistarem vida nova, que desgraçadamente as leva para dormir sob o teto do céu aberto, perdidas e enganadas pela utopia de horizontes inatingíveis!

Assim me senti atingida, ferida, agarrada pelas imagens na tevê! Cenas que me deixaram sensibilizada.

Focalizavam Praça da Sé!

Selva de pequenos animaizinhos, inconseqüentes, agressivos porque são acionados pelo medo que os cutuca, caçados como feras perigosas! Acuados e acuando, atacados e atacando.

Corre-corre de pessoas ensinadas por punquistas ágeis, tramando golpes contra transeuntes, confundindo a polícia com suas estratégias da passada do produto roubado de um pra outro. Despistando e confundindo, no ziguezague da fuga que não se saberia ao fim, quem estaria correndo atrás de quem. Eram ágeis em dispersarem-se, e enganar, indo de um lado pra outro com a carteira tirada do bolso do incauto

com quem cruzavam, fingiam um esbarrão, com a prática de verdadeiros prestidigitadores, ao surrupiar.

Furtando e roubando tudo, relógios, sacolas, pastas, que acabavam sumindo, durante o passar de mão em mão, no plano elaborado e armado por chefes de quadrilhas, gângues de especialistas em furtos, roubos e sssaltos.

A polícia driblada, por moleques, feita de idiota por crianças, gozadoras, vitoriosas, como se brincando de bandido e mocinho, crianças que vão sendo manipuladas, estruturando coragem, acionadas por mentores que nunca são identificados, elementos que dirigem verdadeiras escolas de bandidos!

Jornais contam! Camburões recolhem e levam para a temida FEBEM.

Tudo isso, somado assim, na minha alma, colhidas impressões das mais calamitosas das imagens da tevê, dos noticiários que mostram o que acontece pelas ruas, pelas praças, nos becos, a vida dessas crianças sem freios, desembestadas e afoitas, unidas, formando verdadeiros exércitos, dividindo-se em grupos, pequenas quadrilhas, para sobreviverem como delinqüentes, arrancou dos confins do meu ser uma força imperiosa contra a qual senti que não poderia lutar! Teria que sair e enfrentar o que desse e viesse para fazer alguma coisa por elas. Como?!

Senti e ainda sinto que é possível salvar nossas crianças dessa vida que aprendem nas ruas, que podemos impedir que se encaminhem para a marginalidade, para o crime, evoluindo o mal dentro de si, há sim, meios de evitar que se tornem, quando adultos, criminosos irrecuperáveis.

O primeiro passo? Qual seria? Como agilizar tal idéia e propósito? Teria que idealizar algo. Um projeto! Teria que pensar! E pensar grande! Tudo teria início com um decisivo e correto primeiro passo e desse passo poderia desencadear um Movimento que atingiria com sucesso o Objetivo de Salvar Crianças sem endereço, das ruas sem segurança, das praças, dos campos abertos para o aprendizado do Terror!

Sim! A gente ouve a cada segundo, pessoas dizendo que têm horror dessas crianças, que temem cruzar com elas, que elas são os mais terríveis criminosos, que vivem de tocaia para assaltar, que não têm sentimento nem escrúpulo, não pensam, agem, sem raciocinar, frias e dirigidas pelo objetivo de derrotar o suposto inimigo. Todos somos inimigos objetivos dessas crianças, infelizmente!

Vivem de atitudes por impulsos, roubam, matam, ferem!

Investem contra pessoas como animais, agindo por instinto, sem refletir, sem nenhuma reação da

consciência. Espremidas dentro de si como algo sem sentido, presas, encruadas num espaço de tempo da sua formação psicológica, estacionados no id! Os pequenos monstros polimorfos, como Freud classificou-nos a todos, quando ainda nesse ciclo de vida em desenvolvimento, sem razão, sem discernimento, sem visão ou sequer qualquer dúvida do que é certo ou errado, só instinto puro, impulso, ação, movidos pelos primeiros desejos, na visão de cada coisa, primitivos na curiosidade sem reflexão, no gesto que leva dedos a furar olhos de um bebê como se fossem olhos de boneca!

Essas crianças são assim, estão assim afeitas às razões que as movem, sem critério ou emoção alguma. Agem assim, desenfreadas, acionadas para não terem medo de nada, pela idéia fixa de que podem tudo! Como máquinas robotizadas, investindo contra o mundo!

E os adultos as temem! Não andam com vidros das janelas dos carros descidos porque sabem que nas esquinas, nos cruzamentos, nos semáforos, crianças das ruas esperam para assaltar.

Crianças de todos os bairros, das periferias, de outras cidades e até mesmo das ruas mais próximas do Centro, juntam-se principalmente nas praças, e uma delas, a mais procurada, como um quartel general,

endereço dessas crianças fugidas de lares, onde a fome e os maus-tratos as marcaram, são os bancos, os chafarizes, o calçadão, os jardins da Catedral, na Praça da Sé!

Estava Escrito...

Em frações de segundos na minha mente o Projeto se fez.

Sonhei! Como que entrei em alpha, estado de graça, ou sei lá o que, deixei-me influenciar pelas emoções mais incitadoras, dessas que nos levam a crer que em nossas mãos está a solução para determinados problemas que precisam ser resolvidos, e nos iludimos e entusiasmamos com pensamentos engenhosos.

A cada pensamento, na perspectiva de ser um plano perfeito sentia minha alma iluminar-se de alegria, imaginando a felicidade que pretendia levar àquelas crianças sem lar!

Convocaria todas, buscando-as na Praça da Sé, pelas ruas, para um mês, um auspicioso mês de festa natalina.

Convocaria e conseguiria de cada uma delas colaboração para os preparativos de um Natal como nunca nem sequer haviam sonhado!

Cada uma delas se sentiria responsável e útil, prestando-se ao que se formava em minha mente, no projeto que antevi, e confirmei num positivo querer, que era viável, poderia ser feito, só precisava de ação, de agilizar, de mostrar e provar como!

Seriam momentos eternos de Felicidade, porque alguma coisa dentro de mim insinuava e prometia, que dessa Abertura desse primeiro passo, o início do meu Projeto, de fazer sorrir crianças, provaria que mais forte que o mal que fora plantado dentro delas era e imperaria o Amor que nascera com elas!

Não respirei fundo nem pensei mil vezes sobre o que me determinei fazer. Não tive dúvidas nem vacilei por um milésimo de segundo.

Conforme o pensamento se fez senti-me preparada e hábil, ágil e decidida! E saí, segui em frente, disposta a executar o que em minha religiosidade e finalidade do Projeto firmei minha esperança e a Fé de conseguir grandiosos resultados.

Fé! Santa Fé! Senti que era Santa e Bendita a minha idéia, que seriam abençoados meus sentimentos que me conduziriam ao caminho que delineei iludida, seria bem interpretada e bem acolhida.

Somaria comigo pessoas que teriam poder para dar andamento a tão nobre objetivo, para alcançar a meta sonhada!

Sonhada, sim, porque eu estava impregnada de emoção, aspirada do coração, idealizada na mente cheia de ilusões e alegrias antecipadas!

Para ir de encontro a terríveis decepções, e impensados obstáculos, que embora quisessem, com comentários torpes e mesquinhos fazer-me desistir, fortaleceram-me, pois não podia crer que além de mim não existissem outras pessoas que tivessem na alma suficiente amor e compaixão no coração para abraçar tão honrosa causa.

Ouvi comentários jocosos e indiretas maldosas:

– O que pretende essa dondoca do Morumbí e dos Jardins? Preparar quadros, dossiê de Poderosa e de Santa protetora para candidatar-se nas próximas eleições?!

Nem sequer cogitara tal coisa, e muito menos que me tornaria alvo de tanta maledicência. Se o meu objetivo não fosse tão definido e forte, logo desistiria. Por isso foi como se tivessem envenenado o motor da minha máquina, aí disparei e investi com tudo!

Não cogitei obstáculos, nem pensei sequer em qualquer empecilho, ao contrário delineei tudo com

muito critério, levando em consideração as observações de Gilberto.

Não imaginei que seria alvo da maldade de certa gente, da inveja e do espírito competitivo que postava-se diante de.. mim para despersuadir-me, para despojar-me do que existia de mais caro na minha alma, a Solidariedade!

Não me abalaria nunca, ao contrário, do espírito competidor de cada um com quem deparasse aproveitaria o melhor para que se esmerasse e se destacasse em feitos, porque todos competindo haveriam de construir e oferecer o melhor que tivessem para apresentar de capacidade, e isso seria bom, por isso não temi em nenhum momento os meus competidores.

Ao contrário! Queria que se manifestassem, que todos mostrassem e provassem ter tanto interesse e disposição quanto eu para batalhar nesse propósito, queria encontrar pessoas mais bem informadas e preparadas do que eu, até mais capazes, mais eficientes, ou que ao menos pudessem representar tudo o que eu mesma conseguisse realizar, sendo de maior interesse, sem vacilar lhes passaria o bastão dos méritos, convicta de que alcançara meu objetivo!

Jamais abandonaria o Projeto, mas se tivesse por qualquer motivo que me afastar, a meu modo

continuará, colaborando com toda garra e sinceridade, quem ficasse no meu lugar.

Solidariedade dá provas! Não é solidariedade obtusa do sentimento raso de quem se comove com o que vê no sofrimento dos outros e apenas derrama algumas lágrimas, lamenta, murmura um : – ah! Se eu pudesse! – e coloca a culpa nos outros, nos políticos, claro, e ficam de braços cruzados.

Solidariedade nos leva a arregaçar as mangas, enfrentar tudo, jogar-se contra a correnteza, se depender das nossas fortes braçadas, que sabemos poder por fôlego salvar alguém.

Não cruzaria os meus braços! Quando quero faço, não peço e não mando, comunico!

Sentindo-me mais tranqüila pelo apoio e incentivo do meu marido e dos meus cinco filhos, embora pudesse prever que poderiam acontecer algumas contrariedades em família, pela minha busca da realização do que sonhei, e pedi a Deus que me orientasse, que todos entendessem meu objetivo.

Sonhei de olhos abertos, sonhei muito, fazendo planos, fazendo listas, organogramas, engendrando como iniciar e dar vulto ao Projeto.

Meus caminhos traçados, primeiramente, óbvio, pela minha ingenuidade, ou melhor dizendo, falta de

experiência, na razão desses empreendimentos, seria recorrer aos órgãos públicos. Na idealização do Projeto teria que ser o primeiro passo pautado num endereço, um local onde poderia realizar e dar andamento ao evento, que a princípio julguei seria fácil, aliás, fácilimo!

Bastaria, como com um toque de cometa, atrair as crianças, reuni-las, juntá-las todas no local determinado, para o grande acontecimento, que seria a realização do mais lindo sonho, o de uma esplendorosa Festa de Natal!

Uma festa que semearia a esperança do afeto, do Amor, da Solidariedade, da Fraternidade, no coração das crianças das ruas, cujo endereço acreditei fosse a Praça da Sé!

E fui idealizando, no meu quarto, em casa, no meu atelier, no meu carro, às vezes estourando a cabeça de tanto pensar, sozinha, outras vezes dialogando com meu marido ou com meus filhos sem tempo vazio desses pensamentos que ajeitavam e organizavam como deveria proceder para tão lindo acontecimento.

Não é que a gente tem necessidade de encontrar respostas às idéias que temos, contando com a opinião das pessoas nas quais mais confiamos?

– Que tal fazermos tal coisa? Vocês acham mesmo? Concordam comigo? Acham que devo fazer isso? Acham que devo procurar...

Citava o nome de um empresário, de um amigo político, de uma Indústria, pensava alto, às vezes duvidava das próprias idéias e do tanto que me apoiavam.

– Vocês não acham que dizem sim a tudo que invento?

– Mas a senhora só fala quando já pensou tudo certo, a gente só contribui com o que a senhora quer ouvir, porque mesmo se discordássemos a senhora faria o que pensa, a senhora sempre foi de pagar pra ver...

Era isso mesmo! Ainda sou de pagar pra ver!

Assim, programando, com toda segurança pelas auspiciosas perspectivas denominei e defini que seria Associação Beneficente Santa Fé!

Seria sua realização abençoada por uma enorme Ávore de Natal! A Árvore de Natal das Crianças e dos Adolescentes em situação de rua! Gilberto logo me atendeu! Forneceu-me o que daria andamento aos meus planos, verba, para que eu pudesse começar logo a agilizar a festa que duraria um mês. Estávamos no mês de agosto de 1993!

Ⓜ plano era todo feito de sonhos, não sonhos impossíveis, ao contrário, como artista plástica pude antever com certeza e bem claro, os excelentes resultados que teríamos, aproveitando qualquer coisa jogada fora e tudo que é descartável, para reciclar e conseguir fazer objetos decorativos natalinos, enfeites criados pelas mãos de hábeis artesãos nos quais eu haveria de conseguir transformar as crianças, ensinando-lhes a aproveitar tudo que fosse possível, dando largas vistas a tudo e asas á imaginação.

Haveria de ser uma enorme e linda Árvore de Natal das crianças trazidas das ruas, toda enfeitada por elas próprias!!

Tudo seria reciclado, transformado em algo bonito, e teci uma analogia entre o que é jogado fora, sendo aproveitado, transformado em objeto útil, como as crianças desprezadas pela sociedade, que poderiam também passar por maravilhosa transformação, de coisa suja, sem dono, maltrapilhos, como um pedaço de papel de alumínio, virando uma bola de penduricalho, um bonequinho, enfeite de árvore de natal, num aprendiz de bons costumes, encaminhados para as escolas, para serem educados e assim terem a verdadeira perspectiva de uma vida melhor, decente, sadia e inteligente!

Atiçada pela idéia de ser útil e fazer algo pelas crianças que vi como que personagens de um filme de terror, na televisão, ovelhas desgarradas do grande rebanho da vida, cresci planos, imaginando rostinhos conturbados, de olhares lacrimosos e agressivos, de caretas feias virarem sorrisos na expressão da felicidade que não poderia ser de um dia apenas, mas pelos preparativos durar um mês inteiro.

Na extensão que abrangia minha intenção, embora soubesse e sentisse parecer curto e em vão esse espaço de tempo que ofereceria a elas, era o máximo que podia prever e calcular.

Não quis ponderar a respeito e desencantar-me, achando que seria pouco para tudo quanto tais crianças necessitavam, mas que fazer?!

Antes isso do que nada! Que mais belo e grandioso temos além do Natal?! Natal é a data máxima do ano! É o aniversário de Jesus!

Conformada com o que poderia fazer, pela minha limitação de capacidade, pelo que meu marido podia contribuir, firmei meu propósito nessa verdade do significado do natal, e então achei que seria lindo e que nada melhor poderia fazer do que oferecer uma maravilhosa e enorme Árvore de Natal!

Endereço da busca e chamada do material humano, Praça da Sé!

Um problema surgiu de imediato! Para onde conduzi-las?

Não seria correto chegar até as crianças, reuni-las, participar a cada uma o meu projeto, isto é, simplificando tudo, fazer o convite para a Festa de Natal, com a grande árvore enfeitada, cheia de presentes para cada um deles, mas onde?! Onde levá-los?! Onde colocar a árvore e fazer a festa?

Na minha mente, rápido o local surgiu com seu endereço, que não me seria negado.

Emocionada e ansiosa, comuniquei a meu marido minha intenção, pedindo-lhe que me ajudasse.

Gilberto aceitou a idéia, colocando o terreno de sua propriedade, situado na rua Acendino Reis, com Estado de Israel, no Ibirapuera, á minha disposição.

Com verba e local fornecidos pelo meu marido, senti-me armada e preparada para o meu mais arrojado e audacioso evento.

Não sei como as pessoas que estão lendo podem interpretar isto que estou contando, é que senti no meu peito o coração bater mais forte no sentido de que vim ao mundo para ser mãe, não só dos meus quatro filhos. Assim adotei Paulo!

Mas Paulo e eu, como já disse é uma outra história, uma longa história que deveria ser o princípio de tudo isto, pois os mistérios da vida são tantos e tão intrincados, que, parece enveredarmos por caminhos tortuosos e labirínticos sem nunca conseguirmos desendar o que é a nossa vida, porque assim, nosso destino? Programado?!

E m Paulo e Eu há tanta coisa sublime e triste para lembrar que se iniciasse por ele não pararia nunca de escrever, pelas pausas de meditação, pelo pranto incapaz de conter, pela saudade que deprime e doe, assim, este livro sobre as crianças e adolescentes, ficaria para muito depois, e as Crianças que vivem pelas ruas não podem ficar para depois, por isso Paulo abre caminho e espaço para elas, porque ficaram vivas suas palavras em minha mente, sua voz linda e amada, na lembrança me pede que nunca as abandone, que nunca as esqueça, como sabe que nunca esquecerei dele!

Estava escrito antes dele entrar em minha vida e será cumprida nossa promessa de escrever sobre o mais nobre sentimento que pode ter um ser humano, a adoção de uma criança, por amor!

Tudo acontecia-me num processo de emoções contínuas para sentir a grandiosa verdade que está na

sensação maternal, que desperta dolorosa em nossa alma!

O instinto protetor, fluiu em mim com ímpeto, uma necessidade indômita de querer salvar todas as crianças que vi nas hediondas cenas da tevê, nas páginas dos jornais, em bandos, ou isoladas, dormindo ao relento, nas portas dos prédios, banhando-se livres e despudoradas, ingênuas, nuas, nas águas sujas dos chafarizes da cidade, espalhando-se pelos semáforos, oferecendo coisas, balas, flores, biscoitos, com seus baldinhos, flanela, água e sabão, limpadores de parabrisas, simultaneamente, apontando armas de fogo adquiridas, sem dúvida, das mãos criminosas de adultos, canivetes, punhais, selvagens, movidas pela cola cheirada, pelo tóxico aspirado, pela droga injetada, pelo fumo, por efeito da maconha, pervertidas pela luta da vida infausta e maldita que as jogou aos azares das ruas.

Mês de agosto de 1993

Sem contar o mês que transcorria, faltavam três meses para o natal. Com as garantias fornecidas por meu marido Gilberto, verba no Banco, o terreno preparado para sua finalidade, podia meter mãos á obra e sair á procura de gente que se dispusesse não só a colaborar comigo, mas a trabalhar também, porque seria inviável fazer tudo sozinha.

Assim participei a um grande amigo, que intuitivamente tive certeza me entenderia e de braços abertos caminharia comigo, pois conhecia bem seu caráter, sua índole. Muito inteligente Daniel Bornay, como pensei, prestou-se colaborar comigo, atendendo-me, ouvindo meus planos, fazendo seus apartes, com todo seu jeito de homem nobre e inteligente.

O terreno liberado, limpo, já estava preparado, a espera de se tornar o acampamento das crianças. Faltava muita coisa ainda, mas, fazendo uma lista, organizando tudo, seguiríamos por etapas, cada coisa a seu devido tempo e vez.

Assim ficou óbvio que seria preciso erguer um abrigo no terreno, e conseguir todo material pedagógico necessário para suas indispensáveis finalidades.

Dirigi-me ao exército para pedir barracas de lona, para guardar o material que seria usado pelas crianças. Fui muito bem recebida no quartel do Ibirapuera, onde atenderam-me prontamente, marcando de imediato a data para entrega da abençoada encomenda, de acordo com o que foi requisitado.

Consegui uma lona de circo através de Ismael Barros Ribeiro, um amigo a quem comuniquei meu projeto, ao que logo lembrou-me de uns amigos que por ocasião das festas que faziam armavam uma enorme barraca, estilo circense, para incrementar seus eventos, logo foram me emprestando com a maior satisfação.

Aluguei outras lonas de menor tamanho para servirem de oficinas de trabalho. Providenciei mais lona e madeira para fazermos a cobertura do restaurante e da cozinha. Aluguei containers sanitários, com chuveiros e tudo o que se faz necessário para manter no local pessoas trabalhando em turnos, durante vinte e quatro horas.

Foi construído na extensão do terreno, o alojamento nos quais colocamos tudo o que se fazia

necessário para o bem estar e conforto dos seus futuros hóspedes.

Providenciei alimentação farta para trinta dias, tempo que passaríamos desenvolvendo o projeto.

Para o tempo que ficaríamos ali, consegui com o meu cunhado, José Ricardo Bomeny e de Teodoro Silva, sócios do Bigburger, juntamente com a Sadia que colaborou fornecendo-nos grande variedade dos seus produtos, mais do que suficiente para enfrentarmos nossos dias de dedicação ao evento.

Recorri á Blue Life, pois precisava contar com um atendimento de prevenção, adequado, emergencial para observação das crianças, um responsável que ficasse lá no terreno onde situava-se o acampamento.

Prontamente fui ouvida pelo seu presidente, doutor Ayres da Cunha. Fiquei feliz pelo modo rápido como se manifestou no gesto filantrópico. Cedeu uma ambulância com uma enfermeira que ficaria a postos tempo integral do projeto, acrescentando a cada duas vezes por semana visita de um médico para examinar as crianças.

Foi para mim dos primeiros passos de terceiros, o que me estimulou e garantiu que tudo transcorreria a toque de milagres pelo sentido humanitário de certas pessoas que honram a posição que atingiram na vida,

como o ilustre doutor Ayres da Cunha, presidente da Blue Life.

Fui até a Indústria da Coca-cola, onde receberam-me maravilhosamente, quando pedi latas vazias para enfeitar a árvore, ao que me retrucaram, dizendo que não tinham latas vazias disponíveis, que me enviariam todas as latas que fossem necessárias, mas cheias!

Vibrei de emoção! As coisas estavam acontecendo além das minhas expectativas, pedira latas vazias de Coca-cola e me mandariam latas cheias, todas quantas necessárias fossem!

A mesma atitude tiveram os representantes da Kibon, onde pedi caixas vazias para transformar em enfeites, ou para pôr lembrancinhas dentro, ao que garantiram tudo quanto fosse possível fornecer para alegria das crianças, mas com caixas cheias de produtos da Kibon. Não faltariam sorvetes nem chocolates! A granel! Verdade! Que bom, Kibon!

Pedi ao meu grande amigo Fabrízio Fasano para que fizesse a Ceia de Natal, e ele atendeu-me sem vacilar, sentindo-se honrado por tê-lo procurado para tão grandioso evento, foi o que me disse, que no dia que eu marcasse a ceia seria feita, com todo capricho e esmero com que a sua famosa casa sempre atende aos seus melhores e tradicionais clientes.

Procurei na grande Indústria Melhoramentos os senhores Hernanny Donato e Umuarama, pessoas muito especiais, extremamente simpáticas, que abriram para mim as portas dos magníficos Jardins de Pinheiros, lugar esplendoroso que nem imaginamos possa existir tão perto de nós. Fiquei deslumbrada no meio de tantos pinheiros, cada um mais majestoso do que o outro, foi muito difícil escolher entre tantos tão lindos o mais bonito, o mais imponente!

Seria a maior árvore natural de Natal, que alguém já tivesse visto. Era o que eu achava que aquelas crianças mereciam. E teriam! Meu emocional fez do meu coração uma orquestra. Parecia que dentro de mim todos os sinos do mundo tocavam ao mesmo tempo, tal a minha alegria por estar completando todos os itens que se faziam necessários para o grande dia!

No Pão de Açúcar, representado por Vera Giangrande, grande personalidade, pessoa maravilhosa, consegui material para higiene das crianças, dos funcionários, e do local. Desde sabonetes, *shampoos*, papel higiênico, talco, escovas, pastas de dente, fio dental, desodorantes, detergentes, desinfetantes, tudo enfim que se usa numa casa para mantê-la limpa, higienizada e perfumada, e o que usamos para higiene pessoal, ela nos forneceu.

Sensibilizada e prestativa dona Vera Giangrande com sua agradável acolhida, disposta a colaborar, acrescentou mais segurança ao que me propunha.

Contratei dois ônibus para buscar as crianças da Praça da Sé, e pelas ruas onde fossem encontradas, que seriam levadas de volta diretamente ao local onde tivessem sido recolhidas, depois do almoço, porque á tarde seria vez das crianças de Santo Amaro, Guarapiranga e outras localidades.

Tenho um gosto muito apurado e especial por bandas, por esse motivo fui á Polícia Militar, no CPA MI, e tentei descobrir alguém que pudesse me informar a respeito, e apresentar-me um maestro que aceitasse treinar e ensaiar as crianças para que no dia de natal elas cantassem o Hino Nacional com a banda, enquanto estaria sendo hasteada a nossa bandeira brasileira, que acho linda, com suas cores, branca, azul, verde, amarela e as suas estrelas, representando cada Estado. Imaginei-a sendo hasteada, a música que mexe com o nosso emocional, quando nos sentimos mais do que patriotas, sangue de brasileiros, o hino mais bonito entre o de todas as Nações, assim acho, com seus versos: – *deitado eternamente em berço esplêndido!* – Banda, tocando, depois, ao sabor do vento bandeira tremulando, nossa continência patriótica! Momentos gloriosos! Indiscritível o que eu

estava vivendo, ligada numa emoção que jamais sentira.

Fui encaminhada ao Coronel Nakaharada. Ao entrar na sua sala, olhando em volta vi em vazinhos, muitos vasos pequenos, violetas de todas as qualidades, numa variedade de cores e tipos que me surpreendeu.

As flores tão significativas, perfumadas, do lilás mais suave ao quase roxo, azuis, brancas, róseas, aquele colorido todo, demonstrava um carisma, uma sentimentalidade que não pareciam combinar com a expressão céptica, quase sisuda do homem que me intimidou, á primeira impressão. Fiquei em silêncio, aguardando que ele se pronunciasse, e então vi um leve sorriso repuxar seus lábios, enquanto mostrava-me a cadeira diante da escrivaninha por trás da qual voltou a sentar, visto que levantara, quando entrei na sala, muito educado e protocolar, perguntou:

– O que a traz aqui, senhora?

Senti que talvez estivesse sendo muito corajosa e inconveniente procurando um homem de tal posição e responsabilidades, que provavelmente acharia que eu fora ali aborrecê-lo com bobagens. Mas á medida que eu ia falando e explicando sobre o meu projeto, via um sorriso alargar-se no seu rosto que foi tornando-se cada

vez mais simpático, enquanto balançava a cabeça, concordando, interessando-se cada vez mais, o que me animava e empolgava a falar como nunca expusera o fato antes, enumerando tudo quanto já conseguira e o que fora lhe pedir. O que me disse surpreendeu-me. Dessa vez meu coração mostrou que batendo acelerado era resistente, embora me abalasse, ao contrário, ficava mais forte, emoções dessas é que nos dão mais razões para viver, para sentir toda pujança do nosso espírito. Sua voz firme e convincente, com suas palavras decididas sem deixar dúvidas penetrou meus ouvidos:

– Dona Lilian, devo cumprimenta-la e garantir que vou tomar providências para que o seu pedido seja atendido. As pessoas que vêm á minha sala, sempre me procuram para se queixar das crianças, para que tome atitudes drásticas contra elas. Estou mesmo emocionado. A senhora é a primeira pessoa que entrou aqui e que apresentou tanta vontade de ajudá-las, pedindo-me algo que ninguém jamais pediu! Se todos agissem de igual modo, garanto que não teriam motivos para virem fazer queixas, ninguém seria molestado. Pode contar comigo sempre que precisar e para o que estiver dentro das minhas possibilidades, da nossa alçada. Estou encantado e agradecido por poder ajudá-la.

O que ele me passou naquele momento, pela sua expressão e palavras foi que ele também gostaria de pôr em prática projetos para ajudar as crianças sem lar. Podem entender o santo significado do apoio desse homem que a tudo que lhe pedi prontificou-se? Só uma criatura abençoada por Deus teria para dar respostas e atitudes como as dele. Sem o generoso apoio do Coronel Nakaharada, não conseguiria levar em frente o meu projeto, o que sem dúvida a ele agradeço como um fato inesquecível em nome de todas as crianças da Santa Fé!

Via Sacra

De depois de ter conseguido tudo, terreno com as barracas, *containers*, ambulância com enfermeira, funcionários contratados para trabalharem junto às crianças, material chegando e estando tudo organizado para a grande festa, ficamos aguardando a árvore de natal que seria colocada num lugar especial, bem á vista, como o marco do grande dia.

Logo foi marcado dia da entrega da nossa árvore pela Indústria de Papel Melhoramentos.

Com quase tudo em ordem, praticamente estavam concluídos os fichários e cadastros das equipes contratadas para atendimentos prioritários no dia a dia. Pela minha ignorância e falta de experiência fui atrás do que achava seria o mais fácil, buscar as crianças! Cheia de esperanças aportei na Praça da Sé, cheia de entusiasmo e coragem!

Onde estavam?!

Uma aqui, outra ali, apareciam, logo sumiam diante dos meus olhos, enquanto perscrutava os arredores, nem dava pra acreditar.

Não era aquele o endereço das manchetes dos jornais e dos noticiários chamejantes da televisão?! Onde elas se aglomeravam feito formigas num formigueiro? Não era ali, na praça, em frente á Catedral, que se reuniam e filmavam as barbaridades praticadas pelos pequenos aprendizes dos assaltos, roubos, furtos e outras atrocidades?

Tinham seriamente admoestado-me, avisado, que eu tivesse cuidado, que estava me metendo numa fria, num grande risco. Pelo que advertiam parecia que a Praça da Sé era uma selva aberta ao crime, que iria deparar com canibais, que de mim não sobraria nada! E onde estavam?! Tentei chamar uma para que me dissesse onde estavam as outras:

– Ei, garoto...

Nem me olhou! Sumiu correndo por entre os bancos, árvores e chafarizes. Sumiu como se tivesse se embarafustado por um buraco aberto no chão.

Caminhei por toda praça, procurando-as. Apenas uma ou outra surgia. Acontecendo sempre o mesmo a cada vez que apareciam, sumiam rápidas, feito ratos na

sua ligeireza. Por que se escondiam? Acontecera alguma coisa para que não ficassem na praça?

Seria que a FEBEM as estava recolhendo? Justo nesse dia que poderíamos dar andamento ao Projeto Santa Fé?! Mas não vi nenhum movimento que pudesse confirmar minha suspeita.

De repente começaram aparecer de todos os cantos, mas seria muito arriscado aproximar-me delas, estavam dopadas, de tal jeito que o melhor seria contatar com elas por outros meios.

Talvez que no momento em que eu chegara na Praça elas estivessem se drogando, escondidas em desvãos das construções, em algum lugar que não consegui sequer adivinhar onde.

Exausta, concluindo que seria inútil qualquer tentativa de aproximação, fui para casa.

Como não era de desistir encaminhei-me aos Órgãos Públicos que estariam ligados ao que se refere á criança, e deparei com uma completa ignorância de todos, de como poderia contatar com elas, até se tornavam irônicos ao responderem ás minhas perguntas que lhes pareciam incoerentes, por querer saber de que modo poderia aproximar-me dos meninos e meninas da Praça da Sé:

– Crianças de rua?! Ora, minha senhora, onde mais encontrá-las se não pelas ruas?! Nas ruas, claro! Se quer falar com elas, fale com elas!

Algumas pessoas foram irônicas e debochadas, outras foram delicadas, mas não sabiam informar sobre quem seriam os responsáveis que lidavam com elas na Praça e que poderiam ajudar-me a falar-lhes da festa natalina.

Apenas lidavam com arrolamentos, processos, outros trâmites e interesses, menos endereçamento dos educadores, a menos, claro que os encontrasse na FEBEM, mas nem todos seriam encontrados lá, nem mesmo as próprias crianças, pois eram como ratos, escondiam-se, sob os viadutos, em terrenos e prédios abandonados, muito difícil encontrá-las, a não ser quando iam para a Praça, e isso não tinha data nem hora, era imprevisível.

Se quisesse vê-las teria que me plantar por lá e ficar á espera que aparecessem, o que obviamente aconteceria, mas seria impraticável e perigosíssimo, seria que eu não sabia sobre as coisas que aconteciam por lá? Seria melhor que eu fosse para casa e abandonasse o Projeto.

Nunca!

Mas até me passou pela cabeça colocar no terreno uma grande faixa com dizeres, explicando que ali seria o evento da Árvore de Natal das Crianças que vira nas ruas, quando a caminho da Praça, mas como não conseguira sequer aproximar-me delas ficava só a intenção, com os meus votos a todas de Feliz Natal!

Sem jamais desiludir-me, preocupava-me, pensamento incansável procurava soluções, indignada pelo transcorrer dos fatos, quando na televisão ferviam manchetes que mostravam as crianças pelas ruas, na Praça da Sé, dando golpes, filmadas por câmeras escondidas, mostrando como agiam. E a pergunta: Como levá-las até o acampamento? Meu coração chegava a doer. Eu não aceitaria jamais um fracasso desse tamanho, não pelo sentimento, pelo meu jeito de ser, teimosa talvez, sempre cônica do real significado dos meus objetivos, pela minha mais sincera intenção.

Então, como uma benção de Deus, num sopro divino, da voz que às vezes fala dentro de nós, orientando-nos, tive a feliz idéia de procurar meu grande amigo Salim Curiati, Secretário do Bem Estar Social. Homem íntegro, tão inteirado de toda política do nosso país, impossível que não me desse as respostas e as soluções para o meu angustiante problema.

Foi um alívio! O carisma desse cavalheiro, como me ouviu com todo respeito, como me atendeu e

entendeu, preocupando-se em colaborar, encaminhou-me para a Regional da Vila Mariana, apresentando-me a sua Supervisora, Laila Gadelha, uma jovem muito bonita e agradável, batalhadora, inserida nos movimentos em prol da sociedade carente.

Foi mesmo providencial. Laila interessou-se de fato pelas coordenadas que lhe passei sobre meus planos, e ofereceu-se para ajudar-me, explicando que a Regional não trabalhava com Crianças que viviam na Rua, só com Crianças Carentes, estabelecendo a diferença entre elas, que as crianças que são vistas pelas ruas vivem e moram nas ruas, normalmente cortaram seus vínculos familiares, já as crianças carentes são muito pobres, mas têm uma família e um lar onde dormir.

E ela viu que o meu Projeto era todo fundamentado em Amor, Carinho, Dignidade e respeito humano!

Pelo meu modo de encarar o problema, conclui que deviam ser crianças traumatizadas, mas que eram normais, desde cedo, em tão verdes anos já estavam agindo revoltadas por não aceitarem a miséria em que viviam, um ser humano não aceita essa degradação, e elas por isso fugiam da pobreza dos seus lares, dos desafetos e violências indo para as ruas em busca de realizar o sonho de vida melhor, deparando com piores

tragédias e discriminações. A fuga para as ruas era a saída delas, a rebelião das suas almas, inconformadas com seu miserável destino!

Laila, expressando quanto sensibilizara-se com meus sentimentos e com a minha idéia, orientou-me, garantindo-me que tudo faria para estar comigo nesse evento:

– Lilian, você vai ter que enfrentar muita coisa com as quais nem conta, primeiro procure o CASA, pois eles têm um trabalho sobre Crianças e Adolescentes, poderão dar a você as informações que precisa para contatar as crianças e também colaborar com você.

E indicou-me quem procurar.

Parecia que eu estava fazendo escola, pois a cada momento aprendia alguma coisa mais sobre as crianças carentes, abandonadas, mendigas em situação de rua, enfim, sobre as crianças pobres do nosso país.

Assim, dia após dia, incansavelmente tentava chegar a pessoas influentes que pudessem realizar meus propósitos, reunir as crianças, tê-las diante de mim, porque sem elas de que valeria o Projeto Santa Fé, todo aquele esforço junto á Sadia Concórdia S/A Ind. E Comércio, com todas as atenções que me dispensou o senhor Álvaro Uchoa Cavalcanti, as satisfações que

tive pela bondade do Senhor Paulo Sérgio Mandita, da Kibon S/A Ind. Alimentícias, Coca-Cola, a receptividade dos senhores Hernany Donato e Umuarama das Indústrias Melhoramentos, do meu querido amigo Fabrizio Fazano do restaurante Fazano, Ayres da Cunha, da Blue Life, Coronel Nakaharada, meu amigo Ismael, Teodoro Henrique da Silva, meu cunhado, José Ricardo, a colaboração da Servlease S.A, e da Bigburger, e tantas outras pessoas importantes.

Teodoro Silva e um grupo de empresários, fiquei sabendo, todo natal vestiam-se de papai-Noel e percorriam ruas, favelas, os mais carentes lugares, subindo morros, até onde pudessem chegar com caminhões abertos cheios de brinquedos que na sua trajetória, distribuía para todas as crianças que ansiosas os esperavam. Eram aguardados com grande emoção, pois comemorando esse dia do aniversário de Jesus, soltavam fogos de artifício, avisando assim, a todos, que os empresários vestidos de papai-Noel, estavam chegando.

Conhecedora desse gesto humanitário fiquei animada, certa de que eles compareceriam no evento do natal.

Já movimentara tanta gente, não poderia deixar que qualquer dificuldade impedisse um evento tão almejado.

Que sufoco! Movimentara tanta gente, e agora? Decidi convicta, que haveria de realizar, custasse o que custasse, a festa de natal para as crianças e adolescentes.

Tornava-se cada vez mais apaixonante o meu intento, um pensamento firme e persistente exigia-me que prosseguisse. Jamais desistiria. Algo dentro de mim dizia-me que a Festa da Árvore de Natal daquelas Crianças ia realizar-se, chegava a ter flashes do acontecimento, e lágrimas enchiam-me os olhos.

Mas o tempo ia passando! Precisava apressar!

Tínhamos muito que fazer, eu, todas as pessoas que contratei, aliás, devidamente assalariadas, e as crianças!

Finalmente, falando com um, telefonando pra outro, indicaram-me o padre João, itinerante de Igrejas, se assim posso explicar suas funções clericais, com quem me comuniquei por telefone o que foi um desastre, assustando-me!

Incessante na minha intenção de encontrar alguém capaz de resolver o grande problema, persisti em marcar um horário com a senhora Lucila de Lakmam, presidente do CASA. Até fiz um trocadilho, o caso dependia do Casa!

Foi o que pensei! Como foi difícil chegar lá! Uma burocracia que me levou quase que aos píncaros da indignação! Vai aqui vai ali, fala com sicrano, com beltrano! Departamentos e mais departamentos, tanta gente envolvida e ninguém sabendo como me atender! O CASA, com seu nome sugestivo, prometendo portas abertas para mim, era uma casa de difícil acesso!

Não era mesmo fácil, tornava-se a cada passo, cansativo e desanimador, jogada de um lado para outro já não sobravam portas onde bater.

Mas não desisti, consegui, finalmente, marcar uma entrevista com Lucila de Lakman, graças á intervenção de Maria Helena Mauad, que encontrei casualmente numa festa, pessoa muito simpática e prestativa. Imediatamente ao ouvir meus comentários sobre as problemas que vinha enfrentando, ofereceu-se para me ajudar. Fundadora e presidenta do Núcleo de Profissionalização de Menores, vinha de largas experiências, atuando ativamente na área social e a tudo que lhe diz respeito. Por esse motivo sabia bem o que eu estava passando.

Lutando e sofrendo pelos mesmos ideais, tantas já passara, conhecedora das dificuldades, prevendo tudo que eu iria encontrar pela frente, empenhou-se em colaborar comigo, pelo que serei sempre grata a

essa grande mulher muito querida, que conseguiu com desmedida insistência, marcar a difícil entrevista.

Acho que se tivesse tentado chegar até o Presidente da República teria sido mais fácil!

Com receio de me atrasar e por esse motivo não ser mais atendida, visto tanta cerimônia e meios para chegar até ela, não me permiti nenhum segundo de atraso, aliás, bem antes do horário segui meu rumo. Enfim ia falar com uma autoridade no assunto!

Fui assim, cheia de esperança e aliviada, por achar que já estava a caminho de encontrar a solução que buscava.

Estudei bem como lhe falar, seria objetiva e firme, para que não me olhasse do jeito que já me acostumara a ser interpretada, percebendo qual o pensamento das pessoas às quais me dirigia, que eu deveria ser um tanto quanto doida, o que não me abalava, absolutamente, pensassem tudo o que quisessem, com tanto que eu conseguisse o que queria.

O motivo era muito simples para mim, resumindo-se na intenção de fazer a festa de natal para as crianças! Só isso! E isso estava criando um tumulto em minha vida.

Nunca poderia imaginar que fosse tão complicado e que deparasse com tantos obstáculos e

impedimentos. Parecia a princípio que todos queriam ajudar, mas ninguém tinha autoridade para aprovar e liberar o evento o que me levava numa via sacra a procura de quem!

Quem, meu Deus, poderia abrir as portas para um projeto tão humano, tão simples, que se tornara quase que uma coisa absurda, e iam tornando-se mesmo absurdos os meus propósitos.

Assim fui percebendo, que por mais estranho pareça, ninguém sabia verdadeiramente quem daria o aval, a última palavra para que se pudesse pôr em prática o Projeto, que estava, evidentemente, incomodando muita gente!

O que importava mesmo de toda essa azáfama e andanças, era o quanto eu ia aprendendo.

Assim me vi diante da Presidenta do CASA. Postura de uma pessoa de responsabilidade, protocolar, simpática, mas me pareceu um tanto quanto reservada, para não dizer arisca, talvez antevisse o que eu estava para enfrentar, transmitindo-me que seria melhor que eu desistisse, que parasse de sonhar com coisas que não estavam ao alcance das minhas mãos.

Não me disse nada a respeito do que provocava tais impressões, mas depois do que aconteceu lembrei

do seu jeito e entendi porque notara certas restrições em seu comportamento, uma certa dúvida, sei lá mais o que, mas esse sei lá mais o que descobri logo!

A senhora Lucila de Lakman, embora muito educada e atenciosa, parecia não se sentir muito a vontade com a minha presença, mesmo assim adiantou-me o pouco que poderia fazer, foi o que me disse, ao que se limitava, e que seria mesmo certo procurar o Padre João, na Catedral, como eu já havia programado, era ele quem fazia o trabalho com as crianças, que o CASA estava simplesmente ajudando. O que resta dizer é que trouxe comigo – pelo que pude analisar da minha entrevista no CASA – foi uma impressão indefinida da simpática senhora Lucila de Lakman, o que não me desanimou, pois previ que chegaria aos *finalmente*s, embora sentisse que não era vista com bons olhos. Parecia que estavam todos contra mim!

Então lembrei do desastroso telefonema que já fizera para o padre!

Ⓞ Indereço da Morte!

Logo, ao ouvir as primeiras palavras do padre, ficara constrangida. Sua voz soara desagradável, um tanto quanto, um tanto quanto, não, por que não falar a verdade? Híspido! Parecia mal-humorado, como se eu estivesse tirando algo dele, passando-lhe uma rasteira.

A cada palavra minha ele se abespinhava, como se estivesse falando com uma desvairada que não merecia o mínimo de sua educação, ao que comentei que ele deveria pelo menos tratar-me como deve e julgamos ser o modo de agir de um padre com seus fieis e pessoas que o procurem seja lá para o que for, mas ele não aceitava de maneira alguma o que eu tinha para lhe falar. Mantinha-se reticente, nenhum pouco simpático quanto ao meu projeto, ao contrário ele não me deixava explicar, com tanta indelicadeza, que não dava pra acreditar que um padre falasse desse jeito, tão brusco!

Subentendi que ele estava pensando que eu queria era tirar proveito da situação daquelas crianças, além do mais com a minha intromissão ilógica iria atrapalhar seu evento da Ceia de Natal. Sendo assim pedi que encerrássemos a conversa por telefone.

Deu para entender as reservas e restrições, os conselhos da presidenta do Casa, sabia que eu ia me deparar com uma pessoa difícil, muito mais difícil do que qualquer outro político. Prevaleceria-se, provavelmente da sua *batina* para subestimar minhas intenções, tratando-me como se eu fosse uma doida incoseqüente.

Durante o *Qui pro quo*, quando me tornei mais firme na decisão, pedi-lhe, com a exigência do direito que me cabia, que tivesse uma reunião comigo, um diante do outro, em pessoa, pois preferiria falar com ele cara-a-cara do que discutir assunto tão sério, e do qual eu não iria desistir, não desse jeito tão desagradável, por telefone. Seria conveniente, para que ele entendesse melhor meus propósitos, para que me conhecesse, que nos falássemos pessoalmente, assim não dava!

Fiquei deveras irritada e assustada com o modo como o padre João me tratara por telefone, mas conseguira dobrá-lo, pois fui tão drástica e pertinente

quanto ele! Tentei acreditar que pessoalmente ele veria tudo pelo prisma da razão que me levava a procurá-lo.

Sendo um homem de Fé, isto é, um padre, que colocara-se como representante de Deus, capaz de ouvir confissões e perdoar seus fiéis, de estar no mundo para divulgar a Palavra Divina, veria que a intenção dos meus atos eram religiosos, de amor ao próximo, que só queria ajudar um pouquinho, nos limites da minha capacidade a levar fé e esperança aos coraçõezinhos pisados de criaturinhas perdidas num mundo de desafetos. Até que, entendendo-me, aplaudiria emocionado e participaria de tudo com grande alegria de minha parte.

A reunião ficou marcada para as onze horas da manhã na Catedral da Sé. E no dia e na hora lá estava eu. Mais uma vez surpreendi-me.

Padre João! Que espécime! Sua voz áspera não condizia com a figura com a qual deparei á minha espera. Um homem alto, muito bonito, americano naturalizado brasileiro, como fiquei sabendo posteriormente, João devia originar-se de John, mas vamos ao que interessa.

Quanta burocracia! Mais uma vez lembrei das restrições de Lucila de Lakman e me pareceram bastante plausíveis.

Padre João conduziu-me, em silêncio, com passos largos, era até quase difícil acompanhá-lo, pelas passadas que dava, tive impressão bem clara que eu não era uma pessoa bem-vinda, andando na minha frente como se atrás dele estivesse uma pessoa da qual ele gostaria de fugir, até que chegamos a uma sala, provavelmente o locutório da Igreja, onde, sentadas á volta de uma mesa estavam nos aguardando dez pessoas, além do padre Boin, pároco da catedral da Sé, entre os homens alguns ex-padres e entre as mulheres algumas ex-freiras.

Deparei com aquele quadro imprevisto e, parei tomada de surpresa! Conteí, rápido, cabeça por cabeça, antes de sentar no lugar para onde padre João me conduziu, e como um cavalheiro afastou a cadeira para que eu sentasse.

Em verdade, senti-me personagem real de um filme, onde todo clero se reuniria no tempo da inquisição para decidir quem era bruxa ou não e se deveria ser queimada na fogueira.

Foi exatamente isso que senti com todos me olhando firme, com olhos de raio x, como se quisessem ver além do que minha figura de mulher transmitia, sentindo-me ativa e preparada para o provável interrogatório ao qual percebi seria submetida.

Cabeça erguida, cônica dos meus propósitos religiosos e de Bem, pois só visava o melhor para as crianças, aguardei que começassem a inquirir-me.

Foi padre João quem fez a primeira pergunta:

– O que a traz aqui, de verdade, dona Lilian?

Ao que respondi, dirigindo-me a todos:

– Fiz questão desta reunião porque ao telefone o Padre João me assustou e intimidou com o seu jeito de falar.

Falei como se pilheriasse para não provocar o padre que manifestou-se ruborizado:

– A senhora não entendeu bem o que eu disse...

– Tudo bem, admitamos que tenha sido assim, mas o importante é que estou aqui, agradeço por me receberem. E vou direto ao assunto. O motivo é o Projeto Santa Fé! Pura e simplesmente! Em nome de Deus que falo a verdade! Estou movida por sentimentos que não quero definir com a palavra de pena, nem de comiseração, talvez, meio difícil de aceitar, mas por sentimentos de uma mulher que é mãe e ama seus filhos e não gosta de ver crianças sem mãe, sem teto, sem agasalhos, sem carinho! Não tenho intenções políticas e nunca ouvirão falar que Lilian de Mello Bomeny candidatou-se seja lá para o que for, pelo menos por enquanto, sei lá o que poderá

acontecer nos anos vindouros, posso mudar de idéia, ninguém em sã consciência poderá prognosticar com poderosa clarividência o que fará no futuro, o que conta é o Agora e isso não entra na minha cabeça agora, não pelo motivo que me trouxe, longe de mim isso! Sou artista plástica, uma mulher sensível, movida por sentimentos, provavelmente os mesmos que explicam os motivos de cada um de vocês estar aqui ao redor desta mesa.

Padre João encarou-me. Foi o primeiro a argumentar, depois de ouvirem com atenção tudo o que eu tinha pra expor sobre o Projeto Santa Fé.

Interromperam com alguns apartes, explicando razão porque não queriam admitir a festa de natal, pois temiam que o meu evento pudesse atrapalhar a Ceia de Natal que seria feita na Praça da Sé em frente á Catedral, para todas as crianças que abandonam seus lares ou que nem sequer têm um parente, um amigo para acolhê-las.

Garanti que não. Que não atrapalharia em nada, que poderia até contribuir, e seria um Natal completo para as crianças, com direito a almoço e ceia!

O que melhor poderia acontecer? Falei dos nossos horários, que seríamos rigorosos em tudo, para não atrapalhar absolutamente a festa natalina da Igreja, ao

contrário, os ônibus que eu fretara levariam as crianças até lá bem antes da Ceia dar início.

Comprometia-me e aceitaria qualquer sugestão, desde que não impedissem que fosse feita a grande árvore de natal para as crianças.

– Confiem em mim. Será apenas almoço em horário que não atrapalhará em nada. E tem mais, como as colaborações que consegui são muitas, tenho certeza que sobrarão tanta coisa que mandando para completar a Ceia de vocês poderá ser feita outra festa além da que programamos, ou as crianças poderão levar com elas, como vocês decidirem.

O vozeirão hispido do padre abrandou, aquelas pessoas que a princípio me pareceram austeras, aos poucos foram esclarecendo temores e suspeitas que achei lógicas e com muita razão para desconfiarem de mim, que não seria mais uma, como estavam pensando, querendo aparecer para ter a cara na televisão ou visando assunto para uma plataforma de candidata a algum cargo político, coisas assim, que sempre aconteciam e que resultavam em tremendas decepções, porque tem gente, ainda tem, que usa essas crianças com finalidades escusas, que não basta um livro para enumerá-las.

Tinham razão em se colocarem na defensiva e criarem obstáculos, tantas foram as vezes que se

deixaram envolver, por promessas que depois do candidato eleito, foram esquecidos e até maltratados quando iam em busca do prometido, nem sequer eram recebidos, o político que usara as crianças para se eleger, nunca estava!

Ao final, quando prontificaram-se todos a me ajudar para o dia de Natal, como eu também colaboraria com eles para a noite de Natal, fiquei pasma com as informações que me deram, indicando-me mais um endereço!

Um endereço que fez percorrer um arrepio pelo meu corpo e contraiu meu estômago! O que me contaram me estremeceu.

Quantos motivos é razão para ter naquela mesa dez pessoas preparadas para me interrogarem. O que eu levei comigo dali, naquele dia e que guardo até hoje, foi terrível. Um sentimento que passe o tempo que passar jamais poderá apagar tão dolorosa imagem!

Padre João explicou, suspirando, mais calmo e confiante, pelo desfecho da nossa reunião:

– Lilian, esse endereço é pra fazer careta mesmo! Conseguimos com a Prefeitura esse alojamento na avenida Vinte e Três de Maio, onde estão as crianças que você procurou na praça e nas ruas, e nem teve

como aproximar-se delas. Vá visitá-las e entenderá porque somos rigorosos.

Um deles acrescentou para que eu calculasse o empenho de todos:

– Pedimos um local para a Prefeitura, mas nada mais conseguimos de melhor para alojar essas crianças. Estão lá com fome, sem cobertores, com frio. Não é fácil...nada fácil...

E então ouvi o que me enregelou pela impressão que causaria a qualquer um:

– Esvaziaram um depósito de caixões de defunto da Funerária. Não tinham outro lugar para nos dar. Na urgência e sem outra alternativa tivemos que levar as crianças para lá, sabe por que?!

Fiquei esperando que me contassem, sabia que algo muito grave deveria ter acontecido, e quando me falaram entendi tudo, pois vira na televisão, lera nos jornais, ficara horrorizada, como todo mundo.

Como esquecer e não lembrar sem um arrepio de pavor, percorrendo-nos, fato tão hediondo? Entusiasmada com a idéia do grande evento da Árvore de Natal das crianças, não me ocorrera sequer as conseqüências que poderiam advir de coisa tão medonha! Como não atentara para o resultado que tal

atrocidade pudesse influenciar nas suas cabecinhas, senão, pavor!

– Pois é Lilian, as crianças estão com medo! Com muito medo! Estão praticamente, escondendo-se naquele depósito de caixões de defunto, esvaziamos o depósito antes de levá-las para lá, claro, mas a impressão que causa não dá nem pra explicar. Melhor você ir ver com seus próprios olhos. Estão lá desde o escândalo da chacina da Candelária!

Chacina da Candelária! Que coisa pior poderia dar motivo às crianças para se esconderem e desaparecerem das ruas?!

Ficamos em silêncio, por instantes, amargurados e pensativos.

Trocamos algumas idéias a respeito, debatemos nossas opiniões, o que seria ou não viável, o que pensávamos e pretendíamos, falamos muito das crianças abandonadas, todo demonstrando solidariedade, quanto preocupavam-se.

Com emoção que jamais poderia pensar sentir, ouvi prometerem-me recrutar as crianças para o evento, embora não pudessem confiar nem garantir que elas por vontade própria comparecessem e permanecessem, pois eram irascíveis, difícil de se lidar com elas. Assim mesmo, confiante na promessa

programei imediatamente visita ao local onde as encontraria.

Peguei o endereço. Parecia o endereço da Morte! Tão certo quanto a proposta da Árvore de Natal triunfaria eu iria ver de perto aquelas crianças que se refugiavam num depósito de caixões de defunto de uma Funerária, a Funerária da Prefeitura, provavelmente, nem pensei confirmar, tão horrorizada fiquei.

Só me inteirei que era na rua Vinte e Três de Maio, debaixo do elevador. Que as crianças seriam encontradas nos horários que me passaram, que estavam lá, com medo de serem covarde e friamente assassinadas!

Uma Passeata de Almas!

Informada que as crianças começavam a chegar no abrigo mais ou menos às dezenove horas, para o jantar e passar a noite, preparei-me emocionalmente, com muita ansiedade para constatar os fatos que me haviam revelado, transparecendo certas precauções e temeridade. Subentendi, pela expressão de todos e pelo modo como falaram a respeito do local, onde estavam alojadas as crianças, que não estavam absolutamente de acordo, mas o que poderiam fazer?! Ia verificar, com os meus próprios olhos!

No horário, já estava a caminho, dirigindo meu carro, coração descompassado, pensamentos projetando imagens, imbuindo-me de coragem, preparando-me para o que tivesse que enfrentar.

Psicologicamente trabalhada, achei que deveria ir até eles como sempre vou às reuniões e visitas, bem arrumada perfumada, respeitando o novo relacionamento que ia fazer.

Tinha que chegar e ser vista com bons olhos e olhá-los do mesmo modo como encaro qualquer pessoa, com toda dignidade. Não seria pelo fato de serem crianças andarilhas, malvistas, maltrapilhas e temidas, que iria ao encontro delas como alguém prevenido, disfarçada por trajes de pessoa desleixada.

Queria conquistar a confiança delas, do meu jeito, sendo sempre como sou, sem mudar em nada, e assim aproximá-las de mim de igual para igual, independente das aparências, sem pensar no visual, isto é como seres humanos que se respeitam mutuamente, com a intenção de que, cada um de nós, no seu plano social, mesmo com diferença de idade, de *status*, de educação chegássemos a nos olhar sem restrições, entendendo-nos para aprimorar relacionamento que reverteria em benefício não só delas, mas de todos, pois a situação dessas crianças não é coisa que se goste de ver, é muito triste.

Acima de tudo acreditei que, divulgado o modo como viviam, poderia contar com a colaboração de muita gente sensível e bondosa.

Na avenida Vinte e Três de Maio, parei em frente ao número do endereço.

Logo ao abrir a porta e ao sair do carro veio em minha direção um menino de mais ou menos onze

anos, olhar lânguido e triste, contrastando com seu sorriso alegre, magro, muito magro, um tanto quanto trôpego, ao aproximar-se mais de mim logo percebi que estava drogado.

Embora bastante drogado transparecia sentimentos de boa índole, pude ver isso na sua fisionomia, no seu jeito de me olhar, que mundo poderia descortinar-se por trás de suas pupilas tão arregaladas! Transmitia-me uma sensação acima de qualquer dúvida, apesar da droga, atuando visivelmente em todo seu ser, que poderia confiar nele.

O maldito tóxico que minava seu organismo, não corrompera seu espírito, não enegrecera seu coração, foi o que senti ou captei do seu olhar triste. Cumprimentei-o com um sorriso e um oi? amigo, bem espontânea, ao que passados alguns segundos de verdadeira avaliação, encarando um ao outro, ele perguntou, avisando:

– O que você veio fazer aqui, tia, aqui é muito perigoso para a senhora.

– Vim encontrar o padre João.

Usei o nome do padre João como uma senha, pois ele não estaria lá nesse horário, era apenas desculpa para poder entrar, e arrisquei:

– Já que me avisou do perigo peço para você cuidar de mim e do meu carro, tudo bem?

Falando assim passava-lhe a certeza da confiança que depositava nele, ao que entusiasmado pela surpresa de se ver respeitado por mim, assumiu a tarefa, com ar muito sério, garantindo:

– Pocha, tia, se você acredita em mim, pode ter certeza que eu tomarei conta de você e do seu carro, ninguém vai pôr a mão.

E gritou para que ouvissem-no. Sua voz trêmula parecia o cocoricar de um galinho novo, querendo impor seu comando e respeito num galinheiro, pois o que de longe comecei a vislumbrar quase me deteve os passos, o que vi parecia um engradado de aves feridas depois de um desastre ecológico:

– O cuidado é meu, caras! Ninguém se atreva a mexer com o carro nem com a dona aqui, tá? A tia lindona e o carro são cuidado meu, tá? Tão sabendo? Ninguém vai querer se ver comigo, *num* é?

Fui entrando, curiosa, atenta. O menino seguindo-me, caminhando ao meu lado, olhando á volta de nós, como se temesse ataque de surpresa de um mais afoito que poderia não respeitar sua ameaça. Sentia sua presença, seus passos curtos, todo trêmulo. Fazia frio.

Ao pensar em tirar a blusa e dá-la para ele, vi, como que dentro do que parecera a princípio um galinheiro, uma caverna lúgubre, uma nuvem de almas penadas, simultaneamente, um bando de crianças, olhando-me como se vissem também uma alma do outro mundo.

Encontrei-me com olhos de espanto diante de crianças aglomeradas na pocilga, infestada, fria, fedorenta, desagradável de se ver, irrespirável!

Um ambiente que nem mesmo para porcos serviria. Nem aos mais hediondos vermes, baratas e ratos serviria. Luz deficiente, fraca, cheiro de mofo e tudo o que se pode imaginar de fétido. Senti contrações estomacais e brequei o impulso de sair correndo de lá para vomitar, para fugir, para não ver espetáculo tão deprimente, tão chocante.

Contive a grande esforço ímpeto de sair gritando, contive soluços, sentindo meu peito como que inchar de dor, as lágrimas retidas embaçavam meus olhos, como se o triste cenário fosse envolvido de repente por uma nuvem negra de tontura que me fez buscar forças dentro de mim para não cair.

Parecia que chegara às portas do inferno, onde almas inocentes iam ser queimadas, trucidadas, jogadas num fosso imundo e nauseante.

Como oferecer minha blusa de lã para o menino ao meu lado se diante dos meus olhos via outros tantos, tiritando, olhinhos e caras tristes, lambuzadas, sujas, contorcendo-se em esgares de caretas que tentavam imitar sorrisos, quase todos drogados, famintos, tremendo de frio!

A blusa era uma só, eles eram muitos, para agasalhar um só seria mais justo não acudir nenhum, naquele momento. O que senti foi impotência, nulidade total, e medo! Medo do que estava vendo, porque eu não era nenhum polvo, era uma só, com apenas dois braços, insuficientes para abraçar todas aquelas crianças que me olhavam e olhavam e eu via na expressão de cada uma a indagação:

– O que a senhora veio fazer aqui, tia? O que quer de nós? Trouxe alguma coisa?

Mas era só silêncio, de segundos que pareceram eternos. Entre as crianças, de todos os tamanhos, de todas as idades, meninos e meninas, até a faixa etária de adolescentes, parecia haver um elo de fatalidade, de destino negro, de fome, de desgraça, de abandono, de sofrimento, um elo que precisava mudar seu sentido e irradiar amor, compaixão, solidariedade.

Estava ali! Sozinha! Querendo transformar o cenário miserável num cenário de festa! Natal! Árvore de Natal! Papai-Noel!

Gritou forte dentro de mim o sentimento que determinava, que teria, custasse o que custasse, realizar muito mais por aquelas crianças, muito mais que uma ceia de natal. Mas como?! Como, meu Deus?

No chão colchões uns ao lado dos outros, rasgados, a palha e algodão saindo, restos de vômitos pelos cantos, todos sem banho, roupas sujas, pés descalços, cabelos sem corte, deveriam estar cheios de piolhos, barriga cheia de vermes, estômago estufado de vento.

Respondiam-me quase uníssonos, rápidos, vozes esganiçadas, a cada pergunta que eu fazia. Parecia ver naqueles pescocinhos mirrados pescocinhos espichados de aves desplumadas com seus biquinhos abertos, esperando famintos por alimento, e, iam expondo a situação, às perguntas que me escapavam.

Mal ouvia a minha própria voz, estava hipnotizada de dor, por tamanho desencanto, mas ouvia suas vizinhas angustiadas, reclamando, acusando, pedindo, com nojo da comida que era sempre a mesma, macarrão ruim, uma papa que nem dava mais para engolir.

Minha voz escapava do fundo do meu coração, uma voz projetada por pensamentos e palavras que saíam da minha boca atropeladas, sentindo lábios gelados e trêmulos, movida por uma angústia

impossível de ser descrita aqui, acho que seria o sentimento de qualquer mãe, colocando no lugar daquelas crianças seus próprios filhos. Com certeza não haverá no mundo mulher que agüente!

Nem sei quantas vezes disse e garanti, como se pudesse tudo, pela força e decisão que me impelia a jurar que nunca mais teria diante dos meus olhos cenário igual aquele. Não pude sequer avaliar que poderia estar sendo imprudente, prometendo coisas que se mostravam tão difíceis de serem conseguidas, mas eu fazia, sim, fazia algo por elas, nem que tivesse que me ferir por elas!

Tenho certeza também, que qualquer outra mulher ou homem sensível, com o mínimo de sensibilidade, diante daquele espetáculo constrangedor, arriscaria em deixar sair de dentro de si, do mais fundo da sua alma, promessas, pela vontade de ajudar pessoinhas tão tristes, de se ver!

– Eu vou tirar vocês daqui! juro que vou! Confie em mim! Eu vou levar vocês para um lugar decente! juro!

Ah! Quanta miséria, meu Deus! O que haviam confinado naquele depósito nojento, gente?! Eram seres humanos! Estarrecida comparei o lugar ao pior campo de concentração da mais desumana guerra de todos os tempos!

O que mais me deixou horrorizada, foi o fato de ser aquele lugar depósito de caixões de defunto! Não haviam considerado as crianças como seres humanos, mas como os mais desprezíveis animais do mundo, se é que se pode atingir pela imaginação com minhas palavras tão degradante cenário.

Ainda estavam lá alguns caixões de defunto, infectos, madeira cheia de cupins, pregos enferrujados, espalhando odores de coisa podre, miasmas de coisas ruins. Não dava pra agüentar, não dava!

E, enfim, o que significava aquilo? Descaso das autoridades! Falta de respeito e amor pelo próximo, no coração daqueles que com os nossos votos tornam-se responsáveis por esses e outros problemas sociais, que nunca são resolvidos, que nunca saem da pauta dos discursos de palanques, de hipócritas promessas.

Nossas crianças apenas servem durante campanhas como bandeiras para projetos falsos que nunca saem das gavetas dos políticos!

Chorei pelo caminho de volta pra casa. Busquei consolo, palavras de apoio, de segurança, e soluções nos braços acolhedores do meu marido, que se comoveu e se revoltou a cada palavra que eu proferia, contando-lhe o que vira, o que estava sentindo e como era pesada a tristeza, como era insuportável a amargura que eu fora buscar lá, o quanto precisava do apoio dele

para lutar e conseguir, de algum modo, acabar com tamanha miséria, mudar o aspecto daquelas crianças desprezadas, salvá-las da morte certa, sem dúvida alguma seriam vidas ceifadas precocemente.

Tinha que pôr no meu programa encontrar uma casa que pudesse abrigá-las. Percorreria se fosse preciso todos os órgãos Públicos, recorreria ao que fosse pois não podia aceitar colocá-los em qualquer lugar, era lógico que eles estavam naquele endereço da Morte porque fora a única esmola desgraçada que lhes caíra nas mãos, mas pelo que ouvi deles, o que eles, subentendi, almejavam era vida decente, reintegração á sociedade, não a FEBEM, nem qualquer albergue, prisão, reformatório, pocilgas, eles queriam posicionar-se na vida como todo ser humano, por isso haviam se atirado nas ruas. Seria tão difícil perceber a revolta daqueles seres humanos? E o que faziam por eles os Poderes Públicos?

Jogavam-nos em qualquer lugar, porque não eram cumpridas e falhas as prioridades que as leis ditavam!

Uma vergonha! Uma maldade que jamais poderia ser perdoada.

– Temos mesmo que fazer alguma coisa, quem sabe alguém poderá resolver isso. Há sempre um meio.

Meu marido ficou indignado. Vi estampada em seu rosto uma expressão que nunca esquecerei.

Quanto devia a ele pelas suas atenções, quantas vezes em meio a reuniões importantes de negócios, atendia-me interrompendo seu trabalho.

Ainda com a emoção de dor e de revolta, estufando meu coração, telefonei para o doutor Salim Curiati, que por ser Secretário do Bem Estar Social achamos que poderia fazer alguma coisa por aquelas crianças.

Minha voz saía engasgada, apressada, contando-lhe e cobrando o possível e o impossível sobre o que vira, passando-lhe a dor que cutuca, que provoca, que pede atitude.

Revelei o que ficara marcado com as crianças, tudo que fiquei sabendo durante o tempo em que estive no alojamento nojento, como que num estado de hipnose, movida pela revolta da maior dor que alguém pode sentir diante de quadro tão monstruoso.

Confirmei que estaria presente e que daria apoio ao que aconteceria no dia doze de outubro, dia consagrado às crianças.

Não, não era uma ameaça, nem atrevimento de ninguém, mas um fato que se realizaria independente de qualquer coisa contrária ou a favor.

As crianças que viviam pelas ruas iam fazer uma passeata pela Avenida 23 de Maio para que as vissem, andrajosas, esqueléticas, uma procissão de anêmicos, de caquéticos, para exporem o que estavam passando, como estavam vivendo, para que o povo tivesse consciência e visse a Verdade com os próprios olhos, para que se comovesse, que agisse, participando do movimento que seria iniciado para acabar com tão absurda atrocidade!

Precisamos mandar comida que preste, variada, o razoável que seja substancial pelo menos, o básico, arroz, feijão, uma mistura, o suficiente para alimentá-las, estão todas subnutridas, precisam de alimentos sadios, que as recupere, cobertores, por favor, roupas, agasalhos, elas estão congelando, morrerão de frio. É preciso higienizar o lugar, tratá-las como seres humanos e não como bichos desprezíveis, por isso, por esses motivos tão miseráveis é que se entregam às drogas, porque não têm ninguém por elas, e quando aparecem entidades que se propõem protegê-las, jogam-nas em depósitos de caixões de defunto, como se prognosticando o que lhes reserva o futuro e o que desejam a elas, morte, fome, loucura, crime! Acho que despejei! Pacientemente, esse grande amigo me ouviu e prometeu me atender em tudo que fosse possível, mas não podia atravessar certas barreiras, ultrapassar

seus limites, que eu procurasse um setor responsável. Então achei que deveria voltar a procurar a presidenta do CASA, a senhora Lucila de Lakman.

Minha Guerra

Inexperiente, e ás cegas entrei de peito aberto numa imprevisível guerra!

Telefonei imediatamente para a senhora Lucila de Lakman e lhe pedi que tomasse providências, que tal situação com as crianças alojadas no depósito de caixões de defunto não podia continuar.

Contei-lhe tudo a respeito, com a mesma indignação com que falara com Gilberto, e com Salim Curiati. Era urgente, visto tratar-se de algo tão degradante.

Ela não gostou por eu me intrometer, parecia que estava criticando-a, cobrando o que não me dizia respeito. Deu mil explicações e justificativas, que eu não sabia nada, não entendia nada, que não imaginava no que estava me metendo, que ela envidara esforços que eu nem podia calcular, que tudo o que conseguira fora aquele lugar arranjado ás pressas, pela insistência dos pedidos da Igreja da Sé, que o que fora possível arranjar fora só aquele mesmo e que graças a Deus

havam conseguido pelo menos tal pocilga, como eu disse que era, que o pavor pela tragédia da Candelária tivera tais resultados, pusera a todos em desespero para salvar as crianças de outra chacina igual ou pior. Não existiam outros lugares onde alojar tantas crianças, eram muitas.

Alguns apartes colocaram pontinhos nos is, que quando as crianças saíam para as ruas voltavam depois sem os cobertores que levavam e largavam em qualquer lugar, que não prezavam nada, que não tinham cuidado com as coisas que lhes davam.

Ouviu como que prevenida, como se estivesse muito aborrecida com a minha insistência com as minhas reclamações.

Justificava tudo, sempre demonstrando que eu não tinha direitos para intrometer-me, que nem sequer podia calcular no que estava me enfiando, que eu ia apanhar muito pela minha inconseqüente ingenuidade, até entender até onde conseguimos e podemos chegar.

Mesmo assim prometeu tomar providências, que ia fazer uma sindicância e vistoria no “depósito de caixões de defunto”, higienizar o local, a pocilga, como eu denominara, iria pôr em ordem e tudo o mais que fosse possível. E cumpriu, realmente na medida do possível!

Como resultado, foi suspensa a passeata que seria feita na avenida vinte e três de maio. Telefonei para o padre João, contando-lhe o que havia conseguido. Ele confirmou que o CASA tinha enviado agasalhos, cobertores e algumas coisas mais.

Desde aí eu me meti e me envolvi em mais problemas! Dos mais sérios.

Por ter que falar com homens do Governo! Recorrer a eles.

O fato é que as pessoas do meio político já estavam curiosas, perguntando quem era eu, quem estava por trás de mim, fazendo tanta agitação, metendo-se em assuntos que não eram da *nossa* alçada, que não *nos* dizia respeito, ao que lhes respondia firme, indignada, que não era nossa, porém minha, exclusivamente minha atitude, que não existia nós, mas apenas eu. Somente eu, que a essas alturas já estava me sentindo uma louca, uma doida acelerada, acionada por uma dor que não sarava dentro de mim, lembrando cada uma das expressões daqueles rostinhos, infelizes, corpos tão magricelas, tão sofridos, caretas de drogados, cara de abandonados, perdidos num mundo de cegos e surdos para eles.

Louca, sim, de dor e de revolta, de Vontade de Vencer tudo aquilo, de mudar o cenário, tantas vezes

usados para campanhas políticas cheias de promessas de acabar com tal miséria, mas acho que, em verdade, tais fatos ficavam engavetados para serem novamente usados nas plataformas e palanques das futuras eleições, por homens ambiciosos, sem comiseração, trancados em ideais onde tal classe jamais entrava!

Só pautas em projetos guardados em cofres de assuntos reservados para angariar eleitores, que sempre seriam traídos, enganados com outros empreendimentos que sempre revertiam em benefícios deles próprios, haja visto o que se fica sabendo pelas constantes denúncias e CPI.

Só investiam em empreendimentos que dessem retorno financeiro, para guardarem seus lucros nos cofres suíços. Que retorno poderiam ter de tais crianças? Ora! Projetos! Só para empreiteiras! São Paulo está virando mesmo um queijo suíço tanto furam aqui furam ali, mas também, só faltava mesmo o queijo porque as crianças já proliferavam denominadas por eles como ratos dos esgotos da vida!

Ingênua, inexperiente, deparando com tantos obstáculos e explicações que não justificavam nada, senti-me louca, sim, pela coragem de me manter firme no meu propósito, porque sabia o que queria, qual o meu objetivo, onde pretendia chegar, por isso já estava incomodando tanto!

Quanto mais difícil mais arrojada! Quantos mais obstáculos mais força em mim! E ia aprendendo. E ia saltando todos os obstáculos, com minha perseverança, recorrendo a tudo que aparecesse pela frente, insistindo e reivindicando, sem jamais me intimidar ou esmorecer.

Entretanto, não bastava minha força de vontade e determinação porque a cada passo dado uma complicação degenerava em críticas e suposições erradas quanto aos meus reais interesses empenhando-me tanto em um projeto sem estatutos, sem planos delineados, sem documento algum!

O único documento era o meu sentimento, a minha proposta falada com a voz do coração, o apoio do meu marido, a colaboração dos meus filhos que imbuíam-se também de mais ansiedade para que eu conseguisse realizar o sonhado evento.

Rascunhávamos idéias, elaborávamos planos, fazíamos listas do que gastávamos e do quanto mais precisávamos, estudávamos meios, e os planos e meios, saíam sempre do bolso do meu marido, a cada necessidade surgida, incentivando-me sem pôr preço a nada, ao contrário, o valor de tudo estava pautado na alegria que proporcionaríamos *às crianças de rua*. Abominável denominação!

Fizera até uma lista dos nomes que usavam para referirem-se a eles, nomes que ouvia em cada lugar por onde passava, crianças carentes, marginalizados culturais, pivetes, uma senhora referira-se a eles com rancor, *esses animais*, e olha que ocupa até hoje elevado cargo como benemérita socialista. Até de *esses bandidinhos*, ao que me propus que seriam cognominadas e identificadas, um dia, que teria que ser bem próximo, de, Crianças de Santa Fé!

Nas minhas andanças Adriana e Liliane, quando não tinham aula, podendo escapar dos seus afazeres e obrigações, acompanhavam-me.

Às vezes levava Bruno e Paulo comigo, aliás Paulo sempre estava por perto e fazia seus apartes, suas colocações cheias de noções sonhadoras de menino marcado para ser o baluarte da minha esperança maior. Porque Paulo nasceu e veio para mim para ser uma Bandeira de Amor que está tremulando, eternamente hasteada no infinito território da minha alma! Está fincada na terra do meu coração, terra que floresce sonhos, ideais, coragem para realizações beneméritas, filantrópicas, por pouco que seja o que possa doar de mim, sendo esse pouco o tudo que eu tenha e reservo para um propósito único referente às crianças que não quero ver perdidas pelas ruas, mas passeando de mãos dadas com seus protetores, pais, amigos, irmãos, pelas

praças, pelos jardins, pelas ruas limpas, varridos todos seus pecados, livres de todos os perigos que rondam e sujam calçadas e boicotam pelas esquinas!

Cidade livre! Santa! Amada!

Porque salvou suas crianças! Assim eu sonho! Sonharei a vida inteira até que não hajam mais manchetes sangrentas sobre crianças miseravelmente á margem da sociedade!

A cada passo ia aprendendo como agir e descobrindo que haviam muitos núcleos governamentais, que denominavam Associação, Unidade do Bairro tal e outras referências, como as CASAS ABERTAS.

As Casas Abertas cuidavam das crianças, com atendimento diário, á tarde, mas á noite fechavam portas, parava o atendimento. As crianças que não tinham casa e família para onde voltar, ficavam perambulando pelas ruas aos azares do tempo e dos maus elementos que as abordavam para usá-las nos crimes dos quais eram mentores, instruindo-as para roubar, e assaltar. Por serem magras e pequenas podiam entrar pelos vitrôs das casas.

Ao estender a mão para pedir esmola, preparavam a vítima para ser assaltada pelos maiores que ficavam de tocaia e apareciam de repente, limpando o incauto

de tudo que podiam, dos tênis, do relógio, da carteira, até das roupas, deixando o pobre infeliz de cueca, às vezes até sem!

JEAME (Jesus Ama Os meninos), sigla de uma entidade religiosa que trabalhava com crianças.

Tinha um projeto para drogados, e em nome de Jesus iam conseguindo a duras penas.

Com muitos feitos positivos e dignos fui deparando na minha caminhada, sendo instruída e aconselhada por pessoas nobres que, não podendo com seus poucos recursos, sem subvenções ou ajuda de espécie alguma, lutando para conseguirem subsídios junto á Prefeitura e onde quer que pudessem receber apoio para poderem manter seus abrigos, orfanatos, guetos, enfim, o lugar onde tentavam dar condições de vida ao menor de idade, desejavam-me boa sorte e iam indicando quais meios e lugares eu teria ainda que percorrer.

Não seria assim que eu chegaria ao meu intento, sozinha, sem respeitar ou conhecer as leis que poderiam abrir portas ou bater portas na minha cara.

Foi desse modo que adquiri o livro especializado! Específico! Onde aprenderia todos os estatutos e leis sobre o mundo que eu estava invadindo sem pedir licença!

Foi minha primeira continência folhear e ler com atenção palavra por palavra, letrinha por letrinha, até as entrelinhas o ECA! “ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE”!

Nesse livro encontrei tudo referente a Entidades de Atendimento. Um pequeno exemplar, de bolso, publicado pela Editora Rideel. “Organização dos Textos e Índices, por Nello Andreotti Neto”, edição de mil novecentos e noventa, com as leis revistas e atualizadas.

Leis que foram criadas para a proteção da Criança e dos Adolescentes, do menor de idade, literatura específica que só interessados conhecem e sabem existir, que só tive conhecimento da sua existência, porque alguém me falou sobre ele.

Com seu modo ponderado Gilberto alertava-me, para determinadas formas de agir.

– Lilian, com as informações que você vai colhendo acredito que saberá quais caminhos seguir, como agir e o que precisa fazer. Você tem saído às cegas, movida por seus sentimentos. Já conseguiu além do que poderia outra pessoa mais avisada que você. Acho que bem estruturada com esses Estatutos e informações sobre os quais falou, você chegará onde pretende, porque não existe nada que a desabone e que tire seu direito de ter sua unidade filantrópica para as

crianças, nem que dure apenas um mês, como é o seu propósito.

Praticamente decorei o ECA! Fiz até uma listinha das obrigações, e um lembrete do Parágrafo único:

Parágrafo único: As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder a inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento na forma definida neste artigo, junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária.

Art.91.— As entidades não governamentais somente poderão funcionar depois de registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual comunicará o registro ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária da respectiva localidade.

E abaixo as restrições e encargos obrigatórios para que as Entidades, Associações, Unidades ou Abrigos como fossem denominadas pudessem funcionar.

Considerarei todas as cláusulas fundamentalmente necessárias e válidas, tão importantes que deveriam ser cumpridas com todo rigor. O pequeno livro valeria como uma verdadeira bíblia nas mãos de um religioso de fé. Tanto assim que a Lei N° 8.069, de 13 de julho

de 1990 teve *aura* do Presidente. Essa a abertura da minha pequena bíblia:

– *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências – O Presidente da República: – Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: – Assim abre-se o livrete.*

O ECA apresenta os seus artigos. Das Disposições Preliminares, Seus códigos, obrigações e restrições, de acordo com a idoneidade das pessoas que estavam ligadas ao projeto tinham eco para a nossa existência e nada que pudesse servir de motivo para que não déssemos andamento aos nossos planos que estavam bem inseridos nos programas de proteção e sócio-educativos, embora nos limitássemos a uma festa natalina, além do que a manutenção era toda feita exclusivamente por nós.

Fiquei assim inteirada, graças ao ECA que o meu marido me deu de presente, sobre a existência dos CONSELHOS TUTELARES, que se localizam em cada Município, e é composto de cinco membros *escolhidos pela comunidade local*. Dos quais exigem-se os seguintes requisitos:

– 1– *reconhecida idoneidade moral; 2– idade superior a vinte e um anos; 3– residir no município.*

Para fazer valer suas leis, qualquer coisa que envolva crianças, qualquer que seja o projeto que alguém elabore e queira realizar tem que ser registrado e reconhecido e aprovado pelos requisitos exigidos, caso contrário, em nome de suas leis será impedido no seu prosseguimento.

Não vou me estender falando sobre a burocracia de documentos e toda papelada exigida. Elaboramos tudo de acordo com os requisitos e registramos o Projeto Santa Fé, imediatamente no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Senti-me segura e feliz com os documentos assinados, com a autorização legal para prosseguir no meu propósito.

Enfim, achei correto e bem sacramentado! Afinal temos um governo! Governadores, prefeitos, deputados, vereadores, um presidente! Leis! Estatutos!

Câmara Municipal! Assembléia Legislativa! Os Poderes Públicos! O Palácio do Planalto! Brasília! Somos todos cidadãos, com R.G. CPF. Título de eleitor!

Até quando morremos temos que prestar contas com nosso atestado de óbito! Como não prestar contas do que fazemos, enquanto cidadãos civilizados, empenhados em colaborar em alguma coisa para melhorar nosso país.

De Carteira Assinada!

Fu não era uma pessoa isolada por ser livre para ir e vir, teria que ter passaporte e comprar bilhetes, e identificar-me com meus documentos, onde quer que fosse necessário apresentá-los. Quanto mais partindo para uma missão dessas! Muito certo! Corretíssimo!

Senti-me mais segura, pois é certo que a gente se sente melhor, quando apresentam-se meios para orientar-nos, avaliar nossos projetos e aprová-los, prestando continência á Nação! Tudo tem que ser sempre bem documentado, registrado, reconhecido e aceito!

Mergulhei nas minhas ponderações rebuscando o passado. Assim fora, há mais de dezoito anos atrás, quando dei vazão á um projeto, que meu marido também apoiou porque achou que valia a pena, com a contratação de uma senhora que se apresentou para trabalhar conosco e se tornou em pouco tempo, pela sua eficiência, educação e simpatia, uma grande amiga nossa, a fiel Mara Lopes!

Abrimos a TRANSJET. Uma Agência de Turismo que idealizei para dar suporte a mulheres que gostassem e quisessem viajar sozinhas. Em princípio acharam minha idéia muito avançada, mesmo assim consegui implantá-la, visando o interesse da mulher que desejasse descansar e tratar-se num lugar especial, todinho elaborado para ela! Passei a idéia para Ala Sherman que vibrou com esse projeto, pondo-o em prática com toda sua pujança de mulher vencedora. Ala abriu um Centro de Beleza num Hotel do Guarujá, Hotel Casa Grande, onde, além de nutricionistas tínhamos aparelhagem completa, para terapias especiais, com ginástica, fisioterapia, tudo enfim para tratamento não só do corpo para a beleza da mulher, como do espírito para uma adequação melhor com a vida!

Teci analogia entre esse empreendimento com outros do passado, e nenhum me trouxe lembrança de tanta dificuldade, mesmo sentindo o sabor amargo da decepção, não pelo projeto ter fracassado por não ter sido bem implantado e corretamente administrado, mas pelos motivos pautados em preconceitos que o cercearam.

Transcorria época, quando maioria das mulheres não definia posição de luta pela sua emancipação.

Deparamos com restrições sociais que intimidavam a classe feminina, pois não se atreviam ainda usar o direito de ir e vir, sem que julgasse que deveriam estar sempre acompanhadas.

Mulher agindo, saindo, planejando, que fosse a mais benemérita e auspiciosa idéia para um bem coletivo, sozinha não era aceita e nem bem vista.

A TRANSJET vendia pacote de uma semana para mulheres estressadas, com problemas de saúde, emocional ou físico, de acordo com os itens relacionados que poderiam ser atendidos.

No programa de tempo em que hospedavam-se na Clínica de Ala Sherman, as pacientes eram submetidas a exames e posteriormente a adequados tratamentos feitos também por outros terapeutas especializados.

Nunca houve um problema, nada que pudesse pôr em dúvida os métodos empregados no Centro de Beleza, ao contrário surpreendiam-se todos com a recuperação quase que imediata, com a disposição e saúde com que as clientes retornavam aos seus lares.

É indiscutível o que se pode sempre pautar de credibilidade dessa extraordinária personalidade que é Ala Sherman.

O sucesso espalhou-se de tal forma que atendíamos pessoas de todo Brasil.

Ala, nessa época tinha um programa na televisão, assim fizemos algumas reportagens, com entrevistas que garantiram a validade desse projeto que visava a saúde e bem estar da mulher.

A divulgação estendeu-se em Feiras e Exposições, mas, quando pensávamos que estávamos atingindo nossos objetivos começamos a deparar com problemas, cada vez mais sérios, ocorrendo seguidamente cancelamentos da compra dos pacotes, mesmo com as promoções que fazíamos.

Explicações e desculpas eram sempre as mesmas, referentes á intromissão dos familiares e amigos que censuravam o fato da mulher querer viajar sozinha e enfiar-se num Hotel, para tratamento de beleza, tivesse o resultado mais positivo, não era coisa de se olhar com bons olhos, absolutamente não ficava bem uma mulher viajar sozinha!

Desse modo fomos sentindo uma queda sensível no movimento até que tivemos que redimensionar a agência, pois os telefones emudeceram e os comentários explodiam nos preconceitos que conseguiam ainda algemar pulsos de mulheres que ousassem estender as mãos para criar algo, por mais reconhecido fosse seu valor, amarrando-lhes as pernas

para que não dessem passos além das linhas demarcatórias da sua liberdade que delimitavam seu território e, esparadrapavalhes a boca para que não gritassem suas idéias.

Engraçado! Muito! Porém, o que resta é aplaudir o que evoluiu e apareceu depois disso. O famoso SPA! Em todo canto, em todas as cidades vão abrindo, um SPA após outro. E mais! Agências que estouram sucesso, vendendo pacotes e publicidade como a TRANSJET fazia!

Quanto a Mara, ela e eu não nos separamos nem quando fechei a Agência. Convidei-a para trabalhar comigo no Projeto Santa Fé, pois precisava de uma pessoa capaz e dedicada para coordenar e ajudar-me na administração, e ela seria perfeita.

Agradeço sempre a ela, abençoando-a de coração por ter enfrentado comigo, e quantas vezes sozinha, inumeráveis problemas sem nunca desanimar e sempre buscando soluções. Mulher amável, forte, grande, decidida, incansável e amorosa, agarrada a esse ideal que deve ser missão divina que Deus lhe jogou nas mãos. O Projeto muito deve a essa mulher que todos que a conhecem admiram e respeitam.

É bem certo que cada um de nós, que viveu todo esse trânsito, que passou tantos problemas, que enfrentou tanta inveja, que sofreu tantas disputas, que

foi alvo das mais absurdas críticas negativas, que soaram em palavras de calúnias calcinantes, tem sua história pra contar.

De cada um dos meus companheiros sairia um grande livro, revelando mais e mais e incontáveis fatos sobre essas crianças.

Não pensem que sei tudo a respeito! Do tudo que aprendi ficou muita coisa a desejar pelas mudanças que vão operando-se, pelos interesses políticos e deixa pra lá senão vou entrar em áreas das quais não quero nem lembrar, creio entretanto que nem é preciso entrar no mérito dessa questão que é o retrato mais feio do nosso país, dessa espurcícia que degrada a todos!

Melhor ficar por aqui, se conseguir calar-me, e seguir minha trajetória que foi o caminho de todos que me deram a mão, pois é certo que cada um se vê em mim nos relatos que faço, pois embora mentora do Projeto Santa Fé não o fiz sozinha, apenas lutei pela idéia que achei fosse única, e graças a Deus, não era!

Instruída de acordo fui direta aos lugares, onde poderia esclarecer e definir minha atuação no Projeto, dirigindo-me então, cheia de esperanças, ao Conselho Tutelar da Sé, correspondente à região, órgão de onde fiscalizam entidades de atendimento, governamentais ou não.

Ali fui muito bem atendida, por uma conselheira bem jovem, uma mocinha de nome Fátima. Com ela também aprendi muitas coisas que ignorava pelas instruções que me passou.

Um dos conselheiros apresentou-me a senhora Márcia Ventura Dias, o que sem dúvida foi providencial, pessoa muito agradável e atenciosa. Além do mais, com farta bagagem, muitos anos de profissão, Psicopedagoga, um invejável cabedal de cultura, de largas experiências e conhecimento sobre leis, educação e o mais importante, tudo o que se refere ao menor de idade, o que diz respeito a ele, segundo os regimes de atendimento e a sua evolução desde o movimento nas ruas, nos abrigos, nas Entidades.

Declarei para ela tudo o que pretendia, o que já havia feito, o que conseguira e o que desejava realizar, ao que percebi seu interesse, quando ao meu tímido convite, mostrou-se feliz em poder participar do Projeto Santa Fé. Essa mulher com tantos quesitos de profissional de peso, conhecedora de leis para tudo encaminhar e dar certo, era milagrosamente, o que faltava! Entendi que me fora enviada por Deus, que ela seria meu braço direito, a *general-de-brigada*, a que faltava no meu exército, a pessoa que nosso Projeto precisava.

Jesus o maior líder de todos os tempos precisou de doze apóstolos, como caminharíamos sozinhos?

Entre eles estava Judas, um único traidor! Quem somos nós para não depararmos com dúzias de JUDAS, pessoas que por prepotência ou vaidade tentavam entrar o processo natural do andamento do Projeto, para não quererem dividir com outros, méritos e posição de vanguarda!

Mas graças a Deus, conseguíamos desenterrar e ajeitar as coisas, imunizados pelo escudo da nossa Fé, contra olho mau, e nada temíamos porque éramos felizes quanto aos nossos propósitos pois só visamos benefícios para as crianças, enquanto o invejoso sofria por visar seus próprios interesses, querendo receber os louros, aplausos, louvores e honras de reconhecimento público, sozinho, por vaidade, exibindo-se, no afã de se destacar em tudo, sem nunca parar para pensar que a humildade era o que dava força e ânimo para seguirmos no nosso empenho sem nunca cairmos no laço do passarinho!

Todos sabíamos quem era quem, mas acordávamos que fosse movido por amor às crianças e ao Projeto ou por querer ser maior do que conseguira, em feitos, por vaidade, desde que trouxesse bons resultados em prol das nossas crianças, que se estufasse até arrebentar, que lhe passaríamos as glórias,

daríamos o aplauso pelo qual se esmerava, porque, olhos abertos, atentos a tudo, nenhum de nós tropeçaria pela espichada do seu pé, podia ser que até levássemos um tombinho, mas ao levantar-nos mais motivos teríamos para prosseguir em nossa caminhada, trazendo nas mãos, colhidas do chão, flores e não pedras! Márcia provou com sua dedicação que era um dos soldados de fé! Ela era tudo o que de melhor encontrara para poder concretizar o sonhado evento da *Árvore de Natal*, a maior árvore de natal, para a festa das *crianças de rua!* Do *menor* abandonado!

Crianças de rua, não! Não podemos referir-nos a elas assim. É discriminativo! Não podemos, nem menor! Devemos dizer, menor de idade! Só existe uma classe de crianças, categoria universal de criança: as comuns e totais!

Palavras são contundentes, vestem e despem, aumentam e diminuem. Isso é maravilhoso! Realmente não me agradava referir-me a elas desse modo, que é o jeito como a maioria fala. As pessoas devem entender que não se deve denominá-las assim, porque é discriminativo, feio, duro! Crianças de rua, não! Crianças da Santa Fé! Todas quantas pudermos reunir, que pudermos recolher, que pudermos fazer feliz, no mais bonito dia do ano!

Até hoje, substituindo-me, quando decidi deixar a presidência da Entidade, por motivos pessoais, Márcia Ventura Dias, continua, presidindo o Projeto Santa Fé.

Seria Apenas Um Natal!

Juntas, então pudemos dar andamento ao Projeto como manda a lei!

A essas alturas eu já andava, freqüentando o CPA M1 direto, onde encontrava toda colaboração que ia buscar, com o mais carinhoso atendimento, agilizados, rápidos, no visível interesse, muito humano, por parte de todos, desde a mais expressiva autoridade ao mais simples soldado.

Ainda às cegas eu misturava tudo, não entendia muito bem sobre divisões dos órgãos públicos, dos Ministérios e Secretarias, por isso ignorava, que na época, a Pastoral não se bicava com a Polícia Militar, que as Entidades que trabalhavam na Praça da Sé não tinham relações amistosas, não se gostavam, que eu não podia misturar Casas Abertas, que pertenciam ao Governo, com o trabalho da Prefeitura, ou mesmo com órgãos não governamentais, assim consegui fazer uma confusão danada, obrigando-os sem que percebessem ou pudessem entender o que estava acontecendo unirem-se pelo mesmo objetivo,

juntando num só Projeto todas as crianças. Vi, várias vezes, a Irmã Ederly, cuidando das crianças. Era muito querida. Não sei a qual Entidade pertencia, mas vi que era uma alma caridosa e que as crianças rodeavam-na.

Foi mesmo um tanto quanto complicado quando conseguiram me fazer entender o significado de cada Entidade, de cada Instituição, quem era este e quem era aquele, quem dirigia quem e etecetera e tal, com tantos diálogos e insistência da minha parte que acabamos combinando que cada grupo convidaria e levaria suas crianças para participarem do Projeto Santa Fé. Ficou estabelecido que a idade máxima de cada criança seria até dezesseis anos.

De cada grupo, ficaria nas instalações do Projeto um responsável para supervisionar todo trabalho em andamento e inspecionar seu grupo de crianças, a fim de atendê-las se surgisse algum problema.

No momento em que as crianças ingressassem no Projeto Santa Fé seriam imediatamente encaminhadas para os nossos educadores, que seguiriam a programação elaborada por pessoas de critério abalizado pela profissão exercida durante anos de dedicação, e, pela vontade de ajudar!

Logo no primeiro dia seriam recebidos e recepcionados por circenses, palhaços, sobre andas, conhecidas como pernas de pau, caricatas, todo tipo

de artista que lhes falariam entre brincadeiras sobre as regras que deveriam respeitar no acampamento.

Pra começar cada um deles receberia uma mochila com material de higiene e camisetas da Santa Fê que usariam para identificar que pertenciam à nossa unidade.

O primeiro passo seria o banho matinal, trocar de roupa, tomar o café farto, como primeira refeição do cardápio feito por uma abalizada nutricionista.

Em seguida seriam encaminhados para as oficinas, onde aprenderiam artesanato, o que consistia de idéias trocadas e desenvolvidas com um educador, em enfeites para a árvore de natal.

Tudo transcorreria numa coordenação de horários determinados, segundo os endereços de cada grupo. Assim, pela manhã um ônibus estaria á espera na Rua 23 de Maio, para pegar as crianças que quisessem participar, e que retornaria às 13:00 hs. ao mesmo local, levando as crianças de volta, limpinhas pelo banho tomado, roupas trocadas, cabelos cortado, higienizadas, bem alimentadas pelo lanche matinal e pelo almoço balanceado, para torná-las crianças bem nutridas, e saudáveis.

À essa altura, outro ônibus faria a linha Santo Amaro, trazendo para as instalações do Projeto Santa

Fé, outros grupos que tomariam banho, trocariam roupas sujas por roupas limpas, isto é as camisas ou camisetas com logotipo da Associação, almoçariam e seriam levados para as oficinas de trabalho, onde mostrariam suas habilidades manuais ou sua inteligência com sugestões e novas idéias na elaboração dos enfeites.

Teriam tempo suficiente, para reconhecerem o que seria melhor para elas.

Teríamos que agir com cuidado pelo fato de que nunca haviam se submetido a horários e disciplina, para que se familiarizarem sem esforço ou imposição, proporcionando-lhes o que lhes era mais caro pelo tempo que desfrutavam da liberdade, a própria liberdade, de decidirem por si próprios o que queriam.

Quem quisesse ficar continuaria, quem quisesse ir embora, não impediríamos, apenas criaríamos de conquistar cada criança, levando-as a terem interesse, em princípio pelas prendas artesanais dos enfeites de natal, o resto iria acontecendo aos poucos, naturalmente!

– **F** você pensa, Lilian, que vai conseguir transformar esses lobinhos selvagens em dóceis bichinhos domesticados?!

– Acredita que vai conseguir que um deles, apenas um, se interesse em ficar no acampamento depois que comer tudo que tiver vontade? Depois que enfiar nos bolsos o que puder pra levar pra mais tarde?

– Não queremos desanimá-la, Lilian, mas também não queremos vê-la sofrer a mais triste decepção, quando perceber que faz uma idéia bem errada sobre essas crianças.

– Elas não respeitam ninguém, não se submeterão a nenhum horário...acho bom você desistir antes que o mundo afunde sob seus pés...

– Essas crianças não têm responsabilidade, Lilian. Não aceitam qualquer tipo de trabalho, vão faltar se é que ficarão lá pelo menos um dia inteiro...

Ao que respondia, convicta, argumentando que se todos continuássemos unidos no propósito exposto tudo daria certo, então amansaríamos os lobinhos que se transformariam em lindos carneirinhos para enfeitar um presépio ao lado da árvore de natal!

Seria lindo e eles teriam como recompensa o fato de que tudo transcorreria bem, e Deus os abençoaria por levar á sua Fé as suas criancinhas, pois Ele não dissera: – Deixai vir a mim as criancinhas!

Ouvi, nas reuniões, a cada encontro com os responsáveis pelos grupos de crianças, das Instituições,

comentários como esses, que não eram maldosos ou desanimadores, mas conselhos de pessoas que conviviam há muito tempo com as crianças, que eu estava olhando com olhos fantasiosos e que me decepcionariam.

Pessoas, que apesar de todas as dúvidas e certeza de que meu programa não daria certo, continuavam apoiando-me em tudo, sempre ao meu lado, empenhadas em colaborar em qualquer circunstância, ao que pensei, que lá no fundo delas uma esperança brilhava com sua luz positiva, que alguma coisa haveríamos de conseguir daqueles pequenos seres rebeldes!

Que poderia responder além do que acreditava, com todo Projeto pronto, em ação, tantos dias dedicados ao que melhor pudesse conseguir para receber os ilustres convidados, cujo primeiro endereço pensei que fosse os jardins da Praça da Sé, as escadas da Catedral, onde nos meus primeiros passos para encontrá-las tive a minha primeira decepção.

Entretanto, estava ali, com Marcia ao meu lado e tantos outros, até padres, gente de todas alçadas, como o maravilhoso coronel Nakaharada, Salim Curiati, grandes empresários, amigos que me ajudaram tanto, a Polícia Militar e a Civil com seus representantes mais dignos!

Como desistir?! Como não acreditar que aquele material de carne e osso, de alma e sonhos, não se rendesse ao amor que todos juntos ofereceríamos a eles, para que aprendessem que o Amor existe, sim!

Não seria uma figura mole, subserviente e sensível a decepções que pudessem querer me ferir, tentaria tudo do jeito que meu pensamento ditava e imporia disciplina, pois o Projeto tinha regras que deveriam ser obedecidas. Eu fazia a minha parte e cada um deles entraria com o que ficara proposto, assim veríamos se realmente valera a pena tanto empenho!

Primero dia! O dia mais aguardado! Não só por mim, por todos que colaboraram no Projeto Santa Fé.

Meu marido logo cedinho olhou-me sério, depois sorriu, passou a mão pelo meu rosto e animou-me:

– Tenha fé, querida, tudo vai dar certo!

– Não consegui dormir, pensando...

– Percebi, mas achei conveniente ficar em silêncio, se eu começasse a falar aí sim é que você não dormiria mesmo, achei que o silêncio lhe faria bem...

À mesa do café, meus filhos a postos, preparados para o primeiro grande dia, quando receberíamos as

crianças no alojamento, no qual não faltava nada, super equipado, aguardando!

– Nós queremos trabalhar com eles nas oficinas...

– Claro!

Respondemos uníssonos eu e Gilberto.

As crianças riram, estavam ansiosas, entusiasmadas tanto como quando preparamos malas para ir á Disney World ou a qualquer outro passeio, como esqui, por exemplo, Paulo adorava esqui e sempre me pregava peças, porque eu caía!

Não sei por que naquele instante pensei em esquis e neve!

Fiz o comentário a respeito com Gilberto que sagaz e, querendo me fazer rir, já estávamos a caminho do Parque Ibirapuera, onde nas imediações ficava a rua Acendino Reis, o local do acampamento, alojamento, abrigo, sei lá, enfim a Sede da Associação Projeto Santa Fé, segurando minha mão com força me disse:

– Não tenha medo, Lilian, você não vai cair em nenhuma gelada, já aprendeu a esqui!

Um Dia Muito Esperado!

Primeiro ônibus apareceu!

Todos antes do horário marcado, a postos, preparados para recebê-los com naturalidade.

O ônibus parou. Todos entreolharam-se indignados e encararam-me, como se suspeitassem qual a atitude que eu tomaria diante do que víamos.

O ônibus estava lotado de adultos, maiores de dezoito anos, entre eles apenas algumas crianças.

Confesso que estremeci, deparando com tantos marmanjos, mulheres e rapazes atropelando-se para descer do veículo com ares de quem chegava pra ficar e dominar a situação.

Em silêncio esperei que todos descessem. Encarei-os e de onde estava mais ordenei do que pedi:

– Por favor, todos de volta para o ônibus! Foi avisado que só receberíamos crianças e quem tivesse a idade máxima até dezesseis anos, e o que eu estou vendo não é bem assim...

Os *menores* abriram um berreiro, foi uma choradeira comovente, reclamações aflitas das crianças:

– Eu sou pequeno... sou de menor... eles empurraram os outros, não deixaram entrar, deixa a gente ficar, tia...

– Não é possível! Vocês voltarão outro dia, ou hoje mesmo se o ônibus levar de volta os maiores e trouxerem só os *menores*. Podem subir todos no ônibus e dêem o meu recado, que eu cumpro com o que prometo e que os responsáveis por vocês cumpram com o combinado. Podem entrar no ônibus. Todos! Quando chegar a vez de vocês será a vez de vocês!

À minha volta todos em silêncio assistiam o que estava acontecendo.

Um a um, em silêncio entraram no ônibus, apenas as crianças continuaram chorando.

O ônibus partiu e meus companheiros rodearam-me aflitos:

– Lilian! O que foi que você fez?! Como teve coragem de mandá-los embora! São elementos perigosos! Podem querer se vingar!

– Acontece que se não mostrarmos que nossas regras têm que ser respeitadas os mais velhos continuarão dominando, mandando, os menores

fazendo tudo o que querem. Comigo, não! Terá que haver disciplina. Nós precisamos ser respeitados!

Logo recebemos telefonema do responsável pelo grupo que eu mandara de volta, pedindo desculpas, mas fora impossível impedir que os mais velhos empurrassem os menores e fossem no lugar deles, que isso não iria acontecer mais, pois haviam aprendido a lição, e como argumentou, ficariam na deles. Apesar das apreensões e temores, do clima que se criou entre nós, nada aconteceu, nenhum deles apareceu para nos criar problemas.

Não nego que me arriscara. Jogara com tudo. Fora uma atitude tomada por um sentimento que me assegurava que teria que agir com eles desse modo, mas com a intenção maternal das mulheres que visam o melhor para seus filhos e até na impositação da voz, embora rígida, transmitem amor, carinho e respeito.

Acho que foi isso que passei no meu modo de encará-los, séria, espontânea, todo respeito que sentia por aqueles jovens e que queria que tivessem por mim!

O resultado dessa minha atitude deu a maior credibilidade pra todos, principalmente quando os ônibus começaram a encostar trazendo só as crianças, conforme determinado.

Filas saltavam do coletivo espichando olhares curiosos, desconfiadas, algumas abraçadas umas nas outras, ora empurrando-se, olhando tudo com grandes olhos, arregalados, tomando conta de todos os nossos gestos, como se aguardassem defensivamente uma atitude que temiam, e punham-se de guarda.

Fingíamos não perceber como se sentiam e o quanto estavam apreensivas, ressabiadas, e aproximávamo-nos delas, organizando filas, colocando os menores na frente, preparando-as para que sem receio dessem seus nomes que íamos anotando, e com muito jeito, sem exageros, sem deixar transparecer que do mesmo modo como elas nos temiam nós também temíamos que de repente, num impulso inesperado elas debandassem como gatos assustados e se fossem.

Entre eles vi o garotinho que tomara conta do meu carro e de mim, sorri para ele e ele retribuiu. Ganhara um amigo! Confirmava que ele me ajudaria a estreitar relacionamento com as outras crianças, pois ouvi quando disse para seus amiguinhos mais próximos dele:

– Vamo, pissoal, mostremo qui num temo medo di água! Vamu pru banho!

A essa altura mochilas estavam sendo distribuídas e eles quase metiam a cara pra ver o que tinham

dentro. Então ouvimos muitas exclamações, quando depararam com sabonetes, pasta de dente, shampoos, pentes e toalhas.

Antes de tudo, a prioridade para abrirmos nosso Projeto, a Higiene! Um dos garotos gritou e todos riram, fazendo gozação:

– A lindona num qué ninguém fedendo aqui!

Revidei imediatamente, demonstrando que gostara do aparte:

– Isso mesmo! Obrigada! Você acertou! Queremos todos perfumados, por isso lavem tudo muito bem, principalmente atrás das orelhas!

Houve um zumzum, mas todos continuaram nas suas filas, caminhando, um atrás do outro, passando por suas supervisoras que inspecionavam cabeça por cabeça, fazendo brincadeiras a cada vez que deparavam com piolhos:

– Cruz credo, rapaz, tu tá com a família toda dos piolhos! Vamos despejá-los! Tua cabeça não é abrigo de bicho sujo, não!

Às primeiras brincadeiras os meninos cujas cabeças elas olhavam, com luvas nas mãos, separando os cabelos em mechas e aplicando produto para exterminar os piolhos, pareceram não gostar muito, mas como os que estavam atrás nas filas começaram a

rir e a apontar uns aos outros, aderindo aos comentários, tornou-se mesmo um festival, de matar piolhos:

– Ói qui, tia, pra cabeça desse aqui precisa um carro pipa de veneno pra matar todos piolhos. É um festival completo! Ele tem piolho até no...onde num posso falar...

– Pode sim, pra gente matar o piolho onde quer que ele se esconda...

Foi mesmo uma algazarra e nessa farra os meninos e meninas, separados em grupos para serem levados aos boxes dos banheiros não deram trabalho nenhum.

Que compensadora e extraordinária diferença vê-los depois, banhados, trocados, limpinhos e cheirosos, recendendo a sabonete, á mesa do café!

A rua Acendino Reis estava ficando movimentada com os ônibus chegando todos os dias rigorosamente nos horários, trazendo as crianças e saindo para levá-las de volta.

Parecia milagre! Nem acreditávamos! As crianças iam e voltavam, todos os dias! No rigor dos horários! O modo como as coisas transcorriam, como as crianças aderiam a tudo, obedientes, interessadas em aprender a fazer os enfeites, inventando elas mesmas arranjos

que nos mostravam entusiasmadas, com visível desejo de ouvir de nós palavras de incentivo, que o enfeite estava lindo, que a idéia fora muito boa e seria aproveitada, mas também não se aborreciam quando não acertavam e os professores com toda paciência tornava a ensiná-las.

Logo estabeleceu-se a amizade entre nós todos, porque todos empenhávamo-nos em trocar o que há de mais belo entre os seres humanos que é a Felicidade que nasce do respeito, da amizade, como do simples sorriso trocado entre aquele menininho e eu!

Não vou dizer aqui seu nome verdadeiro, vou chamá-lo de Pedrinho.

Pois bem, Pedrinho era um problema sério para mim. Percebera logo na primeira vez que o vira que era um drogado, que precisava fazer alguma coisa para livrá-lo do vício, por isso estudava como, observando-o de longe, aproximando-me dele do mesmo modo e pelos mesmos motivos que me aproximava dos outros, como para ver como estavam se saindo nos seus trabalhos de artesanato.

Um dia, Pedrinho como que me deu a dica para transmitir às crianças o que acho muito importante, quando ele disse:

– A tia está sempre lindona e tão perfumada! Tem um chero tão bom!

– É sim, e cada vistido lindão!

As meninas complementaram, aspirando meu perfume, enquanto eu passava por elas. Então eu as entusiasmei:

– Mas cada um de vocês pode ficar assim perfumado, bem vestido. É só querer!

– *I* como? Tá sonhando, tia? Só *si* for robando, arrancando *vistido* das *muié* nas rua, pra gente *visti*!

Não era pra rir. Por isso ninguém riu. Mas também ninguém fez cara de que já estava acontecendo o assalto, ao contrário, os comentários dos componentes da equipe da Santa Fé endossaram o que conclui:

– Vocês acham que eu me visto assim por que? Pra agradar vocês, para que reparem como é gostoso andar bem vestido e perfumado. E vocês podem, sim. Todos podem. É só querer! Já estão começando a aprender como realizar vontades, sem precisar roubar. Se quiserem a gente ensina e poderá até sair daqui um grande artista...

Um dos meninos perguntou debochado:

– De cinema? De televisão como o Tony Ramos?

– E por que não? De cinema, de teatro, de circo, e até pode mesmo muitas meninas seguirem carreira de manequim...

– Como?!

As perguntas revelavam que estavam se interessando e a prova disso é que eles iam ficando, cumpriam tudo direitinho. Às vezes alguns me pediam para sair antes do horário, pois tinham um compromisso.

Nunca perguntávamos que tipo de compromisso, pois temíamos melindrá-los e que não voltassem, só ficávamos aguardando que voltassem, estudando meios de entender e ganhar a confiança de cada um deles, para que se abrissem conosco e então pudéssemos ajudá-los, indistintamente.

Pedrinho poderia ser um exemplo, pois mesmo drogado era atencioso, obediente, inteligente, sempre prestativo, às vezes deliberadamente pedíamos a ele que fizesse pequenos serviços, que ajudasse um professor a buscar material no depósito quando faltava, assim íamos ficando mais amigos, mais próximos para que entre uma conversa e outra, uma pergunta ocasional, descobríssemos como induzi-lo a um tratamento para se livrar da droga, que sem que ele pudesse perceber que o estávamos questionando para descobrir o que era que ele usava, onde adquiria, para

que parasse e se afastasse dos elementos que passavam droga.

Recuperado, Pedrinho sem dúvida seria um menino exemplar. Por isso conversei com psicólogos que faziam parte do Projeto Santa Fé.

Combinamos que começaríamos por Pedrinho nosso trabalho de recuperação de drogados, em último caso encaminhando-os para clínicas especializadas, pois haveria de conseguir ajuda, para mais esse problema, mais sério do que todos, por que as crianças não drogadas já eram tão difíceis de serem encaminhadas, precisávamos ser sempre sutis, dar passos curtos em tudo que projetássemos para elas, quanto mais drogadas!

Foi então, alguns dias depois, comecei dar por falta do Pedrinho. Ele não comparecia. Perguntei por ele entre os meninos e meninas. Ninguém o tinha visto. Ninguém sabia dele. Sumira. Fiquei preocupada e comentei com Gilberto. Já passara quase mais de uma semana e nem sinal dele. Gilberto prontificou-se dar uma volta pela Praça da Sé para procurarmos por ele. Na mesma hora animei-me e lá fomos nós dois. Gilberto comentou:

– Lilian, desse jeito você é um chamariz, toda cheia de jóias... é um risco...

– Que nada, Gilberto! E de que adianta tirá-las e guardá-las na bolsa agora, para um assalto serão encontradas ou no meu pescoço, nas minhas orelhas ou nos meus dedos tanto quanto na bolsa... vou ficar assim mesmo...

– Tudo bem!

E ele ficou abismado, quando chegamos na Praça e bandos de crianças rodeavam-me, chamando-me de tia, respeitando-nos, verdadeiros guardinhas de segurança. Ficamos muito emocionados.

Gilberto até hoje faz comentários a respeito, desse dia em que crianças temidas por toda sociedade rodeavam-nos felizes por estarmos entre eles, como se fôssemos uma visita á qual honravam do seu jeito.

E fala sempre para as pessoas:

– Acho que Lilian é a única mulher que passou pela Praça da Sé com Rolex de ouro e não foi roubada!

Infelizmente nunca mais vi Pedrinho, nem tive notícias dele. Em todas minhas andanças, mudanças, lugares aos quais ia, alongava meu olhar ansioso á procura dele. Não vi. Nem notícias consegui. Não quis nem imaginar o que poderia ter acontecido com ele. Não quero pensar. Nego-me até a voltar tocar nesse assunto, pois me doe muito.

Felicidade Triste!

Fizemos avaliações estabelecendo a diferença entre as crianças pelo comportamento de cada uma, pelo grau de escolaridade, pelos sentimentos que demonstravam, pelas atitudes no relacionamento com os educadores, como reagiam ás instruções que recebiam e ás regras impostas.

Se pediam para sair mais cedo eram atendidas, mas não admitiríamos que saíssem sem nossa autorização que nunca negávamos, pois queríamos que voltassem, se chegassem atrasados pediam para deixar entrar e nós deixávamos sem comentários.

Continuávamos tolerantes, porque aos poucos íamos conseguindo que se adaptassem ás disciplinas, o que surpreendia aos educadores que me revelavam impressionados que nunca, em tempo algum, nenhum deles, das unidades reunidas ali vira ou ouvira um pelo menos pedir licença para sair por qualquer motivo que fosse, ou pedir licença para entrar porque chegara atrasado.

Eram donos das situações e iam aonde bem entendessem, voltavam quando lhes dava vontade, o que não acontecia ali. Todos conduziam-se segundo as regras que lhes passávamos.

O que mais nos comoveu até as lágrimas, foi algo realmente impressionante, que estabeleceu nossa posição diante das crianças, que havíamos conseguido a confiança e interesse de todas elas, definitivamente. Daí pra frente tudo transcorreria com mais facilidade para nós.

Um menino que não tinha pernas e locomovia-se sentado num carrinho feito de tábua sobre rolimãs, ao qual dava impulso com as mãos espalmando-as no chão, perdeu o ônibus e praticamente atravessou a cidade, da Praça da Sé até a rua Acendino Reis.

Quando o portão foi aberto e deparamos com o menino todo suado, perguntando se poderia entrar foi muito difícil conter nossa emoção e não chorar.

Foi o dia em que todos, comovidos, reconheceram o quanto era importante o nosso trabalho e o que estávamos conseguindo daquelas crianças que já considerávamos nossas crianças que vinham mostrando sensível mudança em tudo, na expressão do rosto, mais descontraídos, mais alegres, mais amigos no olhar que se abria para nós sem

desconfiança, no modo como passaram a cuidar dos seus pertences, das próprias roupas, e dos cabelos.

– Não dá pra acreditar como essas crianças são aqui! Nunca se apegaram a nada, são donas do próprio nariz, entram e saem a hora que querem, aqui não! Não dá mesmo pra acreditar!

Ouvia tal comentário dos educadores de cada grupo, constantemente, ao que lhes respondia:

– Eles sabem que não brincamos. Tem horário pra sair e pra entrar. Eles sabem que se saírem sem pedir licença, não abriremos os portões e não entrarão no dia seguinte, serão excluídos. A prova de que valemos algo para eles é que não se arriscam, nenhum até hoje saiu sem pedir licença. E a atitude desse menininho do carrinho de rolimã é a maior prova que temos do nosso sucesso. Todos nós somos responsáveis por essa vitória! Só temos que agradecer uns aos outros e fazer valer cada vez mais o nosso empenho. Tenho que dizer, envaidecida que somos um grupo perfeito, todos maravilhosos!

Embora o sacrifício do menino nos comovesse sentimos que apesar de prova tão comovente tínhamos que nos congratular.

Como eu, esses grandes e preciosos amigos, choraram escondidos, sorriram e choraram por uma felicidade que, antagonicamente acharam muito triste!

Ⓜ coronel Nakaharada comparecia todos os dias. Comprometera-se consigo mesmo acompanhar nosso trabalho. Sempre levava algo que conseguia de doações, roupas, alimentos, remédios, brinquedos. Chegava com o seu jeito manso e observador.

Agradava as crianças cumprimentando-as com sua postura militar, passando a mão na cabeça das que se aproximavam dele, num gesto de carinho, e perguntava como iam se saindo com os enfeites, e olhava tudo com atenção, como que conferindo o que ia se amontoando sobre as mesas e nas grandes caixas que separavam os trabalhos de cada equipe.

O Projeto Santa Fé tomava corpo! Existia na sua função e objetivo! Estávamos chegando lá! Todos unidos! Marcia, os educadores, Sérgio Francisco, Wilma Raimundo, Ana Célia, José Queiroz, auxiliares de educadores, Maria Aparecida Araujo da Costa e Leda Rodrigues Souza, visitantes em perfeita harmonia pelo nosso progresso!

Recebemos um aviso que estava sendo impossível levar a árvore até o acampamento porque era muito grande, ao que, imediatamente o coronel Nakaharada

mobilizou o Corpo de Bombeiros para transportá-la da Melhoramentos até o terreno do Projeto Santa Fé.

Foi uma festa quando a árvore chegou. Parecíamos gnomos ao lado de tamanho monumento, um verdadeiro monumento! Foi preciso que o Corpo de Bombeiros a erguesse e fincasse num grande buraco que fizemos para ela e suas raízes.

Não vou esquecer jamais a alegria das crianças e de toda equipe que se tomou do espírito da juventude eterna que em verdade está sempre em nossas almas, e festejaram, e cantaram, e vibraram.

A árvore de natal plantada em nosso terreno era o marco da nossa vitória!

Exuberante e ereto, o pinheiro como que espichava-se em galhos fartos, querendo atingir o céu! Olhávamos para cima medindo sua altura com orgulho! Era a nossa árvore! Majestosa! Exuberante! Um verde tão verde e vivo que parecia ter nascido ali.

Era um desafio para aqueles que não acreditaram que conseguíssemos realizar nosso Projeto, um escudo para mostrar a certas pessoas que tudo faziam para nos atrapalhar que não seríamos impedidos de prosseguir! É! Não gostaria de tocar nesse assunto, sentir-me-ia muito mal se mencionasse tais pessoas que por vaidade, roendo-se de inveja pelo que íamos realizando

não mediam conseqüências e nem sequer disfarçavam o que sentiam nem mesmo pensavam que não era a mim que feriam, mas que atingiam as crianças, quando interferiam em nossos empreendimentos para que não dessem certo.

Pessoas que nunca haviam conseguido, com todos os meios que dispunham, pelo cargo que ocupavam, veteranos no que eu era praticamente amadora o que conseguíramos em menos de três meses!

Poderiam, devido meus pensamentos e profissão de artista plástica comentar que eu me tornava piegas, sentimental demais num antagonismo de posição e postura rígida que tomava diante das crianças. Era esse exatamente meu modo de ser, antagônico, do muito sensível, tendo que ser durona, creio que isso equilibrava o relacionamento com as crianças, porque ora por vez alguém me dizia rindo que eu era tão criança quanto elas. Que as enchia de idéias e sonhos com minhas visões de futuro brilhante, fazendo-as crer que conseguiriam tudo que quisessem, inculcando em suas mentes, que seus objetivos dependeriam sempre da determinação e perseverança com que os encarassem, tudo estaria sempre em suas próprias mãos e de ninguém mais. Nunca tinham escutado que “Querer é Poder”?

Seria dentro delas, única e exclusivamente, que encontrariam e transformariam o retrato que formassem na mente, a figura bonita e vencedora de pessoa bem sucedida na vida, a imagem modelo da qual correriam atrás, estudando o que escolhessem para se formarem no que quisessem ser, copiando o bonito, imitando o que é limpo, aprendendo o que é certo, só aceitando o que é saudável, honesto, útil, bom e o melhor!

Desenvolia assuntos, incansavelmente sobre esses itens todos que lhes garantia seria estrutura de um futuro rico e feliz.

Quando dialogava com as crianças ia observando suas reações, a fisionomia de cada uma. Pra mim eram todas lindas! Suas expressões espontâneas, tão naturais! Modelos especiais para quadros que refletiriam do além dos abismos da alma o que eu via expresso nos pensamentos que revelavam vontades, brilhando em seus olhinhos atentos em mim.

Fazia-lhes perguntas e, quando elas não queriam responder não insistia, mas logo, no desenrolar da conversa que mantínhamos como assunto a toa, casual e desinteressada, revelavam tímidas, o que gostariam de aprender, o que gostariam de ser.

Parecia que todos tinham tendências artísticas ou idéias de se formarem em Direito, de serem policiais, queriam até ser delegados!

Ousei perguntar por que, ao que antevia a resposta:

– Porque são eles qui mandam! A gente vê eles nas delegacias, gritando até cum guarda!

Daí, o empenho todo foi direcionar suas mentes para o conceito e significado verdadeiro do que é ser um representante de Leis, para que não visassem apenas o poder como autodefesa, mas entendessem que o certo seria programarem-se, como pessoas civilizadas, para aprenderem um ofício, que visando o bem comum, estudassem para ser o que quisessem, então poderiam ser advogados, delegados, policiais, mas que cumprissem seus deveres, para que não existissem mais crianças vivendo pelas ruas, sofrendo como eles sofriam, para que acabassem com os bandidos que abusam delas.

Assim reconhecemos talentos raros na oficina de teatro, na oficina de música, nas aulas de ginástica. Quantos poderiam seguir carreira! Quantas habilidades e garotos, adolescentes, meninos e meninas de boa índole!

Assim antevi o sucesso de uma menina de dez anos. Negra! Linda! Cativante! Silvaneide, a Leleu, seu apelido entre as crianças!

Numa das oficinas, o maestro da polícia militar selecionava conforme pendores, ensinava música. Os sons dos instrumentos, as vozes das crianças entoando hinos sob sua direção espalhavam pelo ar acordes que alegravam o ambiente. Todas queriam cantar, tocar algum instrumento, por isso resolvemos revezar nos afazeres e deixá-las participar do coral que se apresentaria durante a festividade do almoço de natal.

Esperava pela esperança mais doce que surgiu dentro de mim, que os visitantes ficassem impressionados ao ouvirem as nossas crianças cantando o Hino Nacional, que as vissem sob outro prisma para não serem mais discriminadas. Teria que ser no Teatro Municipal, ou não me chamava Lilian e todo resto do nome!

Leleu fazia pose, movia-se, cadenciando, mudando expressão no rosto, como diriam, fazendo caras e bocas, dava uns pulinhos engraçados e às vezes tropeçava nas próprias pernas, quando tentava andar numa postura que fazia a gente rir, como se estivesse calçando sapatos de saltos altos. Leleu tinha dez anos!

Um dia ela estava amuada num canto, pensativa e percebi que era chegada a hora de me

aproximar dela. Perguntei o que estava roubando assim, de modo tão concentrado, os seus pensamentos.

– Eu queria ser como a moça que vi no filme da televisão da loja!

– Que moça, Leleu?

– Vi ontem, na televisão da loja da rua, tava ligada e a gente assistiu, aquela que andava assim...

E Leleu começou a andar como uma manequim numa passarela, igualzinho, passo por passo, movimentos das mãos, pose, com tamanha sensibilidade que fiquei impressionada, pela leveza e precisão dos gestos, como fazia aquela voltinha sobre si mesma, como uma profissional. E vi que ia ser uma linda moça, e que poderia ser modelo, que desfilaria em passarelas!

Você já é, Leleu, uma linda manequim.

– Sou?!

– É!

O Grande Dia Seria o Fim!

Desde os primeiros dias em que começou a funcionar nossa Associação, contávamos com cozinheiras, faxineiro para os *containers* e uma pessoa que conferia, guardava e tomava conta de todo material de trabalho, inclusive microfones, aparelhos de som, documentos e arquivos, mantimentos, enfim todas as coisas úteis e que pertenciam ao Projeto.

Tudo ia transcorrendo conforme determinamos. Quem pertencia ao Projeto tinha que comparecer, trazendo sua mochila, e trajando a camiseta com nosso logotipo para serem identificados, senão, não entravam. Inspirei-me no que senti em relação às crianças para desenhar o logotipo. Um cactus despontando apenas uma flor. Um simbolismo que se eu tiver que explicar não vou acreditar que todo ser humano é inteligente. Prefiro que imaginem, o cactus e a criança! O que têm em comum, para que seja representada assim, no meu desenho, numa folha de papel que vi como um deserto! Abandono! A flor de cor vermelho-sangue, que embeleza e machuca, que

não pode ser tocada sem cuidados, para que não nos fira, que sobrevive na aridez dos trópicos.

Enfim, que seja melhor esclarecido: – Durante meus cursos de paisagista, profissão que também exerço, fuçava, como ainda fuço, em livros de estudo sobre plantas das mais variadas espécies. As observações sobre essa planta exótica e espinhosa, que é do tipo das *cáceas nopal* também denominadas, entre muitos outros nomes como *figueiras do inferno*, teceram em minha mente uma analogia entre elas e as crianças que vivem nas ruas, tão estranhas e tão belas, como pequenos e exóticos cactos, ariscas e prevenidas, cheias de coragem pelo medo que aciona seu instinto de autodefesa.

Sabe-se que os cactos atingem as maiores dimensões nos países quentes e secos, que brotam nas regiões mais áridas, como os vi, nos Estados Unidos, em vários lugares pelos quais passei, como em Santa Fé, uma cidade maravilhosa, embora lá os cactos não fossem tão grandes quando os de outras regiões.

Fui fotografada, em Tucson, no Arizona, ao lado de vários deles impressionada pela sua magnitude, tão soberbos, brotando em lugares tão inóspitos! Cada gomo, formando seu corpo ereto, representa uma idade do cactos.

Sempre me interessei, fascinada, cheia de encanto, por essa planta tão diferente das outras, sendo, entretanto, igualmente planta, com suas flores de se admirar. Aprendendo que o grande *cacto grandiflora* é cultivado por causa do seu suco que é empregado em medicina como tônico cardíaco, como as crianças, sempre, na figura dos meus filhos e de todas as outras proporcionaram ao meu coração grandes momentos de emoção, em todas as passagens notáveis em que trocamos lições, pelo muito que requerem nossos cuidados, por termos que usar de estratégias psicológicas para tê-las sob nossa orientação, assim vi no cactos, o qual é difícil de se tocar, uma imagem plena de vida, relacionada á criança e seus incontáveis problemas, e o fator maior, que é o amor, esse tônico milagroso que fortifica nosso coração.

Acho que foi isso que me inspirou a desenhar o logotipo que simboliza o Projeto Santa Fé. O cactos, com sua flor magnífica, vermelho sangue paixão, que brota entre espinhos e que, além de exibir sua beleza é de fruto medicinal!

A cada momento tínhamos uma surpresa que nos incentivava. Um grupo de adolescentes, na intenção de colaborar e ajudar nas despesas, procurou-me e propôs que dispensássemos os empregados

assalariados, que eles próprios se encarregariam da limpeza geral, inclusive que dispensássemos também a cozinheira, que eles dariam conta de tudo, ficariam lá, direto, que poderíamos confiar neles.

Achei a idéia ótima, senti que mereciam minha confiança, mas respondi que iria pensar a respeito. Falaria com eles depois uma reunião com o coronel Nakaharada, Márcia e educadores.

Chegamos á mesma conclusão e consideramos que a partir de então eles passariam a morar nas dependências do Projeto. Deu tão certo que logo tivemos que abrir mais três oficinas, cada uma com seu educador, de cozinha, de limpeza e administrativa. Os adolescentes passaram a receber o mesmo ordenado que eu pagava aos que foram dispensados.

Servíamos mais de duzentas refeições diárias e os nossos meninos davam conta de tudo!

O tempo ia passando, o trabalho sendo feito, as crianças cada vez mais entrosadas e ligadas a nós. Os médicos as examinavam semanalmente, nossas pesquisas traziam bons resultados, porque através do Conselho Tutelar, ao apresentar-lhes nossos cadastros, com todas as referências que conseguíamos, localizávamos a família de várias crianças, devolvendo-as aos seus lares.

Visitantes apareciam, observavam tudo, interessavam-se pelo nosso trabalho, impressionavam-se, agradavam-se das crianças, algumas até foram adotadas através do Juiz Tutelar, depois das avaliações e condições que uma adoção exige.

Enfim, o trabalho que era pra ser apenas uma festa de natal, de um único dia, foi tomando vulto, tornando-se muito maior, expandindo-se além do que havíamos suposto que conseguiríamos chegar.

Todas Unidades foram integrando-se ao Projeto, todos grupos, incorporando-se aos nossos trabalhos, e eu, assustada! A responsabilidade aumentava, tomava proporções que me atemorizavam, embora a colaboração de tantos amigos, temia, alguns davam o que podiam e desculpavam-se, mas nem calculavam quanto valia o que julgavam ser pouco. Qualquer coisa tinha real valor para nós. Muitos ajudavam da forma que podiam, passavam o dia nas oficinas, conversavam com as crianças, ajudavam-nas nos seus afazeres.

Aproximava-se o grande dia! E o grande dia encerraria tudo! Acabaria tudo! Ninguém sabia se sorria ou chorava. Nossos sorrisos eram tensos, forçados, porque estávamos pensando no dia seguinte, no dia em que fecharíamos os portões para sempre!

O coronel Nakaharada procurou-me. Faltavam poucos dias para o Natal! Queria falar comigo com

urgência. Estava visivelmente preocupado e suas palavras não deixaram dúvidas quanto ao motivo pelo qual previ o assunto que abordaria:

– Dona Lilian, tenho acompanhado o trabalho de vocês, também observo o que acontece na Praça da Sé, quando os ônibus levam as crianças de volta pra lá. Precisa ver pra crer! São as mesmas crianças, mas a mudança que se opera nelas é quase que impossível de se acreditar sejam as mesmas que vemos aqui, nas oficinas ou mesmo no recreio, quando brincam, no refeitório, quando se alimentam, tão comportadas obedientes, não dá pra entender! É mesmo algo absolutamente incrível...

– O senhor está tentando me dizer o que? Está tão preocupado...

– Estou sim, muito preocupado, dona Lilian. Pensei muito a respeito. Enquanto as crianças freqüentam aqui não há roubos na Praça. Já fiz a análise que traz resposta para a mudança do comportamento dessas crianças quando vocês as devolvem às ruas...

– É fácil de analisar o que sentem...

– É verdade! É pura revolta! Quando descem do ônibus, transformam-se, viram vândalos, agressivos,

berram, provocam as pessoas, agem como verdadeiros....

O Coronel engoliu a palavra. Mas eu vi a cena dos nossos anjinhos virados capetinhas soltos, levados de volta para a Praça, inconformados, querendo destruir o mundo que os punha porta a fora dos lugares pelos quais passavam apenas para sentirem o sabor do que seria a vida se permanecessem neles, como aquele que eu lhes mostrara que poderia existir, mas que ia se acabar.

– É isso, dona Lilian, a senhora não pode pôr fim a esse Projeto que está tendo tão maravilhoso resultado, e em tão curto espaço de tempo. Não pode fechar este lugar. Foi o único que vi progredir, acontecer tão rápido. Vi o que podem fazer por essas crianças. Vamos continuar! Eu a ajudo!

Fiquei apavorada. Estava agüentando com recursos mantidos por meu marido, preparara-me apenas para uma festa de natal!

– Por favor, dona Lilian, pense no que será dessas crianças..

– Eu sei! Isso me perturba! Mas não posso responder assim de repente. Será um compromisso que não sei se poderei agüentar. Como o senhor sabe todas as pessoas que trabalham aqui são bem pagas e a verba

destinada aos pagamentos, estipulada pelo meu marido já acabou. Gilberto já ultrapassou há muito do que havia calculado que poderia nos dar. Está se tornando impossível! Como vou sustentar todo esse pessoal? São onerosos! Salários que se pensar em reduzir ou breçar corremos o risco de ficar sem ninguém! São cento e vinte crianças para vestir, calçar, alimentar, cuidar com atenções que requerem, médicos, dentistas, tudo o mais... Programei uma noite, que desde agosto preparamos, já estamos em dezembro, venho mantendo essa gente todos este mês, correndo atrás de subsídios, da colaboração dos meus amigos empresários, eles também já demonstraram que não dá mais... não dá... preciso pensar... achar um meio... organizar tudo outra vez... ah! meu. Deus! Vamos tentar... sei lá... dar um jeito...

Ficamos pensativos, com os mesmos sentimentos e pensamentos, buscando soluções.

O Coronel finalmente levantou-se, desanimado, apertou minha mão, despediu-se, estufou o peito e exclamou, afastando-se com suas passadas de militar: – Sim, dona Lilian, nós haveremos de dar um jeito...

As Armas das Crianças!

Uma criança chorando de tristeza, quase sem forças até para conter soluços, constrangida pelo medo do que terá que enfrentar, é doloroso de se ver. Imaginem um grupo de crianças, muitas crianças em prantos, encarando-nos aflitas, com olhos arregalados, esperando de nós o que não lhes poderemos dar mais!

Crianças que não tinham nada, não confiavam em ninguém, ariscas, e pode-se dizer, quase selvagens, que por nosso empenho liberaram das suas almas, das suas mentes, o seu eu bonito e puro, amoroso e carente de amor. Embora curto, o tempo em convívio conosco, desacostumou-as dos perigos das ruas, da vida de risco que levavam. Reintegraram-se ou inseriram-se numa sociedade decente que lhes mostrou um futuro seguro. Pelo novo ambiente freqüentado, logo trocaram os relacionamentos que tinham antes com os marginais, traficantes, bandidos empedernidos, pelo carinho de pessoas honestas, de moral idônea, que as valorizaram, por receberem instruções que as dignificaram, pela proteção e atenções dos educadores, que substituíram,

pelo que passaram a representar para elas, uma família inteira.

De repente a ameaça da despedida e afastamento! Sente-se, só ao imaginar como a coisa é brutal de se fazer, afastá-las das pessoas que tornaram-se tudo em suas vidas desatinadas.

Exasperadas, em unísono, transmitiam-nos, do único jeito que tinham para se manifestar, chorando, a dor que sentiam pelo nosso afastamento, pelo desligamento que sabiam, um dia que estava muito próximo, iria acontecer, sabiam disso porque tinham sido avisadas, mas não conseguiam aceitar o fato e imploravam que não as abandonássemos!

Estavam diante de mim, todas num só lamento, angustiadas porque o lindo dia de natal seria o último dia em que ainda ficaríamos todos juntos. No dia seguinte estaria tudo acabado.

Os portões se fechariam e não abririam mais para que elas pudessem entrar como vinham fazendo, tão animadas e cheias de esperança, tão felizes, que a perspectiva da nossa separação parecia uma tragédia. Era uma tragédia, sim. Por isso elas choravam. Na expressão de cada uma o desencanto.

Assim também os funcionários contratados, todos os educadores, não porque seriam dispensados e

não receberiam mais salário, mas porque estavam orgulhosos do que havíamos conseguido daquelas crianças.

O Projeto Santa Fé tornara-se um ideal, uma missão, um dever de cada um. Um grande motivo para se sentirem bem consigo mesmos, bem com a Vida!

O trabalho de cada um demonstrava o que se pode fazer e conseguir por amor em benefício do próximo. E as crianças dirigiam-se a mim, em lamentos que cortavam meu coração:

– Tia Lilian, a senhora tem coragem de jogar a gente pras ruas de novo? A gente não vai mais poder entrar aqui? Estará tudo acabado no dia de natal? É verdade isso, tia? O que vai ser da gente, tia?

Por mais que me esforçasse em explicar a elas, falando-lhes a verdade, elas não conseguiam entender, não aceitavam que de repente tudo aquilo tivesse fim, que seriam esquecidas por nós.

Mas nós não as esqueceríamos nunca, estávamos todos aflitos pela situação irreversível, sabendo que não haveria como continuar, mas um sentimento criava elos entre nós que jamais seriam rompidos, por mais dura fosse a situação do momento em que ocorreria o triste Encerramento do Projeto Santa Fé. Não! Nunca! Ele jamais deixaria de existir! Não

podíamos encerrar assim! Tudo que fizéramos teria que significar o início de uma grande obra que deveria atingir proporções que só mesmo pelas Mãos e Bênçãos de Deus pode-se realizar!

– Meus queridos....

As vozes, os prantos, as súplicas, os sons de soluços batiam em meus ouvidos de tão lastimosas, que eu não conseguia mais falar, tal a emoção que me doía na alma. Todos choravam, todos pediam:

– Não deixe o Projeto acabar, tia, Não feche os portões pra nós...

– Vocês sempre souberam que tudo o que estávamos preparando nesse mês inteiro duraria só um dia...

– Mas não é justo, tia, não é certo, tem que durar para sempre...

– Também gostaria que fosse assim, mas quem financiaria? Como poderíamos continuar?

– A gente ajuda a senhora, a gente fais um rolê...dá um jeito...

Um jeito! Que jeito? Rolê?! Significava agora, trabalho, qualquer coisa que pudessem fazer para ajudar! Queriam participar para um bem coletivo, que ajudaria a todos, isso tinha um grande significado.

Talvez houvesse jeito, não, não havia. Que difícil ter que breçar aquela reunião que estava me enlouquecendo, com vontade de gritar, apesar de toda impossibilidade: – Nós vamos continuar, vamos dar um jeito, sim! Mas tinha que ficar calada! Não fazer promessas perigosas! Não podia ser incoseqüente comprometendo-me com o que não poderia cumprir. Doloroso ter que ficar firme na decisão marcada! Como sentia pena daquelas crianças e o quanto igualmente senti pena de mim, dos educadores, frente a situação que não via como reverter em retorno feliz.

Numa confusão mental eu me torturava com idéias de posso não posso. Continuou prevalecendo a lógica de que seria um crime falar sem perspectivas garantidas de que continuaríamos com o Projeto, não só por iludir as crianças, mas porque seria ruim para todos.

Não podia de jeito nenhum empenhar assim, como uma irresponsável, a minha palavra e depois decepcionar todo mundo.

Tinha que me firmar na realidade, na verdade do que fora planejado e do que poderia ser feito e ponto final. Nem sei como consegui colocar ordem naquele pequeno tumulto que se formara porque alguém dissera-lhes, lembrando que depois da festa do natal ninguém mais entraria nas dependências da Santa Fé.

Ninguém jamais seria capaz de imaginar o quanto fiquei perturbada sentindo minha impotência, por termos conseguido despertar interesse e juntar tantas crianças, que passaram a ter um comportamento promissor e até mesmo, poderíamos dizer, admirável, e de repente breçar tudo, por não termos condições financeiras para continuar ali, desenvolvendo o Projeto que prometia soluções das mais nobres, almejadas e necessitadas pelo bem da nossa sociedade. Todo nosso trabalho ficaria valendo nada, pior; a ilusão que lhes déssemos seria a maior frustração de suas vidas.

Todos doáramos o melhor de nós, mas também reconhecíamos ter recebido deles a reciprocidade que marcava com êxito o caminho que trilháramos, lado a lado, nós e as crianças! Sofria muito pelo que estava acontecendo, tinha pena delas, mas era mesmo difícil resolver tal problema, seria mesmo um grande erro que cometeria se as enchesse de esperanças, tanto dependiam de nós. Ensináramos a elas o respeito, o amor, a responsabilidade, disciplina e ordem, e por que não o que é ser Justo, pois do que nós lhes dávamos queríamos resultados, e conseguíramos tudo que ultrapassara nossas expectativas, só não pensáramos e nem conseguíramos ensiná-las a serem

capazes de renunciar á vida segura e bela, que havíamos lhes oferecido e mostrado ali!

Expliquei, da melhor maneira que pude, que só poderíamos continuar se conseguíssemos a ajuda de outras Entidades, que se unissem a nós. Era um caso muito sério, para se pensar e dialogarmos.

Então, os educadores da Pastoral do Menor, encorajados e comovidos pelos excelentes resultados que obtivéramos das crianças ao que se refere ao seu movimento comportamental pensaram numa solução, acrescentando que não nos deixariam, que poderiam ceder um espaço junto á Praça da Sé, na Explanada do Carmo, atrás da Igreja do Carmo.

Fiquei empolgada, mas cautelosa, achei melhor deixar para entrar no novo plano que se apresentava, depois da festa, quando teria certeza de que daria certo, não queria me arriscar com projetos que dependiam de terceiros, prometendo-lhes o que ainda era incerto conseguir. Caso isso fosse aplicado estaríamos iniciando um Projeto de verdade, do jeito que vinha sonhando ao longo dos dias que assistia o nosso progresso junto ás crianças, com as quais aprendíamos cada vez mais coisas sobre elas, o que devíamos ou não fazer.

Antes de tudo era imperioso e imprescindível termos que providenciar um lugar para abrigá-las, para

poder mantê-las conosco, e assim dar prosseguimento aos programas de trabalho educacional, cultural, disciplinar, de orientação, de assistência médica geral, quanto á saúde, desde atendimento com psicólogos e proteção total, pois sabíamos que, com certeza, quando elas voltavam para as ruas voltavam para as malandragens e para os vícios.

Hão de convir todos que não vale a pena fazer um Projeto incompleto, com atendimento parcial, com tempo limitado, porque as crianças têm que ser trabalhadas para aplicarem seu tempo nos estudos, tendo que ser assistidas e protegidas vinte e quatro horas por dia, sem dúvida que, todos que estão lendo isto, haverão de concordar que é o óbvio para conseguirmos o que se deve fazer pelas crianças que se espalham perdidas pelas ruas das cidades. Do nosso país! E como exemplo atingir o mundo inteiro, mostrando a solução para acabar com a miséria mais hedionda que é a desgraça de todos os povos, o abandona dessas crianças!

O que eu sabia e tinha tristes provas disso que até esse dia, em que minha cabeça fervia de idéias e ansiedade para conseguir meios de manter abertas as portas da Associação Santa Fé, que só haviam projetos paliativos que não garantiam nada, que não funcionavam, que quaisquer encaminhamentos,

Educacional e de Bem Social criados até então, eram neófitos, tinham vida curta, não tinham futuro! Nenhum futuro bom e seguro para as referidas crianças.

Dentro de mim, da minha cabeça, parecia que se formava uma assembléia de pensamentos, buscando soluções, discutindo idéias, meios, suposições, planos! Um tumulto que me fez entender o que é verdadeiramente conflito mental e da alma, capaz até de nos ferir, de nos afetar psicologicamente.

Na minha cabeça onde tudo girava, acionando o possível e derrotando o impossível, a voz do coronel Nakaharada me prometia: – *Ajudo você, Lilian, daremos um jeito!* -

Esse desespero no qual me encontrava, tão cheia de dúvidas se podia ou não, se conseguiria ou não, continuar com o Projeto, embora me perturbasse muito, não interferiu, no prosseguimento da festa.

Nada atrapalhou meus afazeres e responsabilidades concernentes ao grande e significativo dia em que ao mesmo tempo, representando a vitória de um um sonho que se realizava, como verdadeiro congrassamento, representava também a tristeza do fim de um sonho que por si só delineava continuidade, mas que por acordar para a realidade me fazia sentir numa simbiose

de alegria e dor, uma vitoriosa fracassada! Disparates da Vida!

Fortas que Sonhos Abrem!

Os projetis das lágrimas, saltando dos olhos daquelas crianças haviam como que metralhado meu peito, e meu coração sangrava de dor!

O choro das crianças foi mesmo como armas apontadas para mim. Atingiram-me em cheio.

Todos estávamos ressabiados, preparando-nos para o grande dia que chegara.

Não era admissível que ficássemos assim abalados, quando o nosso propósito fora unicamente aquela árvore que brilhava no pátio, tão lindamente ornamentada pelas crianças, tão exuberante na sua magnitude, como um troféu exibindo nossa vitória!

Amanhecia o dia em festa!

Tudo magnificamente preparado. A grande mesa de banquete, ornamentada com toalhas de papel crepom e vasos com flores vermelhas típicas de natal, estava muito bonita.

Todos os seus arranjos tinham sido feitos pelas crianças, orientadas pelos educadores. Sobre a mesa, cartões marcando com o nome o lugar de cada criança, pratos de louça, garfos e facas, utensílios esses que diziam, essas crianças eram proibidas de usar, porque em caso de uma pequena briga, logo convertiam-se em armas fatais!

Mas ali não temíamos que isso acontecesse, ao contrário, nossas crianças haviam sido ensinadas como usar facas e garfos, em básicas aulas de etiqueta para o melhor comportamento de cada uma durante refeições, o que tivera os melhores resultados para nunca ficarmos preocupados com esses pormenores e detalhes de comportamento á mesa.

Até mastigar, não comer de boca aberta, engolir, limpar lábios com guardanapo, tudo enfim, aprenderam e tornaram-se exemplares, muito bem educadas.

Era para influenciá-las, pelo que achava certo fazer, que todos os dias, quando me aprontava para ir ao Projeto, esmerava-me ao me arrumar, ao me pintar, usando o meu perfume favorito, para passar boa imagem, como se estivesse indo a um encontro muito especial, por esse motivo precisava apresentar-me bem, porque elas eram mesmo o meu encontro especial!

– Cada dia a tia tá mais bonita e cherosa!

– Claro! Eu me visto assim porque venho encontrar com vocês, vocês são muito importantes para mim, meu compromisso especial!

– A senhora também é pra nós, tia!

– Tô vendo! Cabelinho penteado, limpinhos, bem vestidinhos! É assim que todos gostam de ver vocês...

Falava-lhes com intenção de que aprendessem que a imagem que passamos para os outros tem que ser a melhor que pudermos, por isso temos que nos arrumar bem e nos vestir bem, com o que temos, gostar do que temos e saber dar um jeitinho de melhorar nossa aparência com um adorno qualquer, mas acima de tudo ter aspecto limpo e perfumado.

Por isso não negligenciávamos quanto á lavanda e sabonetes. Ensinamo-lhes que é preciso dar valor ás roupas que vestimos e cuidar delas tanto quanto do nosso próprio corpo.

Com isso influenciava as crianças a repararem nas minhas roupas, nos meus cabelos, sentir o meu perfume, coisas que quando viam e notavam em mulheres pelas ruas incitavam-nas ao assalto, ao deboche, á raiva porque se sentiam sujas, pobres, distantes da pessoa, sendo impossível aproximação pela diferença de nível social, pela classe das pessoas,

sentindo-se discriminadas, como coisas jogadas no lixo!

Comigo viam tudo diferente, perto delas, fazia com que me olhassem por outro prisma, como modelo pra ser imitado, provocando seu senso de autoestima, ensinando-as a se olharem e se examinarem, a aprender gostar de si mesmas, animando-as a descobrirem predicados e beleza, mexendo com o espírito de vaidade de cada uma, dando-lhes condições para apresentarem-se limpas, bem vestidas e perfumadas.

Embora fossem poucas as roupas, maioria doadas, que o coronel sempre levava, e que recebíamos também de outras pessoas às quais recorriamos, conseguindo assim que se mantivessem asseados, cutucados no seu amor próprio, realizamos que acima de tudo as apreciassem e dessem valor de propriedade á cada coisa, para que não as desperdiçassem e acabassem sem elas.

Todos os educadores concordaram que era mesmo um sistema primordial, esmerando-se na aparência, pois foi bem notado que o objetivo mencionado surtia efeito, pois tanto os meninos quanto as meninas pediam-nos alguma coisa para usarem nos cabelos, para enfeitarem-se.

Com que prazer eram todas atendidas em seus pedidos. Distribuíamos fivelas, fitas, brinquinhos e

uma série de outros acessórios que elas escolhiam para sentirem-se mais bonitas e apresentáveis.

Usavam lavanda, tomavam banho com sabonetes que em outros tempos nem lhes passava pelas mãos!

Orgulhosa, do sucesso com as crianças, agradecida pelos professores, ia reparando e enumerando os feitos das oficinas.

Maravilhosa a produção e resultado da Oficina de enfeites, com os objetos manufaturados pelas crianças, que, elas próprias prenderam aos galhos fartos e verdes do lindo pinheiro!

No momento em que se dava início às festividades natalinas, nas primeiras horas da manhã, ouvi as crianças da oficina de Canto, apresentando seu número musical, entoando canções de natal, acompanhadas pela Banda da Polícia Militar, que abrira o evento tocando o Hino Nacional cantado pelas crianças, com vigor e muita beleza, em perfeita harmonia melodiosas, afinadas e em postura de respeito, enquanto hasteavam a Bandeira da nossa Pátria! Muito comovente o quadro! O que eu ouvia, via, vibrava de emoção, em silêncio!

Em meio á festividade programada, o grupo da oficina de teatro apresentou uma peça com seu tema natalino, claro!

A platéia estava como que atônita pelo prosseguimento do evento programado com tanta correção!

Toda minha família estava presente. Meu marido Gilberto, meus cinco filhos, Christiane, Liliane, Adriana, Bruno e Paulo.

Das autoridades convidadas muitas compareceram. Entre todos o Doutor Salim Curiati, como Secretário do Bem Estar Social, Coronel Nakaharada, que foi homenageado pela sua constante presença e colaboração no Projeto Santa Fé!

Entre muitas outras personalidades importantes estava o Coronel Airton Monteiro Mendes, Chefe do CPAM1, meu amigo Romeu Chap Chap, que sempre me socorria, pelo seu grande conhecimento e infiltração no mundo social e empresarial, muito útil e prestativo, apresentando-me nas Secretarias, enfim abria caminho com suas importantes orientações e prestígio. Meu muito querido amigo Teodoro Silva, que compareceu com seu caminhão repleto de empresários vestidos de papai Noel, distribuíram presentes para cada uma das crianças que exultaram de alegria, assistindo um maravilhoso show de fogos de artifícios feito por eles.

Que me perdoem aqueles que não menciono aqui, pois estava tão emocionada, que vivenciando tudo isso outra vez até esqueço de mim mesma.

Doutor Salim Curiati emocionado com a beleza da festa acabou chocado e muito sensibilizado ao notar o menino do carrinho de rolimã, que não tinha pernas e movimentava-se de cá pra lá, ágil, com naturalidade, esbanjando alegria, dirigindo o carrinho, sobre o qual mantinha-se sentado, com as próprias mãos. Aproximou-se do garoto, e prático, direto, sem demonstrar o que estava sentindo realmente perguntou, prometendo

– Onde você mora, garoto? Vou mandar uma cadeira de rodas para você.

O menino olhou-o de baixo para cima, seu olhar como que transitou pelo corpo do homem em pé á sua frente, até encará-lo nos olhos. Parecia incrédulo.

Doutor Salim Curiati, insistiu:

– Vou lhe dar uma cadeira de rodas. Me dê seu endereço para que possa entregá-la.

O menino continuou encarando-o e custou a responder, como se surpreso pelo homem não saber onde ele morava, finalmente disse:

– Praça da Sé, senhor...

– Praça da Sé? Que número?

– A Praça não tem número, senhor..

– Como assim? Você mora na Praça... na Praça... em que casa? Em que lugar?

– Não tem casa na Praça, senhor... em qualquer lugar de lá... nos bancos...

Então intervim e expliquei ao doutor Salim Curiati que estava surpreso e indignado, tendo consciência que todas aquelas crianças moravam ao relento, que seus endereços eram os bancos, os desvãos dos prédios, a escadaria da Catedral, e que aquele menino do carrinho rolimã que mexera com seus sentimentos, era um dos moradores da Praça.

Vi um brilho ligeiro passar pelos olhos de Salim Curiati, que inventou qualquer coisa, não lembro bem quais foram suas palavras, para afastar-se.

Talvez não quisesse que víssemos a tristeza que sentia, mas enquanto se afastava garantiu ao menino, que o seguiu, como ele pediu que o fizesse:

– Você vai receber sua cadeira de rodas, venha comigo para conversarmos....

Qualquer coisa assim aconteceu, deve ter sido assim, lembro das suas palavras, do menino arrastando-se no carrinho atrás dele, porque quando me volvei para falar com Salim, os dois já tinham sumido por

entre outras pessoas, tinha muita gente á minha volta, fazendo comentários e entrevistando-nos.

A Imprensa compareceu e pelos bons tons dos destaques anunciados, pelas reportagens feitas por alguns jornais e imagens nas tevês, acreditamos que teríamos resposta e anuência de pessoas que quisessem ajudar-nos para a continuidade do Projeto Santa Fé. Muita matéria, grande sucesso, muita honraria e comentários ilustrativos, mas quanto ao resto, o que queríamos receber de retorno para as crianças, absoluto silêncio! Nada!

Os *busú*, isto é, os ônibus, como eram denominados pelas crianças, abriram suas portas para que entrassem. Chegara a hora de terminar a festa. Chegara a Hora. do Fim! O Encerramento!

Alguém me disse, vendo que eu chorava sem conter-me, embora conseguisse esconder-me das pessoas, rosto enfiado entre os meus cabelos em desalinho, ocultando-me, da maneira que podia:

– Lilian, pense assim, eles estão indo para outra festa na Catedral... só vão se dar conta de que o Projeto acabou mesmo quando já estiverem cansados e fartos pela ceia da Igreja...

Sempre meu marido, confortando-me,
impedindo-me de despencar no poço sem fim e escuro
que senti abrir-se sob meus pés.

Para Onde Vamos?

No dia seguinte, estávamos desmontando as barracas para liberarmos o terreno, quando um grupo enorme de crianças, poderíamos contar umas oitenta, mais ou menos, pediram licença para entrar, pois queriam falar conosco.

Tinham ido até nós, a pé! Desde a Praça da Sé até o Ibirapuera, onde fica a rua Acendino Reis. Queriam saber o que ficara resolvido. Insistindo que poderíamos dar um jeito de continuarmos com o Projeto Santa Fé, disseram que não sairiam de lá, enquanto não lhes déssemos uma resposta. Trocamos idéias:

– Se a senhora não tentar como poderá saber que não vai dar certo, tia?

Os adolescentes esforçavam-se para confiarmos neles, que contássemos com a sua colaboração. Que todos ajudariam, que unidos haveríamos de conseguir tudo como era antes, mesmo que não fosse ali, em qualquer lugar!

Os educadores da Pastoral por sua vez garantiram o espaço mencionado. Então decidi:

– Seja o que Deus quiser! Entrarei nisso de cabeça! Nem sequer poderia imaginar, que induzida pelo entusiasmo das crianças e apoio dos adolescentes estava empenhando minha vida, meus dias, meu sossego e até a minha alma! Porque nunca admiti não tentar e lutar até o que desse e viesse para realizar o que me propunha. E essa era uma proposta bastante difícil e complicada de chegar ao resultado idealizado.

Assim, partimos para o local e lá tivemos noção do que poderíamos fazer.

Esboçamos uma planta, desenhos, distribuindo pelo espaço concedido, quiosques, em vez de barracas, que seriam as oficinas, onde as crianças fariam artesanatos e venderiam entre outras coisas, plantas, chaveiros, objetos para angariar fundos a fim de mantê-los.

O Coronel Nakaharada levou-me até o Administrador da Sé, senhor Vitor David, o qual comprometeu-se ajudar-nos e em seguida sob suas ordens começaram a construir sanitários e um cômodo que serviria de despensa para o nosso material.

Levou-me também até a Força Sindical, onde fiquei conhecendo o senhor Paulo Pereira Silva, que

recebendo das minhas mãos uma pasta com todos os documentos do Projeto Santa Fé, respondeu-me que nos ajudaria quanto á construção dos quiosques.

Logo recebemos a visita de um engenheiro para dar início ás obras. Não tivemos nem o gostinho de iniciar, porque simultaneamente foi vetado seu prosseguimento com a notícia de que não poderíamos ocupar aquele espaço, pois não pertencia á Pastoral, e sim ao CASA, Órgão da Prefeitura, e o CASA não permitira o andamento das obras. Não poderíamos ocupar o espaço de forma alguma!

Não fiquei muito preocupada, porque estávamos aguardando resultados do encaminhamento dos nossos processos de registro no cadastro da Prefeitura. Tínhamos entregado tudo o que fora requisitado, desse modo, pela homologação que já sabíamos iríamos receber dentro em breve, dependíamos apenas do tempo hábil e legal em que transcorrem geralmente todas as inscrições e requisitos já submetidos a todas avaliações, a espera, no trâmite final, da aprovação da autoridade judicial ou administrativa.

Sendo assim, estando de acordo com as exigências legais, acreditei que se pudesse antecipar a nossa inclusão no quadro das Entidades ligadas a esse Superior Órgão Público. Esse foi o meu pensamento, de acordo com o que achei justo, pois quanto aos

outros documentos, registrados no Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e do Adolescente estávamos funcionando, inclusive, reconhecidos pelo Conselho Tutelar.

Tentei uma conciliação, sugeri que nos uníssemos, poderíamos somar e garantir sucesso, juntando nossos Projetos, pois como poderiam constatar, já obtivera resultados bastante positivos. Falei e falei com o *Quem* responsável, mas foi em vão!

Por mais que apontasse méritos, confiança, aval de Pessoas de projeção, provas do nosso trabalho tão bem sucedido, a resposta era sempre não, e fechou o final na nossa cara, com um NÃO, irrevogável!

Dava para sentir que nisso estava pautada e explícita a vaidade de quem não queria se ver superada em nada, mesmo que prejudicasse a vida das crianças que tentávamos proteger e encaminhar para um futuro decente. Mais importante do que as pobres crianças, para essas pessoas que vetavam tudo, era o sucesso do próprio nome, por uma vaidade política fria, e desumana, para não receber do movimento dos Projetos alheios o retrato vivo do que deveriam fazer, desmascarando suas falhas e a vergonha do seu Projeto engavetado, manco, obsoleto e sem mérito algum, estacionado e congelado só em planos. A evolução positiva dos nossos trabalhos comprovaria a ineficácia

do trabalho deles, pela falta de domínio sobre as crianças que deveriam, pelo tempo que lidavam com elas, ter atingido pelo menos uma condição disciplinar igual á que conseguíamos, em tão pouco tempo, das que estavam conosco, mas o que víamos do seu lado, eram crianças irascíveis e revoltadas, muitas delas, quando passadas para a nossa orientação, integravam-se e mudavam seus hábitos, aceitavam a educação e ensinamentos que os nossos educadores lhes transmitiam.

A pior batalha que se enfrenta em empreendimentos como esse é da Simplicidade, da Humildade, contra a vaidade alheia!

Principalmente quando entra a pobre política de gente pobre de espírito.

Sabe disso quem já sofreu pressões como eu sofri pela intenção de fazer o Bem sem visar interesses políticos, dos políticos que só enxergam as pontas dos próprios sapatos, daqueles que se equilibram em saltos que vivem oscilando, e que podem quebrar, levando o tomo no arrastão das novas nomeações feitas a cada eleição!

Desisti, do espaço na Esplanada do Carmo, atrás da Igreja do Carmo, e dos seus quiosques! Mas não esmoreci e nem desisti do único lugar que me era apontado! Livre para ser nosso território também! Para

fincarmos nele, declarando guerra a todos que quisessem nos impedir de realizar nosso grande sonho humanitário. E lutaríamos ali, unidos e sem medo, porque a Esperança nunca nos abandonava!

E esse lugar do qual tomaríamos e ocuparíamos um pedaço, ninguém tiraria de nós! Ninguém se atreveria a nos expulsar de lá! Íamos tomá-lo, com a bênção de Deus! A própria Praça!

Os novos planos delinearam-se rápidos e precisos, movida e acionada pela revolta da certeza de que alguém estava empenhado em me expulsar do caminho, em me afastar, porque eu incomodava, queria acabar com os meus projetos, porque eram exemplos de sucesso e denegria a imagem *de alguns* que não evoluíam, que não mostravam nada pelo que pudessem classificarem-se como dignos da posição e do trabalho que lideravam.

Um movimento como o nosso em benefício das crianças e adolescentes que viviam pelas ruas, recolhidos para o seio de uma Associação que lhes dava carinho, educação, ensino, que estudava suas qualidades e os encaminhava para estudos profissionalizantes, que se empenhava em torná-los dignos de freqüentar qualquer lugar, de usufruir de todos os direitos que o ser humano deve ter como cidadão, civilizado, pela educação e comportamento

que já poderiam assumir, sem receio da nossa parte, perante a sociedade, atemorizavam-nos, pasmados e endeusados por orgulho e prepotência, agiam como bonecos sem ideais, sem perspectivas, porque lhes faltava o principal, amor no coração.

Assim viviam estagnados por trás de escrivatinhas, sempre dispostos a dizer NÃO aos Projetos que destacassem méritos e revertissem em seus deméritos!

Ou, que, mais grave ainda, pudessem ameaçá-los cobrando-lhes a obrigação e dever de terem que fazer o mesmo, de corresponderem satisfatoriamente ao que teriam que ser na figura e posto que representavam! E isso era muito cansativo e enfadonho para eles, pelo que considereei que exerciam tais cargos porque simplesmente precisavam trabalhar, isto é, precisavam do salário! Infelizmente, venham me dizer ou discutir coisa contrária, afirmarei que não faziam por merecer, não correspondiam ao que recebiam!

Em Frente da Casa de Deus!

Combinamos com o coronel que faríamos um trabalho aberto e livre na Praça.

Os educadores e todas as nossas crianças usariam as nossas camisetas com o logotipo da Santa Fé, a fim de serem identificadas, pudéssemos recolhê-las e protegê-las, quando acontecesse qualquer tumulto, pois nessa época a Praça vivia em pé de guerra.

Podíamos assegurar-nos, pois Paulinho, da Força Sindical, cedeu-nos uma Kombi. Tínhamos banquinhos, rede de vôlei, mesas para pintura. A Kombi usaríamos para guardar e distribuir material que seria usado nas oficinas. Como dera certo no começo, resolvemos seguir fazendo o mesmo que havíamos feito para a festa de natal, montando oficinas pela Praça.

E fomos todos para o endereço assustador e temido nos primeiros dias das minhas peregrinações

para fazer nascer e agora para continuar o Projeto Santa Fé!

Eu ali! Trabalhando com as crianças na Praça!

Mas não era só uma Praça! Afinal tínhamos a majestosa Catedral diante de nós, com suas escadarias, suas cúpulas, sua beleza arquitetônica, e seu significado! Estávamos em frente à Casa de Deus! Nos jardins da Catedral!

Isso era teste! Senti que estava sendo submetida a testes para que eu própria descobrisse em mim de quanta coragem, disposição e amor poderia dispor.

As crianças e adolescentes participavam de todas as reuniões, para que soubessem quais as dificuldades que passávamos, para que também aprendessem, esclarecendo tudo que ficasse em dúvida ou confuso, para que dessem valor a todas as coisas que conseguíamos para elas. Como resultado mostravam-se interessadas em colaborar e gratas porque não as tínhamos abandonado.

Com muita disposição e dedicação dividiam suas funções e desempenhavam com mais garra trabalhos que distribuíamos entre elas, conforme habilidade que íamos reconhecendo em cada uma, artesanato, culinária, pintura, música, canto, vendedores. Os maiores tomando conta dos pequeninhos.

Não pensem que não deparamos com crianças problemas, que não tivemos dificuldades com algumas delas, bem rebeldes, mas não as desprezávamos, nem as mandávamos embora, ao contrário, era exatamente com esse tipo de crianças que mostrávamos nossa dedicação, nossa eficiência, na busca de resultados compensadores, quantas conseguimos desviar dos caminhos escusos e interessá-las num estudo qualquer até que se definiam e escolhiam o que seguir.

Verdade que, era muito trabalhoso e que algumas, muito revoltadas, irascíveis, cheias de traumas, deixavam-nos tontos, às vezes com a sensação de incapacidade, mas perseverávamos e seus próprios amiguinhos acabavam influenciando-as para que entendessem nossa intenção e achassem o caminho que abríamos para elas, estendendo-lhes nossas mãos, o ombro para chorar suas mágoas, o colo para niná-las, o confidente para ajudá-las a esclarecer e resolver seus conflitos e problemas.

Ouvíamos cada história! Tenebrosas! Abstenho-me de contá-las aqui. Nos livros documentários do Projeto Santa Fé estão registrados depoimentos de muitas crianças, assuntos dos mais variados enfoques.

É fácil imaginar, num contraponto, como é o lado difícil do caráter dessas crianças, o lado escuro, quase impenetrável de suas mentes, mas os psicólogos, os

educadores, todos fazíamos um trabalho intensivo não só ocupacional, como psicológico, para tratá-las.

A comida que era servida chegava fria e tornava-se difícil de digerir, então o coronel ofereceu a cozinha do Batalhão para fazermos lá mais uma oficina, com os nossos pequenos cozinheiros, o que passamos a dividir com o pessoal da JEAME que tinha um lugar de atendimento de crianças instalado na sala de um prédio na Praça. Freqüentavam a cozinha do Batalhão duas vezes por semana, nossas crianças e os educadores usavam os dias restantes.

Os produtos alimentícios eram fornecidos pelo Batalhão, através de doações. Foi quando conheci o Coronel Gilson Lopes, uma pessoa circunspecta e ar de homem severo, entretanto surpreendeu-nos com a sua bondade, com a sua delicadeza no modo de tratar todos, muito educado e atencioso, um verdadeiro cavalheiro que a farda não embruteceu pela vida perigosa que homens como ele tinham que enfrentar no seu dia-a-dia na luta contra a violência.

Um homem de caráter caridoso e apreciado por todos, muito sensível aos problemas da sociedade. Logo aderiu ao nosso movimento, colaborando em tudo quanto era possível, estava sempre disposto a nos atender.

Assim também éramos considerados por todo Batalhão, todos mantinham conosco uma relação de respeito e proteção, tanto assim que intercedeu junto á Pastoral para amenizar as divergências com a polícia, ao que lhes propus que uma das educadoras da Pastoral fizesse uma palestra para todo regimento, explicando-lhes como seria conveniente tratar as crianças, como lidar com elas no caso de uma prisão por algum delito. Que seria importante ouvi-las e falar com elas. Desse modo poderiam impor a Lei com Justiça, tendo um julgamento honesto, conhecendo melhor a pessoa com quem lidavam, e não chegar logo agredindo, atacando, levando preso, sem antes verificar o que acontecera de fato e então cumprir seu dever, sem discriminar ninguém.

De imediato, como sempre fui atendida marcaram o dia da palestra, pelo que obtivemos excelente resultado.

Estabeleceu-se mais ordem na Praça, as próprias crianças e adolescentes mudaram seu comportamento. O que nos entusiasmava era que crianças de outras associações ou que chegavam lá pela primeira vez, queriam ser crianças da Santa Fé. Nosso código era, educação, respeito, disposição para estudar, ocupar o tempo em algum aprendizado, artesanato, pintura, esporte e outras ocupações culturais. Tanto assim que

acabamos fazendo uma belíssima exposição de arte no CPA.M1.

Os trabalhos feitos nas oficinas da Praça foram apreciados pelas autoridades e convidados que puderam comprovar a eficiência dos nossos educadores e a grande mudança que se operava naquelas crianças.

Desde a festa natalina doutor Salim Curiati preocupava-se em arranjar um local que servisse de abrigo para recolher as crianças, mas os dias passavam e nada! Um momento de felicidade foi quando ele levou-nos a cadeira de rodas para que a entregássemos ao menino do carrinho de rolimã.

Foi um momento chocante de emoção, quando sentado em sua cadeira o menino disse, chorando, quando me inclinei para abraçá-lo cumprimentando-o feliz:

– Tia, agora eu não vejo o chão tão di perto, ficou mais longe do meu nariz! Não vou mais esfolar minhas mãos...

Respirei fundo, agradei e agradei a Salim Curiati e a Deus.

Depois, o problema do tempo, como sabem sempre incerto, na nossa cidade, às vezes um calor insuportável de dia e á noite um frio de não se agüentar, motivo pelo qual vivíamos recorrendo aos

Prontos Socorros, para atendimentos médicos e hospitalares.

Urgente! Um lugar, meu Deus! Um teto! Seja lá onde for, até que eu e meu marido possamos fazer alguma coisa mais além do que pudemos até agora.

Eu rezava. Não ia só aos Ministérios e Secretarias, freqüentava Igrejas, onde rezava e fazia promessas para conseguir auxílio.

Quantas vezes entrei na Catedral e ajoelhei-me diante do altar. E conversava com Deus, reclamava, pedia-lhe que iluminasse a cabeça, o coração das pessoas, que abrisse portas para nós, para que desviássemos as criancinhas do caminho dos iníquos, para conduzi-los como carneirinhos ao seu aprisco, afinal Ele não dissera: – Deixai vir a mim as criancinhas?!

Pois era isso que eu queria, conduzi-las para Ele, para a Fé, para que acreditassem no Pai! O Pai de todos! E rezava...

As dificuldades eram incontáveis, eu já não tinha mais a quem recorrer, acho que conheci todos os Órgãos Públicos, todas as Secretarias, Ministérios e etcetera e tal, nas minhas andanças, exaustivas, trazendo como resposta o eterno Não:

– Não temos como, não podemos, não é da nossa alçada, não se pode fazer nada, é impossível, não existe lugar disponível, a senhora está sonhando muito, é um exagero o que pede, não dá! Não!

Todas as vezes em que estive na sala do coronel Nakaharada á espera de uma resposta dele para esse persistente pedido pude ver que ele tentava todos os meios, que recorria a tudo para conseguir um lugar, mas era mesmo difícil! Nem eu e nem ele desanimávamos e continuávamos insistindo na busca de um lugar para alojar as crianças.

Nossas conversas eram interrompidas por telefonemas de pessoas que agradeciam por ele ter conseguido alguma coisa ou de pessoas que igual a mim pediam-lhe favores, seus préstimos, sua santa ajuda. Finalmente, de novo, o meu grande amigo Salim Curiati e suas soluções mágicas!

Finalmente, eu disse, pelo menos isso foi um entusiasmo que abrandou as incertezas e medos que me atormentavam, de não conseguir um lugar para onde irmos, um lugar para que existisse de fato a Associação Santa Fé. Foi um telefonema que me fez sentir a mulher mais feliz do mundo. A voz de Curiati estava irradiando bondade e força:

– Lilian, consegui um lugar. Trata-se de um hospital desativado na Rua Washington Luiz, número

1215. Tenho certeza que vai servir para o que você procura. Só falta negociar com o proprietário, pois a Prefeitura se responsabilizará em alugá-lo, tenha confiança. Pode ir lá verificar, se lhe agradar pode contar que ele já é seu; que será todo do Projeto Santa Fé.

Impossível descrever a alegria com que me precipitei fora de casa e corri para o endereço que ele me passou, feliz e realizado.

Quase não me continha. Fiquei deslumbrada! Era mais do que atrevera sonhar. Tinha tudo! Não faltava nada! Muito mais do que suficiente. Sobrava espaço! Para esportes, uma cozinha imensa, completa, podem imaginar o valor de uma cozinha de hospital, as dependências hospitalares com seus quartos completos, prontinhos, camas, tudo!

Trocando telefonemas com doutor Salim Curiati negocieei com o proprietário do hospital para que as camas ficassem e tudo quanto estava montado, como a cozinha super equipada.

Ficou combinado que desenvolveríamos a idéia dos adolescentes, aprendizes de cozinheiros, com educadores dessa área, fazerem a própria comida e, seria um meio de sustentá-las se vendêssemos refeições pra fora.

Márcia acompanhara-me numa das idas para vistoriarmos incansavelmente o lugar que consideramos jamais conseguir outro igual, tão perfeito! Era dádiva de Deus! Minhas orações tinham sido ouvidas. Estava com as chaves na mão!

Ⓞ Poder do Ouro!

Saiu uma portaria no Diário Oficial! E a nossa alegria foi quebrada como que a pauladas!

A Bruxa Vaidade agia na surdina e tecia seus pauzinhos para causar malefícios, não importava a quem ferisse, o inimigo objetivo era eu! Estava na sua mira! Suas garras demoníacas iam destruindo tudo de útil que pudesse nos ajudar, qualquer coisa boa que pudesse apontar no meu caminho!

Era uma Portaria do Sr. Prefeito, Paulo Maluf. Dizia que só o CASA poderia atender, alugar, ou tratar de assuntos ligados a crianças em situação de rua.

Segundo impressões, meus próprios pensamentos e informações posteriores, Paulo Maluf foi levado, durante reunião feita com importante figura de uma das suas Entidades, a criar a toda pressa esse decreto lei.

Os motivos discutidos não me foram passados, mas pude subentender. Creio, entretanto que Paulo

Maluf não tivesse consciência do significado da urgência em que essa pessoa agira para que fosse atendida suas, sei lá quais ponderações a respeito que usou, na sugestão que apresentou para que ele resolvesse criar tão inesperada e devastadora lei que nos atingiu em cheio.

Fui pessoalmente ao escritório do doutor Salim Curiati entregar-lhe as chaves, pois não queria prejudicá-lo, insistindo num assunto que seria indiscutível. Ordens são ordens, lei é lei e sendo considerada uma intrometida, meu inimigo oculto atrás de falsos sorrisos estaria bem preparado para derrotar-me em qualquer nova investida. Salim Curiati ficou sem saber o que dizer, subordinado ao Prefeito apenas lastimou que não tivesse dado certo, que fora boa sua intenção, mas infelizmente nem sequer saberia como tal fato poderia ter acontecido.

Insinuei:

– Eu sei.

Ele permaneceu em silêncio. Não sorriu, não fez nenhuma expressão que me transmitisse o que também poderia saber, apenas lastimou e pediu desculpas.

Até hoje não sei se o senhor ex-prefeito, Paulo Maluf sabe o que ocasionou, se ao menos desconfiou, se não, fica sabendo agora e aqui da marcação feita

contra meus trabalhos e esforços em manter abertas as Portas do Projeto Santa Fé, porque pautava-se em rigores de lei e do que está acima de todas as Leis, que é o Desígnio de Deus! Estavam sim, de olho em mim, temiam o que eu fazia, no que me metia, tentavam impedir minha luta porque com o nosso sucesso estávamos mostrando em que mãos incapacitadas, inábeis e sem comiseração estavam certos órgãos públicos.

A Associação Santa Fé desenvolvia um trabalho direto e constante, expandindo-se, conseguindo das crianças de vida solta pelas ruas uma receptividade, uma união conosco, que colocavam-nas na plenitude e classe, da categoria de criança comum e total.

O que não acontecia com *aquela outra!*

Que preço alto a vaidade cobra daqueles que coloca como seus inimigos! A segurança das crianças! Que mal conseguiram, algemando minhas mãos, cerceando meus passos, impedindo-me de girar uma chave na fechadura de um abrigo que só atenderia seres pequeninos, indefesos, necessitados dos nossos auxílios!

Não poderia parar, lembrando-me do dia em que fora encontrá-las na pocilga, no depósito de caixões de defunto! Jamais admitiria que voltassem a ocupar um lugar como aquele, preferível mesmo a Praça, onde

continuamos trabalhando sem quiosques, sem barracas, abandonados, sozinhos, porque as outras Entidades afastaram-se de nós pelo motivo de termos sido excluídos, pela inesperada lei que limitava, cerceava e dava a Quem, o que não devia estar em seu poder absoluto.

Os exploradores das crianças da Praça quase fizeram festa, se não fizeram, pois acreditaram que estavam livres para agir e levá-las de volta para o seu meio, para continuarem com suas malandragens. Agiam feito gaviões atrás das presas que começaram a se tornar mais ariscas e fugiam deles.

O incrível foi o que descobrimos com isso. Fizeram-nos ver as crianças e os adolescentes por outro ângulo, até que de certa forma trouxe-nos um grande alento, porque a reação das nossas crianças foi de medo, de insegurança e perguntavam:

– E agora, tia? A gente vai ter que ficar sempre aqui?

Os educadores faziam papel de guardiões e ficavam com as crianças até tarde da noite, lá pelas tantas revezavam com outros que continuavam tomando conta das crianças até que amanhecia o dia.

Era mesmo uma batalha! Como se não bastasse as investidas do tempo incerto, que mandava chuva sobre

nós, trazia doenças irreversíveis para os pulmões fracos dos viciados que recuperávamos aos poucos, os anêmicos, apesar dos medicamentos que também conseguíamos a duras penas, ficavam mais debilitados, apesar dos tratamentos que lhes dispensávamos.

Não bastavam os cobertores, os cuidados médicos, hão de convir que precisavam estar num lugar saudável, onde recuperação de doentes se processa mais rápido, resguardados do frio e das chuvas, dos ventos e falta de muitas coisas que só numa casa encontramos, não na rua!

Quanto Mais me Hiram...

Mais eu cresço! Nunca me dou por derrotada. Acho que fracasso só acontece para quem entrega os pontos, recua e deserta. Nunca desertei em minhas guerras. Como sei usar a palavra armistício, fazendo análise de tudo que vinha passando, cheguei á conclusão final, que o Problema Era Eu!

Então tentei hastear minha Bandeira Branca, pensando: -Se é para o Bem de todos direi ao inimigo que saio!

Conversei com o coronel Nakaharada, para que oferecesse o Projeto Santa Fé para o CASA, assim eles continuariam de onde eu saía, com tudo esquematizado, organizado e promissor, porque nossas crianças serviriam de exemplo para todas as outras crianças em situação de rua, seria uma união que só beneficiaria a todos, por esse motivo era capaz de renunciar, de entregar os pontos, de render-me ao inimigo, desde que prosseguissem com os mesmos

feitos que nós tínhamos somado e armazenado num histórico documentado, digno de ser apreciado e seguido. A Associação Santa Fé já era uma realidade! Existia em todos os parâmetros e interesses sociais com resultados satisfatórios e perspectivas mais promissoras, pelo nosso ideal implantado nele o que ressaltava do comportamento, educação e reciprocidade que vinham das crianças e dos adolescentes.

Formávamos uma verdadeira Instituição integrada aos bons costumes, à Cultura, à Educação, à Arte, ao Lazer, aos Esportes, à Saúde e diretrizes religiosas.

Se eu morresse naqueles dias creio que temeriam a aparição do meu fantasma, reclamando meus direitos de honra sobre a criação do Projeto Santa Fé.

Tenho certeza que só se fixaram em mim, na minha pessoa, na minha popularidade, que ia estendendo-se por todos os cantos porque as crianças levavam meu nome, a tia Lilian, que os amava, que tudo queria fazer por eles. Ouvia isso dos garotos e das meninas, que me contavam, o que espalhavam a meu respeito, por isso apareciam tantas crianças querendo fazer parte do nosso grupo.

Era assim, por que contar diferente? Por que fazer-me pequena como me sinto, quando eles me viam

como uma ave enorme sob as asas da qual vinham aninhar-se? Era assim que eles se referiam a mim, pra mim.

A força de vontade para continuar tem que ser poderosa e invencível, superior á força do outro que quer nos derrubar, quando digo o outro acho que entendem, o inimigo de Deus, aquele que só aparece para atrapalhar tudo, até conseguia, para perturbar, mas a minha cabeça, o meu coração, nunca! Por isso resolvi, numa erupção de todos os sentimentos que saltaram do vulcão da minha alma, dinamizar mais ainda a minha vontade e a minha Perseverança!

Fomos todos em busca de doações, sem desistir da procura de um lugar para abrigarmos as crianças. Quando não dava para acertar, contas, salários, compras que se faziam necessárias, Gilberto cobria todas as despesas.

O espetáculo e cenas da Praça continuavam os mesmos! Crianças que se metiam entre os transeuntes para roubar e vender para comprar droga, tomavam banho no chafariz, mães adolescentes faziam mamadeiras com a água suja, contaminada das fontes dos chafarizes, dormiam nas saídas dos condutores de ar do metrô para se aquecerem do frio, viviam drogadas, usando sempre esmalte que era vendido para elas, por certos camelôs da Praça.

Cheiravam esmalte barato, de fabricação caseira. Os vidros eram vendidos por alguns camelôs da praça e nas ruas adjacentes.

O esmalte era feito com excesso de acetato, para produzir com rapidez seu efeito tóxico. Para as crianças cheirarem acoplavam um saquinho plástico ao vidro, subentendendo-se que no momento em que se derramasse o seu conteúdo recenderia o acetato, então elas aspiravam profundamente esse ar. As crianças satisfaziam-se no vício e entravam em estado letárgico, tornando-se presas fáceis para o comando dos marginais que passavam a usá-las para cometerem seus crimes, assalto, furtos e roubos.

Era assim, quando voltavam para a Praça, impossível controlar! Urgente que se tomasse providência. Percorri gabinetes, e segui perguntando a amigos com quem poderia falar para recorrer a fim de que fossem tomadas medidas cabíveis a fato tão grave. Fui também procurar o vereador Hanna Garib. Falei sobre a venda do esmalte na Praça, que isso dificultava e impedia nosso trabalho com as crianças em situação de rua. Nessas andanças cheguei ao Administrador da Regional da Sé, senhor Vitor David. Expus todo assunto e ele entendeu a gravidade do problema. Se pretendíamos proporcionar vida decente para as crianças, óbvio que o certo seria começar por livrá-las

dos vícios. Fiz uma coordenada dos trabalhos do Projeto Santa Fé e ele prometeu que tudo faria para acabar com a venda do esmalte. Realmente Vitor David conseguiu acabar com o comércio do esmalte venenoso, na Praça.

A Polícia Militar nos dava tranqüilidade, mantendo presença constante, tomando conta da Praça, assim conseguíamos dar andamento aos nossos programas nas oficinas.

Prisioneiros das Ruas!

Junho! Mês frio, nevoento, inverno que ia dia a dia tornando-se mais rigoroso. As crianças não tinham casa, nem teto, nada! Só os cobertores e agasalhos que lhes levávamos. Dormiam nas saídas dos condutores de ar quente do metrô.

Todas as noites servíamos, leite quente, ou chocolate, sopa, quentinha e substancial, depois do jantar, durante a madrugada, várias vezes, para aquecê-los. Os educadores ensinava-lhes exercícios e faziam massagens nos mais friorentos para ativar a circulação do sangue. Eram envidados todos os meios para amenizar o que sofriam no inverno que castigava.

Para onde levá-los? Eram muitos!

Inviável acomodá-los em nossas casas. O que até já discutíamos o assunto, analisamos tudo quanto poderia ser feito, mas eram muitos, seria discriminativo encaminharmos apenas alguns. Eram todos carentes! Ao desenvolvermos méritos das

questões que precisávamos resolver entendemos e tivemos que aceitar as preocupações referentes aos rigores das leis e obrigação de serem respeitadas.

Continuamos nosso trabalho, e requisitamos a Imprensa para comprovar o que estávamos fazendo, seria um registro que chegaria ao conhecimento de todo mundo, assim, quem sabe conseguiríamos através da própria Prefeitura encaminhar nossas crianças para um abrigo, e também acabar com a imagem feia e perigosa da Praça, que estava mudando em tudo, não só graças ao nosso trabalho como pelo seu policiamento.

A nossa intenção intrínseca era de que se fizesse reportagens, mostrando esse novo aspecto, as crianças que recuperávamos, para incentivar trabalhos como os que estavam sob nossos cuidados, e para que acabassem com as notícias sensacionalistas que só enfocavam miséria, crimes, tráfico, assaltos, todos os terríveis e degradantes fatos que num efeito como que agenciador atraíam crianças que assimilavam mais fácil o espírito de malandragem que viam nas cenas das imagens projetadas. Desse modo, tornavam-se viciados e abusivos da liberdade que a Praça lhes oferecia, pelo que acabariam sendo irrecuperáveis prisioneiros das ruas!

Por isso pedimos á imprensa que fosse constatar e mostrar o trabalho, com fotos e textos honestos o que vínhamos desenvolvendo na Praça, armando nossas oficinas logo ao clarear do dia, nas primeiras horas da manhã, quando as crianças começavam a chegar, animadas pela ocupação que lhes oferecíamos e o resultado que conseguiam de si próprios.

Despertando nelas o espírito da responsabilidade, interesse por um trabalho, pelos estudos, avivando amor-próprio, para não pedirem esmolas dos transeuntes, nem assaltar, nem roubar, e em vez de se deixarem levar por uma vida ociosa, de drogas e de perigos, interessarem-se em aprender ofícios a se posicionarem na vida, que para isso tudo tínhamos excelentes educadores, o que faltava era o lugar para implantarmos nossa Associação Santa Fé.

Seria preciso uma desgraça para acionar as pessoas do Poder para se tomar alguma providência? Foi um choque! Foi horrível a manhã em que despertaram com o choro de uma das adolescentes, mãe de um dos bebês, que moravam na Praça.

Não suportando o frio dessa madrugada, o bebê morreu. Foi muito triste, arrasador. Revoltou-nos! Então minha equipe reuniu-se e decidimos que isso não iria se repetir, que apelaríamos para todos os

meios, recorreríamos a tudo e a todos até arranjarmos um lugar, nem que fosse para abrigar pelo menos as mães adolescentes e as gestantes, pois isso era o mais comum de se ver. Crianças com bebês nos braços. Um mundo destorcido pela vida brutal, pelo excesso de liberdade, sem freios, sem limites, sem conseqüências.

Liberdade, sim, mas organizada, comedida, com a orientação que impede o indivíduo de cometer atos que revertam em seu próprio prejuízo e malefício. E isso só se consegue com Educação, com Escolas, com Lares construídos com amor e não destruídos pela Fome, pelo desemprego, pelo descaso!

Por intermédio do coronel Nakaharada e do senhor Hanemman Nobre Vieira, do SESC do Carmo, conseguimos um abrigo, na Rua Vergueiro.

Esse local havia sido alojamento dos trabalhadores do metrô. Falamos com o proprietário do terreno que nos permitiu usá-lo por um tempo específico, até que arranjassemos outro lugar, mas que fosse rigorosamente dentro do prazo que ele poderia abrir mão do terreno.

Convidamos as crianças e adolescentes, as mães solteiras, as grávidas, para irem conosco, impondo as mesmas condições no comportamento e regras que havíamos adotado na Acendino Reis.

Para surpresa e alegria nossa, todos aceitaram e prometeram cumprir nossas ordens, que consistiam em que só poderiam sair do alojamento com o consentimento dos educadores.

Cem por cento seguiu-nos. Novamente entramos acelerados no trabalho de montagem do acampamento para darmos início a um novo Projeto, pois tudo ia modificando-se conforme os lugares e espaços para os quais íamos nos transferindo o que, nessas mudanças, sem dúvida acrescentava mais conhecimentos sobre a vida em situação de rua, com tantas andanças fomos reparando nossas falhas, aproveitando tudo que se podia aproveitar para um melhoramento sensível e um know how muito importante, instruindo-nos para sermos hábeis e capazes para enfrentar todo tipo de situações e emergências.

As refeições continuavam sendo feitas na cozinha do Batalhão. Levamos mais ou menos um mês até conseguirmos pôr tudo em ordem, entremeados de momentos terríveis quando tínhamos problemas com pequenos drogados, mas conseguíamos, com a eficiência dos educadores, todos excelentes psicólogos, contornar a situação e até recuperar o viciado, alguns iam diminuindo crises, outros ainda ficavam dopados, em estado letárgico, uma coisa muito desagradável de se assistir. Mas vencíamos, e passávamos incentivados

cada vez mais por todas as etapas, porque nosso amor era mais forte do que toda droga atuando no organismo daquelas infelizes criaturas ainda mal formadas para a vida e que já vinham, envenenando-se.

Os tratamentos eram intensivos, e a permanência deles no acampamento com os cuidados dos educadores impediam que adquirissem drogas evitando que saíssem de sob suas vistas. Alguns ficavam excitados e queriam sair a qualquer custo, mas conseguíamos distraí-los e ao fim do nosso empenho regozijávamos pela vitória contra tão nefasto mal devastador!

Assim mesmo aconteciam algumas fugas, algumas escapadas dos adolescentes que voltavam depois em estado lastimável.

Divergências, diálogos, opiniões que não concluía nada, sugestões simples que resolviam tudo, assim, entre altos e baixos íamos dando prosseguimento à nossa missão, a qual, apesar dos muitos contratempos que surgiam, além das dificuldades e desentendimentos, aos empurrões e trompaços, acabava tendo resultados que nos deixavam felizes, pois que todo nosso empenho, dias e noites exaustivos, não havia sido em vão, pois sempre nos reverenciávamos uns aos outros pela satisfação de

termos conseguido muito mais do que até pretendíamos.

Pequenas vitórias dimensionavam grandes perspectivas sobre a recuperação e comportamento dos nossos protegidos, entretanto não bastava.

Por mais que cresça o número deles conosco, será sempre uma minoria se autoridades competentes não tomarem medidas amplas e solucionáveis, em relação às crianças que vivem nas ruas. Desde a mais tenra idade, convivendo com todo tipo de marginais, aprendendo todas as sacanagens e trapaças, com uma escolaridade de banditismo tão prática e constante, é de se temer que dentre eles destaque-se a inteligência do Mal, que dentre eles surja um homem ou uma mulher que formados pela vida em qualquer carreira que se especializem serão os mais hábeis ladrões, os mais perigosos assassinos! Criminosos, dos mais capazes de enganarem todos, e, como erva daninha, enroscando-se e subindo pelas pilastras do Poder chegarem até a comandar a Nação! A mãozinha pequena de uma criança, roubando fortalecerá e tornará mais hábil a Mão grande do homem do amanhã. E como viveremos então, se hoje já erguemos grades ao nosso redor, como é fala corrente, somos prisioneiros nas nossas próprias casas.

Tudo isso pode ser evitado. Tinha provas a cada dia que aqueles seres humanos, discriminados, ameaças da nossa segurança eram maleáveis, não eram pessoas torcidas no caos da vida, mas perdidas por um destino infausto, e dependeriam de nós outros a sua integração plena na sociedade.

Enquanto não se estabelecia a homologação do convênio com a Prefeitura, estava mesmo difícil e morosa a nossa inscrição, sabem todos que andamento dos processos são sempre demorados, mesmo quando já foram aprovados em todos os itens e requisitos, a Secretaria Municipal de Abastecimento (SEMAB), na pessoa do seu secretário Waldemar da Costa Filho, conhecedor do nosso trabalho e da necessidade de alimento para as crianças, fornecia-nos toda qualidade de alimentos não perecíveis, enviando tudo para o CPMA1, onde nossos educadores e adolescentes cozinhavam.

De repente fomos surpreendidos com mais uma portaria do Sr. Paulo Maluf: – “Nenhuma Secretaria poderia mandar alimento para qualquer outra Entidade que trabalhasse com crianças em situação de rua. Somente o CASA tinha essa função.

Mais uma vez fomos prejudicados. Não vimos outra alternativa se não sairmos em campo em marcha

de busca, pedindo para um e para outro alimentos para nossas crianças.

Enfim, com tudo isso que enfrentamos, posso garantir que onde o homem desfaz, Deus refaz e posso provar que essas crianças respondem rápido á nossa atenção e á nossa ajuda, está em nossas mãos, escolher a vida que queremos levar.

De Volta ao *Status Quo!*

Outra vez despejados! Sacolas nas costas!

Recebemos notícia que restava apenas uma semana para mudarmos.

Márcia e eu fomos a um bar em frente ao alojamento na Rua Vergueiro.

Estávamos desacorçoadas, verdadeiramente exaustas devido a tantas mudanças e percalços. Nem dava para acreditar o que acontecia. Tanta boa vontade, tanto desempenho e, como migrantes, andarilhas, lá íamos nós com nossas tralhas nas costas, de volta com as crianças para as ruas, ou melhor, para o destino que parecia marcá-las, a Praça!

Senti-me escalando a mais íngreme montanha, com tantos obstáculos, tantos passinhos pra frente passinhos pra trás que desafios tantos me faziam quase crer nunca alcançaria o topo da montanha.

A palavra Nunca, na minha cabeça, acionou força, coragem, planos, tudo quanto determina que se

tome uma posição, que se estufe o peito, retome fôlego e prossiga-se na caminhada, sem olhar para baixo, pra não despencar pelos precipícios.

Não olharia pra trás! Decidi! Retomaria caminhada, olhando sempre foco de chegada, nunca para obstáculos derrubados e que por se tornarem cansativos, por nos ferirem, levam-nos á renúncia do Sonho!

O Sonho fora a árvore de natal! O primeiro e tão singelo sonho, que se bipartiu em mil outros! Por que não fazer tudo de novo?! Voltar a sonhar! Sonhara com a enorme árvore e conseguira! Por que não sonhar com uma grande casa e conseguir também? Prognostiquei como se pudesse ver o futuro: As crianças teriam sua casa!

– Nós não vamos desistir, Márcia!

Márcia estava triste, imaginando o que poderíamos fazer.

A preocupação tinha mais peso porque os salários, dela e dos funcionários estavam periclitantes, o SEMAB parara de fornecer alimentos devido o decreto lei da Prefeitura expedido pelo senhor Paulo Maluf. As pessoas às quais recorriamos estavam cansadas de ver a minha cara de pidona, aquela expressão que deprime do *pelo amor de Deus nos ajude, qualquer coisa, para*

agasalharmos e alimentarmos nossas crianças, ah! Remédios também, precisamos medicamentos, temos algumas adolescentes em estado grave! Assim!

Márcia me encarou sem achar como continuarmos.

– Não é possível tanto empecilho, Márcia, alguém lá de cima vai nos ajudar...

Ela então sacudiu a cabeça com jeitinho de quem quer ainda acreditar em alguma coisa e retrucou:

– Como, Lilian? Como acreditar? Em quem? No que?

– Você tem que acreditar em algo!

Respondi com medo que ela se aprofundasse no desânimo, ao que ela exclamou:

– Só se for na lua!

– Então reze para a lua! Vamos rezar para a lua, se você acredita nela vou acreditar também!

Rezar para a Lua, como se ela fosse uma Santa Milagrosa, uma Fada que com sua varinha de condão abriria portas para nós, como Moisés conseguira abrir o mar em margens para que em Exôdo seu povo pudesse por esse caminho seguir em busca da Terra Prometida! Só que nós não tínhamos nada prometido, só o meu sonho, nada mais, nem em perspectivas, ao

contrário, tudo nos era negado. Então estufei meu espírito indômito pela decisão que tomei e garanti:

– Vamos continuar, sim Márcia!

Não queria e nem me admitiria decepcionar as crianças, os educadores e a própria Márcia! Haviam colocado em mim toda sua confiança.

Olhei para Márcia, que estava cabisbaixa, sem ânimo, desanimada pelas ferroadas que levávamos a todo instante. Seria difícil para ela entrar inteira na minha decisão, embora sua disposição, pois ela dependia de salário e nem contávamos com auxílio de ninguém, e não podíamos ficar sem contar com ela.

Tudo seria mais incerto desse dia em diante, porém me impus com a certeza de que daria um jeito. Não era esperança que eu tinha, era alguma coisa mais que me empurrava em busca de soluções, e falava com tanta certeza, que todos os educadores confiaram em mim, no meu aval, ou melhor, arriscariam nada receber desse dia em diante se eu não conseguisse cumprir minha promessa de que daria um jeito e ninguém sairia prejudicado.

Conversei com o senhor Maurício da Construtora Inter Continental, proprietário do terreno do qual deveríamos sair e convenci-o ajudar-nos, construindo barracões de alojamento de obra no terreno da

Acendino Reis para o qual iríamos, era o único jeito de podermos sair de lá no prazo que ele estipulara. Ele concordou depois de examinar bem sua situação. O que fizesse seria conveniente dada as circunstâncias em que nos colocamos. Simultaneamente pedi ao Gilberto seu terreno de volta.

De antemão sabia que não seria um endereço definitivo, o terreno estava comprometido com negócios em andamento prestes a serem realizados por seus sócios.

Recebemos logo em seguida, de um amigo do coronel Nakaharada, uma lona de circo, e começamos a montar nosso alojamento na rua Acendino Reis.

Para podermos trabalhar melhor, transformei meu atelier localizado na Rua Canário, em Moema, nos escritórios da Associação Santa Fé.

Responsável pela parte educacional do Projeto, Márcia achou conveniente que montássemos uma equipe de auxiliares, que pudessem desenvolver trabalhos mais direcionados ao que nos trazia maiores preocupações. Márcia recorreu ao Doutor Raul Goraeb que desenvolvia e estendia-se em largas experiências em tratamentos com adolescentes viciados em drogas.

Pedi a ele que nos ajudasse na parte de terapia, ao que, sem vacilar prontificou-se, e passou a

colaborar, trabalhando conosco. Devemos a ele oitenta por cento da recuperação dos nossos adolescentes e crianças. Instruídos como terapeutas os nossos educadores desenvolveram trabalhos com grandes e favoráveis resultados, garantindo melhores condições de convivência com as crianças da Associação, que ia aos poucos, com todas as dificuldades e enfrentamentos, consolidando seus propósitos.

A cada dia vivido com elas somávamos certezas de que nosso trabalho e dedicação não era em vão.

Ao contrário, assistíamos, com irrefutáveis provas, progressos no aproveitamento educacional que nos enchia de orgulho, pelo comportamento cotidiano das nossas crianças, que nos respeitavam e a tudo respondiam com satisfação, querendo que ficássemos felizes com elas como estavam encontrando a Felicidade com a qual nem sequer haviam atrevido sonhar.

Já havíamos conseguido acomodá-las em aposentos dos quais elas próprias cuidavam, demonstrando que sabiam sair-se bem nas prendas domésticas. Enfeitavam tudo com vasinhos de plantas e dividiam-se, sem qualquer objeção, pelas tarefas que lhes eram designadas.

As mães cuidavam dos seus bebês, alimentando-os, banhando-os, cuidando para que não adoecessem e

fossem bastante saudáveis, o que podíamos constatar a cada dia, supervisionando com todas as devidas atenções, e consultas médicas.

Nada tínhamos a temer, os bebês estavam cada vez mais gordinhos, corados, bem saudáveis, espertos, jovens mães, felizes, assumidas responsabilidade para com eles, tratavam-nos com muito amor e dedicação.

Os educadores não descuidavam um segundo, e orientavam-nas em tudo. Nossa organização desenvolvia-se bem coordenada, pela distribuição dos setores de cada grupo e suas obrigações. Enquanto os bebês dormiam, as jovens mães desempenhavam serviços domésticos, lavavam roupinhas, preparavam as mamadeiras dos seus filhinhos, varriam aposentos, enfim agiam como perfeitas e alegres donas de casa.

Agilizávamos terapia ocupacional.

Vendo-as em seus afazeres ficava encantada, pensando que eram crianças, brincando de casinha com suas bonecas.

Mas... há sempre um máss... sibilante, estressante, impertinente! Vizinhos! Que absurdo! Nenhum comoveu-se ou interessou-se pelo nosso trabalho, em vez disso punham-se em indisfarçável defesa, como se o alojamento fosse um mocó de bandidos que poderiam invadir suas casas na calada da

noite. Reclamavam contra nós! Não gostavam de encarar a Miséria de frente, vendo que estava sendo enfrentada e combatida por gente que tem amor no coração, que se preocupa pelo próximo.

Para eles, estarmos próximos era um acinte! Uma vergonha para o bairro! Onde já se viu!?

Julgando que estávamos errados, exagerando ao generalizar, que todos vizinhos eram pessoas frias, indiferentes á situação das crianças que tiráramos das ruas, fui pedir auxílio á São Paulo Petróleo.

Fiquei vermelha de vergonha, amarela de mal-estar, verde de decepção, roxa de indignação, enfim, acho que todas as cores passaram pelo meu rosto, olhando para o diretor, um dos diretores que me dizia o seguinte, com a voz mais áspera e dura de se ouvir de um ser humano como resposta a tão humilde pedido:

– Quê que a senhora tá pensando, vou ajudar uma pinóia! A senhora tire logo essas crianças do terreno em frente do meu! Nem quero ver a cara de nenhuma delas! tire-as daí da frente. Eu não vou ajudar coisa nenhuma! Vou tomar medidas de cautela, não pode nem imaginar do que serei capaz se acontecer alguma coisa na minha Firma. Ora... ora... onde já se viu... que idéia a sua!?

Saí de lá, não arrasada, mas envergonhada por termos em nossos meios um homem que me recuso denominar ser humano, homem, eu disse homem? Que homem? E que espécie de animal? Nenhuma classificação, da mais pejorativa lhe serve, pela maneira como falou e demonstrou seu coração negro, jorrando fel em vez de sangue!

Não encontrei palavra para denominá-lo, não por ter recusado ajuda, mas por ter se mostrado tão cruel e discriminativo, tão cheio de preconceitos, que nem sequer poderia perceber o quanto era mau!

Em seguida vimos dobrar vigias noturnos e de dia segurança com policiamento diante dos portões da São Paulo Petróleo.

Os guardas inspecionavam tudo, tomavam conta da Portaria deles e ficavam de olho nos nossos portões, observando-nos. Assim foram vendo que só alojávamos crianças das quais tornaram-se amigos e até se colocaram á nossa disposição caso precisássemos de alguma ajuda.

Enfim, o auxílio que eu fora pedir e que o diretor da São Paulo Petróleo negou, teve um bom destino, bom mesmo, afinal estava dando emprego, revertera em benefício para homens maravilhosos. Fiquei contente, não fosse o nosso alojamento em frente ao terreno do homenzinho de coração negro, nossos

amigos, seus seguranças, talvez continuassem desempregados. Que bom! Forçáramos indiretamente a São Paulo Petróleo a dar emprego a quem precisava! Um emprego onde nossos amigos maravilhosos não precisavam fazer nada, pois não tinham o que temer das nossas crianças e adolescentes, por isso batiam papo com elas, cada vez mais inteirando-se do significado beneficente do nosso Projeto.

O que nós queríamos, entretanto era que as crianças se sentissem como em uma grande casa, o que para elas representava o lugar onde estavam, pois tinham um endereço, não moravam mais pelas ruas, haviam mudado da Praça da Sé, mas fazia-me mal estarmos no terreno da Acendino Reis, por mais oportuno fosse não era lugar indicado, precisávamos de uma casa com acomodações apropriadas, uma casa adequada e conveniente, com todas as condições de acordo com o que uma Entidade que abriga crianças requer.

Meu sonho constante, vê-las, satisfeitas, todas num lugar espaçoso, saudável, bonito, com acomodações para estudo, descanso, salas de aula, recreio, áreas de lazer, enfermaria! Meu objetivo era conseguir realizar em todos os itens! Enfim, eram sonhos auspiciosos que alargavam territórios em minha imaginação, recolhendo todas as crianças e os

adolescentes em situação de rua, vendo-os a entrar e sair normalmente pelos portões da Casa especialmente construída para eles!

Vínhamos, conseguindo, quando ficávamos sabendo os verdadeiros nomes das crianças, os seus sobrenomes, de que bairro eram, entre uma conversa e outra, localizar as famílias de algumas, conduzindo-as de volta aos seus lares. Convidávamos seus genitores para conversarem com nossos terapeutas, assim conseguíamos reintegração entre pais e filhos.

Quando conseguíamos descobrir quem era o pai da criança de determinada adolescente, íamos procurá-lo, conversávamos com ele, incentivando-o a colaborar na criação do seu filho, se pudesse ajudar na alimentação, de algum modo. O importante era que ao desfiarmos nossas intenções o jovem pai que era sempre um menino em situação de rua, acabava entendendo e passava a visitar seu filho com freqüência, assumindo obrigações com a criança.

O adolescente aprendia a banhar o bebê, a trocar fraldas, alimentá-lo com mamadeira, e acompanhava a menina-mãe ao médico.

Já havíamos nesse curto transcorrer de tempo, conseguido no Hospital São Paulo atendimento médico e hospitalar para nossas crianças. Nossa luta a cata de meios financeiros para resolver problemas que

iam somando-se, continuava seríssima! Lugar? Pior! Não conseguia nada!

Os papéis em andamento parecia que estavam esquecidos em alguma escrivaninha. Com toda urgência, precisávamos pertencer á Prefeitura para não sermos dizimados pelas leis que ora por vez quase haviam nos derrubado.

Crianças apareciam drogadas, em estado letárgico, não era nada fácil cuidar delas. Orientados por psicólogos e médicos especializados, sabíamos que não teria bom resultado cortar o vício de repente, então usávamos os métodos que surtiam rápido efeito, trocávamos a droga por balas, cigarros de chocolate, com medicamentos fornecidos por médicos, o que fosse melhor aceito, evitando internação para tratamento de *desimpregnação*, a menos que se tornasse inevitável.

Felizmente a maioria deixou até de fumar.

Sem Direito de Ser...

Como num psicodrama, fazíamos terapia de grupo. Reuníamos todas as crianças, que ficavam sentadas na arquibancada sob a lona de circo. Márcia e um educador desenvolviam trabalhos analíticos que fluíam excelentes resultados, pois podiam avaliar cada criança e cada problema de *per si*.

Dos diálogos trocados, dos assuntos abordados, do que podiam colher dos grupos que reuniam, adquiriam base para conhecimento mais profundo sobre a vida, as experiências, os sentimentos, o temperamento, o caráter, a índole, os traumas e conflitos de cada criança, de cada adolescente e o que poderiam fazer por elas, empregando os mais avançados métodos de critérios terapêuticos. Profissional na sua área, e incansável nos estudos, Márcia junto com os educadores que a seguiam desenvolvia seus temas e aprimorava-se, com muito zelo, tanto assim, que conseguíamos das nossas

crianças o que muitos não conseguiam em matéria de recuperação.

Como método disciplinar tive idéia de dar expressão a um Coral das Crianças do Projeto Santa Fé, pautado no que havíamos conseguido no dia em que cantaram o Hino Nacional no natal de 1993! Nunca saíra da minha cabeça aquele momento, a música como terapia educacional estava sempre nos meus planos, aguardando o momento certo e propício de organizá-lo. Então senti que chegara a hora!

O Coral, sem dúvida, tomava um sentido cultural, e disciplinar quanto ao comportamento e educação das crianças.

Romeu Chap Chap estava organizando um grupo de nome GAP (Grupo de Apoio ao Prefeito), tratava-se de reuniões de empresários que toda semana discutiam e opinavam sobre problemas, projetos, tudo em fim referente ao que exerciam, todos com livre acesso às Secretarias e, por conseguinte aproximação com os senhores secretários de todas as áreas, sendo que o senhor Prefeito comparecia uma vez por mês para ficar inteirado dos problemas que haviam sido solucionados e os que ficaram por resolver, fui requisitada para representar a área que estava desenvolvendo com criança em situação de rua.

Aliás, na época diziam que eram seis mil crianças em situação de rua, mas na realidade, sabíamos todos que não passavam de oitocentos entre adolescentes e crianças.

Conveniente aumentar o número pelo pouco que faziam, e o quanto importante era manter essa estimativa absurda, para desculparem-se pelo triste fato descartado de se poder resolver de uma vez. Não havia solução para esse terrível problema social.

Esclareciam que quase nada se podia conseguir em prol dos Projetos pois eram muitas crianças, incontáveis! Incalculáveis os gastos, inviáveis os procedimentos que exigiam investimentos astronômicos para serem realizados.

Pela realidade que nos mostrava a situação das crianças, num número muito menor do que apontado por tais estatísticas -, ponderei que tudo poderia ser resolvido, rápido, pois na nossa Associação, sem auxílio de nenhum Órgão Público conseguimos trabalhar com mais de duzentos meninos e meninas em situação de rua, e, referindo-me às que entraram, saíram e ficaram conosco, registramos então cento e vinte nomes entre adolescentes e crianças. – Tudo muito capcioso! Mas o que poderíamos fazer? -

Quem se atreveria a deslindar toda essa estranha e mais ou menos inexplicável trama!

Senti e sinto ainda que há algo pernicioso e vil, degradante, aproveitador, inominável, em relação ao problema social aqui apresentado e todo ditado pela minha sensibilidade, pelo que vi, ouvi, observei e, informaram. As fontes podem não ser críveis, o olho que enxerga pode contar e o cérebro que pensa pode somar e constatar essa realidade para a qual todos viram a cara!

Alguém me disse que sou audaciosa, arriscando-me a colocar as coisas dessa maneira, mas não estou acusando ninguém diretamente por negligência, fraude, corrupção, nada disso, apenas uso do direito especulativo de querer provas evidentes do número de crianças em situação de rua, citado, na nossa cidade, em São Paulo.

Longe de mim, denegrir imagem de pessoas, apontá-las e acusá-las, por valerem-se de certa posição, de circunstâncias, para explorar e usufruir vantagens, que todos sabem, elas existem, mas ao que se refere a este problema grave da criança em situação de rua, vale mais que as próprias se identifiquem e se reconheçam nesses indivíduos com tão negro coração, e passem a temer, e a agir com honestidade, que pensem em melhorar daqui pra frente porque o que foi feito já espalhou sua desgraça, o que vale é impedir que tudo se repita e que todos se empenhem para que tudo se

concerte, assim pagarão melhor suas dívidas morais! Acredito num Deus Supremo que um dia manifestará Sua Ira contra esses asseclas do demônio.

Com indicação do Gap para voltar com o Coral das Crianças da Santa Fé, procurei o senhor Avelino, da Secretaria da Cultura. Expus minhas intenções e idéias a respeito das nossas crianças em relação às artes, principalmente sobre música, canto e instrumental, já com alguns nomes de meninos e meninas que haviam destacado-se logo no primeiro evento, propondo até que ele, colocando-nos diante de um maestro submetesse-nos a uma avaliação para nos aprovar.

– Sei que terá sucesso com o seu Coral, dona Lilian. Vou encaminhá-la para o maestro Casemiro, aliás deixe o endereço que ele irá até onde estão suas crianças.

Logo recebemos a visita do maestro. Uma pessoa extremamente sensível, um homem muito culto, que estava disposto sacrificar algumas horas do seu tempo para dedicar-se ao Coral. Conversamos muito. Fiquei encantada com seu ideal e talento musical. Agradecida pela sua disposição em realizar meu sonho, de preparar nossas crianças para fazerem um recital, tocando e cantando, ou só cantando, no próximo natal, na Praça da Sé.

Tinham saído de lá, miseráveis, tachadas de tudo que é ruim, pejorativamente de crianças de rua, crianças de ninguém. Queria que voltassem na Praça como Pessoas, Gente, Crianças com nome, para serem ouvidas e admiradas, para que as vissem vitoriosas, reintegradas ao que verdadeiramente eram, crianças, absolutas, em tudo, como respeitáveis seres humanos!

Queria preparar um repertório especial, que nossas crianças entoassem os mais belos hinos, que comovessem a todos, que esbanjassem talento, canoras, lindas!

Queria vê-las como passarinhos emplumados gorjeando sons em todas as escalas. Que a batuta do maestro Casemiro brilhasse nos seus movimentos e volteios como uma varinha de condão realizando milagres!

Por isso, abraçando meu sonho, maestro Casemiro uma vez por semana comparecia, no horário, pontual, sem tempo marcado para deixar-nos e trabalhava as crianças, perseverante, estudando a qualidade vocal de cada uma para colocá-las em grupos nos seus lugares adequados aos tons que emitiam de suas gargantas que iam se transformando em passagem de veludo das suas vozes infantis, tão belas, arrancadas da alma!

Faziam exercícios vocais, trabalhavam respiração, aprendiam solfejos, o que é um diapasão, as divisões, as marcações, o casamento das vozes. Tudo quase abafado pelas buzinas dos carros que passavam pelas ruas, pela avenida super agitada o tempo todo, o próprio movimento no Projeto atrapalhava, desconcentrava-os.

Estávamos localizados em frente ao Clube IPÊ. O maestro Casemiro sugeriu-me que procurasse alguém da Diretoria do Clube e pedisse que nos concedesse um horário para podermos ensaiar as crianças em seu ginásio. Não vacilei. Fui direta aos responsáveis pelo Clube. Atenderam-me com toda educação, prestaram atenção em tudo que falei, nas garantias que lhes dei sobre as nossas crianças, que eu estaria sempre presente nos ensaios, enfim, consegui que vissem a nossa Associação e as crianças sem receio algum, ficando por me darem uma resposta em breve.

Ao longo disso íamos enfrentando sérios problemas com vizinhos. Tudo que acontecia de errado pelas imediações acusavam nossas crianças e vinham com reclamações, por mais que tentássemos provar que nesse dia e em tal hora ninguém saíra pelos nossos portões, pois regulávamos a presença de todos, não nos davam crédito. Eternamente discriminadas, consideradas criminosas, gentalha sem eira nem beira,

como diziam, jamais teriam defesa ou seríamos ouvidos, pelo menos para um julgamento justo. Eram acusadas, condenadas e não tínhamos mais nada que fazer se não ficarmos com as ofensas e calúnias perseguindo-nos.

Um dia, aconteceu mesmo um acidente com nossas crianças, estavam jogando bola que caiu para o lado de fora e quebrou o vidro de um carro estacionado. Ficamos de prontidão aguardando o proprietário do carro para dizer-lhe que fora um acidente e que pagaríamos o concerto. O que aconteceu dá até arrepio lembrar, não quis nem ouvir, aliás nem conseguia ouvir nossas desculpas e que queríamos pagar pelo vidro quebrado, pois esbravejava, cuspiendo toda sua bÍlis sobre nós, que não passávamos de um bando de vândalos, um bando de loucos e tanta coisa mais que resolvemos fazer silêncio, deixando-o estrebuchar sua raiva, sua fúria, seus preconceitos e discriminações.

Garanto que se tivesse sido o filho dele o autor do chute da bola, diria que fora uma peraltice, coisas de criança, até se safaria e nem pensaria em pagar o prejuízo, afinal, era um filhinho de papai e as nossas crianças, crianças de ninguém. AÍ é que ele se enganava e nós, aqui agora, mostraríamos com educação que tanto o filho dele quanto as nossas crianças têm alguém

por elas, sim, não são crianças de ninguém como ele gritou, são crianças da Santa Fé que naquela noite dormiram sem peso na consciência, tranquilas, porque lhes ensinamos que não sofressem por ofensas injustas e que rezassem para que Deus perdoasse homem tão descontrolado.

Para ele, só seu filho, os amiguinhos selecionados do seu filho, tinham o direito de ser crianças.

Mais Duras Provas!

Quanto mais atiçados mais descobre-se quanta resistência se tem! Estávamos pasmos com o comportamento dos nossos protegidos, porque à noite passamos a ser provocados pelos adolescentes do bairro que invadiam nosso terreno, bêbados, pode ser até que alguns estivessem drogados, cheios de ira, revoltados pela nossa presença ali, faziam coisas que dá nojo lembrar. As crianças ficavam assustadas, algumas choravam e escondiam-se, mas os adolescentes, os educadores, mantinham-se numa postura de calma e compreensão, como se sentissem pena do que eles estavam fazendo. E não ficavam com raiva como queriam pela intenção de provocar uma reação agressiva da nossa parte.

Sabíamos que éramos indesejáveis no bairro, que parecíamos um borrão no mapa social da rua deles, com a lona do circo, apontando por sobre os muros. Nossas crianças destoavam do ambiente. Sentiam-se incomodados conosco. Achavam que deveríamos estar

afastados de todos os bairros residenciais, muito mais ainda da região próxima dos jardins onde estávamos.

Pra dizer a verdade era uma palhaçada o que os moleques filhinhos-de-papai faziam para amedrontar e arruaçar nossas crianças e educadores. Perturbados pelo nosso silêncio mais do que nós pelas suas provocações indecentes, não sabiam mais o que inventar. Queriam, com toda certeza que tomássemos uma atitude, que investíssemos contra eles, daí sim, nós todos é que seríamos chamados de vândalos, chamariam a polícia e nem defesa teríamos.

Era o máximo da resistência, porque às vezes me dava uma vontade de pegar um daqueles moleques, o mais atrevido e dar-lhe umas palmadas no traseiro para que aprendesse a respeitar seus semelhantes qualquer que fosse sua classe social.

As crianças, que observavam tudo, imitavam nosso comportamento, mantendo-se em silêncio, provavelmente quase explodindo no limite de suas forças de autocontrole, não se mantinham quietas por sentirem medo, estavam mostrando EDUCAÇÃO. Agindo como lhes ensinávamos.

Cansados de bancar palhaços diante da nossa indiferença, da nossa atitude pacífica e tolerante, iam embora frustrados, proferindo palavrões, fazendo

alguns gestos indecorosos, descendo as calças e mostrando-nos a bunda.

Nem estávamos alojados ali definitivamente, era provisório, até que arranjassemos novas acomodações.

Daí minhas idas constantes e improfícuas à Prefeitura, pois como não saía a homologação do nosso credenciamento, isto é do Projeto Santa Fé, não recebíamos verba mensal destinada às Instituições. Indagava daqui dali, precisava saber em que pé estávamos, tentando apressar a liberação do que já prováramos ter direito, para alimentação, salários dos educadores, etc.. Investigava como transcorria e em que mão estavam paralisados nossos documentos e credenciais.

Nada mais justo do que salários adequados para educadores de qualquer Instituição de proteção à crianças em situação de rua, no entanto, pelo que ouvia dizer, além de estarem sempre atrasados seus pagamentos, o que recebiam não correspondia nem terça parte do que mereciam, pelo muito que se dedicavam e sacrificavam suas vidas, colocando-se até em risco, deparando com marginais pelas Praças e ruas, que rondavam, procurando crianças para ajudá-los em seus golpes criminosos. Uma causa na qual sempre estarei junto para conseguir é pela valorização salarial

desse trabalho que é o mais digno que um ser humano pode exercer e abraçar como profissão.

Requer estudos, preparação adequada, Faculdade, idoneidade moral, equilíbrio emocional, sensibilidade, coragem, flexibilidade, tudo dosado com a força de uma personalidade estruturada para ser sutil, branda e rígida em seu rigor, simultaneamente. Há que ser tolerante, calmo, capaz, influente e respeitado. Uma personalidade assim, própria dos educadores dessas crianças, tem que ser reconhecida com méritos que preço nenhum paga pelo que vale. Não é qualquer um que pode chegar e colocar-se diante de uma criança dessas, como um professor numa sala de aula, quando as crianças cumprem seus deveres e vão de volta para suas casas, onde seus pais e familiares lhes dão tudo, desde o berço, alimentação, o que vestir, educação, orientação para o caminho que devem seguir para vencer na vida, para viverem bem na sociedade á qual pertencem. Com essas outras crianças é preciso muito mais, o que fica fácil para qualquer um analisar e entender o quanto é importante um educador contratado por uma Entidade, por uma Associação, por uma Creche, enfim têm que ser pessoas especiais com toda psicologia que possam ter para lidar com tão difíceis seres. Não é fácil! Precisa-se o tempo todo estar com a cabeça ligada nessas crianças, tudo convergindo

para elas. Por isso é que debato, quando vão contra mim, porque insisto num salário mais justo e suficiente para esses profissionais, que precisam estar sempre bem consigo mesmos, sem problemas financeiros, tendo como manter-se num padrão de vida normal, para dedicarem-se inteiramente a essas criaturinhas que tanto precisam de nós.

Só assim, levando a sério esse fator, teremos condições de recuperar as crianças em situação de rua, encaminhá-las todas para uma vida social decente, exterminando de vez o mal que lhes inculcaram, livrando-as dos marginais já feitos, que vão envelhecendo e um dia terão seu fim, não deixando que se alastre nas crianças suas influências malévolas.

Trabalhando diretamente, incansavelmente, envidando e empregando todos os meios para salvar essas crianças e tirá-las, todas, das ruas, poderemos pensar em arrancar as grades das nossas casas que com o passar do tempo vão virando celas de cadeia porque todo espaço além dos nossos jardins está sendo dominado por bandidos de toda espécie.

É prioritário preservar, e cuidar da semente para que se desenvolva numa linda árvore, da qual se colherá bons frutos, livrando-as e isolando-as das ervas daninhas que se espalham venenosas, e se enroscam nelas como trepadeiras que estrangulam. Quanto mais

cuidarmos das crianças e as encaminharmos para um futuro seguro, decente, limpo e belo, saudável e de amor ao próximo, tanto mais estaremos eliminando o mal na raiz e assim diminuindo o número de bandidos que tenderá a desaparecer.

Minha temática é essa, com a qual as pessoas que uniram-se a mim, identificaram-se.

Por isso sempre o Projeto Santa Fé pagou salários justos aos seus funcionários, para que estes pudessem executar suas obrigações com dignidade. Só admitimos pessoal graduado para tais funções, que amam o que exercem.

Nunca contratamos ninguém aleatoriamente, no nosso quadro sempre figuraram nomes de pessoas formadas, experientes e orgulhosas da profissão que escolheram.

Assim, sempre passaram para nossas crianças espírito de segurança, de felicidade, de apoio, de mão amiga.

Cada vez que o cassetete desce nas costas de um adolescente, nos telhados das Instituições, vejo um infeliz malhando a própria vida, revoltado, cheio de problemas! Não é as costas do menino que ele espanca, são os seus problemas, a sua dor, o seu desespero, empedernido cada vez mais pelo que não consegue na

vida. Seu emprego é feito pela triagem de salários que são aceitos por pessoas que já tentaram tudo, admitidos pela sua disponibilidade, pelo seu meio de safar-se das situações para as quais o desemprego o atirou. É isso! Vejo e analiso isso! Portanto, se construíssem Instituições, e abrissem portas para empregar membros desde a presidência ao mais simples funcionário, se dessem valor a Associações como o Projeto Santa Fé, se só empregassem pessoas abalizadas e competentes pela sua graduação, pelos estudos que fizeram, ou pelas experiências que tiveram, por requisitos enumerados por professores, educadores, psicólogos, enfim, por uma junta criteriosa, uma comissão de pessoas graduadas, capazes de elaborar condições em todos os itens exigidos para se preencher o cargo, que qualifiquem cada candidato ao emprego, oferecendo salário que satisfaça a medida desses propósitos, um dia no futuro transformaríamos essas Instituições em Escolas, em Faculdades, ou quem sabe até em Academias, porque teríamos uma sociedade de classe, programada para ser GENTE em todos os conceitos que se define o ser civilizado.

É isso o que penso! Cuidar da semente, da raiz, da plantinha, das folhinhas tenras que despontam, do arbusto que virará árvore. Não adianta construir presídios, cadeias, Carandirús da Vida, FEBEM e

Reformatórios, porque os que existem já não comportam tantos criminosos, que escapam, que voltam para as ruas piores do que quando entraram e lá ficaram confinados, envenenando cada vez mais o sangue com o ódio que a revolta incita. Cada ser humano além das grades, além do seu território é um inimigo em potencial que ele quer arrasar, assaltar, roubar, matar! Cada um que ele mata é um pouco dele próprio que está sendo massacrado pelo rancor que o corrói por dentro e estria seus olhos com golfadas da Fúria que o comanda! Criamos monstros dos mais perigosos a cada um que encarceramos!

Basta pensar no que se vê nas telas das tevês, revoltada a criança, revoltado seu guardião, espancada a criança, espancado o guarda! Chacinadas as crianças, assassinados os policiais! Por que?! Por que?

Em tudo põem a culpa do Tráfico de Drogas!

Como acabar com isso? Melhores Reformatórios, Melhores Educadores! Professores ensinando profissões! Crianças recolhidas para lugares decentes. Para que aprendam a lidar com o LIMPO, HIGIÊNICO, SAUDÁVEL, BONITO!

Assumir de vez com a responsabilidade das crianças em situação de rua e oferecer-lhes o melhor, como ofereceríamos aos nossos filhos, como gostamos que tratem nossos filhos!

Em cada Instituição as crianças devem ter seu nome próprio e assim serem chamadas e atendidas a cada vez que se faça necessário. Reuniões, só em grupos de no máximo de vinte em vinte crianças por faixa etária. Todas identificáveis, com seus documentos em ordem. Todos sempre dirigindo-se a elas pelo nome de cada uma, para que não se sintam um zero, o atendimento e aproximação delas deve ser feito sem que sejam preferenciais ou discriminativas, porque só assim haverá recuperação, haverá progresso no ensino, na sua total e segura reintegração á sociedade.

Chamar atenção, admoestar, ensinar, repreender quando necessário, dar-lhes amor na hora certa, suprir sua carência. Quem não lembra de um dia ter chorado chamando por mamãe ou papai? Quem não lembra ter um dia chorado chamando por um filho ou uma filha?

É assim que deve ser o trato com essas crianças, todos sabemos como criar um filho e quanto custa, como é dispendioso, como é caro mantê-lo, então, como regular miseravelmente o que se tem que gastar para criar essas crianças que recolhem das ruas? Com migalhas?! Por que não são nossos filhos?

O Governo pode, sim! Do mesmo modo que investem e detonam fortunas em empreendimentos outros, em construções e reformas que maioria das vezes nem concluem e o dinheiro some, onde se gasta

cimento, enquanto lágrimas escorrem pelas faces das crianças perdidas pelas ruas, onde se abrem túneis para metrô, pelo excesso de carros que engarrafam trânsito, enquanto crianças se torram ao sol e enfraquecem pulmões agredidas pelas chuvas, contraindo moléstias ao se banharem nos chafarizes das Praças, enquanto se investe em ferro, aço, máquinas poderosas, enquanto crianças passam fome e roubam, e se entregam às drogas, porque são esses os caminhos que lhes apontam, da fome, do vício, da corrupção, da morte.

O mínimo! Investido em Projetos como o de Santa Fé e logo teríamos nossas Praças abertas a passeios, não temeríamos paradas em semáforos, as pessoas não virariam mais a cara, quando cruzassem com crianças andando pelas ruas, seriam apenas crianças, sem problemas, sem vícios, sem fome, bem calçadas, indo para as escolas, como nossos filhos!

Valem os meus apelos, os meus gritos, as minhas sugestões, meus sonhos? Por favor, sonhem comigo! Todos juntos, façamos a maior Árvore de Natal do Mundo, para as crianças do nosso país. Enviemos essa majestosa mensagem de amor para o Universo!

Em Clave de Sol ao Luar

Finalmente tivemos resposta do Clube IPÊ através do gentilíssimo senhor Eduardo Monteiro. Poderíamos ensaiar uma vez por semana, na parte da manhã, sendo que não lhes seria possível consentir que as crianças saíssem do espaço que cediam limitado ao ginásio.

Ficamos gratos. O lugar era ótimo, esplendido e perfeito para os ensaios. Acústico, silencioso, agradável.

Não sairíamos do lugar que nos fora reservado e atenderíamos todas as restrições que fizeram para não causarmos embaraço ou qualquer situação desagradável aos associados do Clube. Garanti ao senhor Eduardo Monteiro que não lhes causaríamos nenhum problema, se dependesse de nós que as nossas crianças nem sequer seriam vistas pelos freqüentadores do Clube. Teríamos o máximo cuidado e cumpriríamos nosso horário com todo rigor.

E assim foi! Maestro Casemiro estava exultante, pois envolvera-se com as emoções do meu sonho em realizar um espetáculo que tocaria o coração de todos. Grande maestro, paciente, gentil, persistente, trabalhava entusiasmado para formar um Coral ao qual ninguém se atreveria a procurar defeitos, pois ele estava ali, firme, atento, dedicado, ensinando, corrigindo, valendo-se de todo seu talento para fazer das nossas crianças cantores admiráveis, estava ali para garantir absoluto sucesso. Instrumentistas também eram aproveitados, conforme o predicado que ia descobrindo. Aproveitava de cada um sua especial qualidade vocal.

Notas musicais afinavam-se nas gargantas que aveludavam a cada som, nas escalas, nos timbres, nos acordes pelos movimentos da batuta do maestro regendo o Coral que se aperfeiçoava cada vez mais a cada manhã, a cada ensaio.

Comovia-me ver os rostinhos iluminados pela alegria de estarem realizando algo lindo, de se verem reconhecidos pelo maestro que apontava para cada um seu dedo para fazê-los cantar quando chegada vez e não para acusá-los e culpá-los por qualquer coisa errada, como estavam acostumados.

Teria que vesti-los para o grande dia! Teria que arranjar um lugar que honrasse a beleza do que

estávamos conseguindo, que lhes desse o valor que mereciam.

O sonho não era só meu. Maestro Casemiro incorporara-se nele e vibrava pelo que estava conseguindo fazer daquelas crianças. Tecia elogios e mais elogios, deixando-me feliz com seus prognósticos que o dia da apresentação daquelas crianças ao público seria um grande espetáculo!

Todos estavam ansiosos pela realização do *show* que estávamos preparando. Um *show* inusitado.

Como realizar sem dinheiro?! Não tínhamos. Nossos recursos haviam sido empregados em outras coisas necessárias e urgentes, dividíramos como fora possível para que os funcionários não ficassem sem receber nada.

Pertencendo ao GEPAC, convidada por Raul Leite Luna para participar das reuniões que aconteciam no escritório da Gafisa, semanalmente, onde discutíamos assuntos culturais da Cidade de São Paulo, entre empresários empenhados em promover nossa Cultura. Aproveitei para me informar com quem e onde poderia arranjar patrocínio para o Coral das Crianças do projeto Santa Fé. Indicaram-me o senhor Sérgio Moisés diretor comercial da Empresa SERVGAS.

Parecia que ele estava esperando que aparecesse em sua vida alguém com uma proposta como a que lhe fiz, pois demonstrou muita emoção á medida que lhe falava do nosso Projeto, das crianças, do Coral, do que precisávamos, sempre acenando que sim a cada palavra minha, antecipadamente prontificando-se a nos ajudar.

Tanto foi verdadeira a impressão que me passou, tão disposto e sem reticências, todo apto a abrir mão do que lhe pedia, que desde esse dia Sérgio Moisés passou a fazer parte do nosso quadro benemérito sendo nomeado Vice Presidente do Projeto Santa Fé, com todas as honrarias merecidas..

Nunca fiquei tão surpresa com a rapidez que fui atendida, não só por Sérgio como também por seu Manoel, seu Diretor de Marketing. Estava cansada de estender meu chapéu, parecia que já estava roto e furado, pois nada caía nele e então, como dizem “num passe de mágica” tudo ia ajeitando-se.

Nunca tive oportunidade de dizer a Sérgio Moisés o valor da sua contribuição que estava acima de qualquer soma em ouro, sua contribuição era abençoada e trazia-nos muita sorte, estávamos acionados a gás propulsão, o gás do amor que infla balões em festas de aniversários de crianças! Flutuávamos, descansados, podendo resolver

problemas pendentes e a continuar ensaiando no ginásio do Clube IPÊ!

Já não me metia pelas tevês e lugares onde poderia efetuar o evento como uma mendicante, mas fortalecida pelo apoio dessa generosa pessoa, insistindo em todos os lugares que me vinham á idéia. E a idéia foi majestosa, porque nossas crianças sempre escorraçadas, vistas na Praça como bandidos, iriam cantar na escadaria da Catedral da Sé, combinado que ficara com a Secretária da Cultura que eles construiriam um palco sobre os degraus.

Podia respirar e me empenhar de corpo e alma para o grande evento, pois com o patrocínio da Empresa SERVGÁS conseguimos pôr em dia os salários de todos os funcionários, dos educadores, e além de tudo o mais fazermos as vestimentas para as crianças se apresentarem bem bonitas no dia do espetáculo.

Eu andava então com o pulsar do meu coração cadenciando meus passos. A felicidade bafejara seu hálito de amor sobre nós, sem restrições, sem o vou pensar, sem indecisões, pela credibilidade que passamos. Isso foi importante para que eu me assegurasse que não andava ás cegas por caminhos que não me conduziriam a ninguém capaz de se doar tanto quanto Sérgio Moisés provou que existia sim, alguém

e como ele acreditei que existiam outros, já haviam sido tantos os que nos ajudaram, por que temer o futuro se mãos caridosas abriam-se para nós?

Convidamos autoridades, empresários que faziam parte da GEPAC, jornais e televisão. Fiz um auê catituando o Coral para que todos fossem assistir. A Praça da Sé ficou lotada naquele dia! Ia ser um sucesso! Tivemos um pequeno problema com as crianças que demonstraram medo de voltar á Praça por causa dos marginais que as perseguiram marginais por não quererem ser usadas por eles. Estavam afastadas daquele ambiente desde que ingressaram na Santa Fé.

Como era de se esperar o coronel Nakaharada logo resolveu tudo cercando toda a Praça com policiais, nenhum bandido se atreveria a se meter com as nossas crianças, pois o policiamento estava super preparado e de espreita.

Além do Coral prepararam um pequeno teatro, encenaram uma peça infantil referente ao natal. Alguns artistas aceitaram nosso convite e nos prestigiaram com sua presença e suas artes maravilhosas, entre eles, a poetisa Elisa Lucinda que veio do Rio de Janeiro para declamar um dos seus lindos e famosos poemas.

Que dizer sobre essa vitória tão linda? As crianças escorraçadas e malvistas, temidas na Praça, estavam

sendo admiradas por uma multidão de curiosos, de todas as classes sociais, artística, política e empresarial.

Observei o rosto de cada um, estudei o que transmitiam, vi lágrimas brotarem dos olhos que um dia eu achara frios e indiferentes aos meus apelos, quando fora buscar ajuda para aqueles pequenos seres que abriam suas boquinhas e entoavam hinos maviosas e comoventes.

Vi muita gente chorando! Ouvi comentários dos mais elogiosos! As pessoas que me conheciam, quando me viam, acenavam de longe num cumprimento emocionado, aplaudiam e mandavam beijos.

Os resultados mais inesperados de emoções que vibravam no ar, açoitados pelas palavras cantadas e lindas saídas daquelas bocas sofridas das quais antes temiam ouvir palavrões e agora ouviam música! A mais doce música que se pode ouvir entoada por um Coral! O nosso Coral! Das criancinhas em ex-situação de rua, agora crianças da Associação Santa Fé.

Quantos elogios! Quantos aplausos!

Vendo tanta emoção naqueles rostos que me sorriam, sentindo no aperto de mão sincero cumprimento pelos nossos trabalhos me atrevi pensar que estavam começando a acreditar em nós, que as crianças em situação de rua eram recuperáveis, que

poderíamos por isso contar com a sua ajuda, que até se ofereceriam para colaborar de alguma forma, pois afinal em tão rápido tempo, em apenas seis meses de trabalho e de ensaio estávamos com o desempenho do Coral provando o que se pode conseguir das crianças!

Que triste e decepcionante engano! As pessoas apenas se emocionaram pelo espetáculo maravilhoso do Coral das Crianças do Projeto Santa Fé, nada mais! Só pelo espetáculo e nada mais! O objetivo? Fingiram não entender! O Projeto não era meu?! Não fora eu quem inventara aquela trabalhadeira toda de recolher crianças das ruas para fazer festas para ela? Cheguei a ouvir, que me virasse sozinha, não podiam, não tinham, tempo, tudo aquilo não passava de apenas um momento!

Meu o Projeto?! Que revolta senti! Não era meu! Era de todos! Eu só tivera a idéia de fazer uma árvore de natal bem grande, nada mais, mas Deus me empurrara por aquele caminho, então o Projeto não era meu, era de Deus e de quem se unisse a nós. Poderia ser como um timoneiro, mas não era dona do barco, nem do mar, nem do vento do destino que insufla velas e empurra pelos caminhos mais inesperados.

Olhei à minha volta.

A Praça estava suja quando chegamos, ficara mais suja e continuaria suja. Ponderei a respeito! Por que limpavam lá em baixo, todo metrô, que brilhava,

sempre garis passando com seus escovões e vassouras, dentro dos trens e nas plataformas e lá em cima, o chão da Praça não via uma única varrida, só do vento e lavada só pelas chuvas! A Praça ficara considerada espaço das crianças que abandonaram suas casas ou que, como muitas, haviam sido deixadas lá por alguém, um pai sem coração, uma mãe perdida em vícios, coisas assim, por isso, sendo domínio de tais crianças, pra que limpar, não! Pra que? Limpar o lixão?! Tarefa impossível!

Senti-me um cactus! Eriçando meus espinhos ali no meio da Praça, olhando as crianças que se preparavam para deixar o palco e voltar para a rua Acendino Reis.

Depois de tanta felicidade fiquei com medo.

Até quando?

Escalada Pelas Escadas...

Resolvi que teria de continuar com minhas tentativas, programar mais apresentações do Coral.

Não admitia que todas as pessoas fossem indiferentes ao objetivo do nosso Projeto, que não se comovessem e resolvessem ajudar-nos. Só faltava pegar um megafone e gritar do mais alto edifício da nossa cidade:

– Por favor, sonhem todos comigo, para realizarmos juntos o mais belo e digno Projeto do mundo, que é salvar nossas crianças dessa situação de rua! Ouçam-nas! Estão cantando para vocês! Abram seus ouvidos e deixem que suas vozes penetrem no mais fundo do coração, onde sei sua Solidariedade está dormindo! Por favor, despertem!

O megafone seria a Secretaria da Cultura, por isso novamente recorri aos seus responsáveis para que dessem mais uma oportunidade para o nosso Coral.

Dessa vez o meu pedido foi mais audacioso. Queria que o Coral se apresentasse no Teatro Municipal.

Com a influência do maestro conseguimos. De todo modo aconteceria no Teatro Municipal, no nosso grande monumento da Praça Ramos de Azevedo. Para reforçar a qualidade do espetáculo, o maestro incluiu uma soprano famosa. Eu disse, de toda forma, porque atenderam nosso pedido, só que o Coral se apresentaria nas escadarias internas do Teatro.

De escadaria em escadaria, de degrau por degrau, quem sabe chegaríamos ao patamar ou topo da nossa árdua escalada para conseguir que nos ouvissem, não só a música fluindo no ar, mas o objetivo intrínseco, ajudar nosso Projeto a resistir e vencer, e continuar!

O Deus lhe Pague eterno, entretanto não aconteceu! Foi maravilhoso, presenças de personalidades de todos os meios sociais, muita emoção, aplausos calorosos, mas não adiantava estender o nosso chapéu, as mãos dos nossos convidados, da platéia seleta e comovida, não se estendiam para ele.

Nada conseguimos angariar, mas o que realizamos valeu para nos confortar e pensar que não fora em vão tantos meses de ensaios e trabalho disciplinar com as crianças, porque elas próprias estavam tomando consciência de que tinham valor e despertavam seu

amor-próprio, empenhavam-se em mostrar que eram educadas, que sabiam comportar-se, até melhor do que alguns convidados, que jogavam guardanapos no chão, cigarros e fósforos, enquanto que elas, desde o banheiro conservavam tudo limpo, quando lhes ofereciam algum petisco preocupavam-se em jogar o guardanapo no cesto de lixo.

Provava-se minha temática com o comportamento irrepreensível das crianças, que podem lembrar e confirmar todos que lá estiveram. Por isso tecei a comparação da Praça da Sé, imunda e em baixo o metrô brilhando de limpeza, querendo dizer que mostrando-lhes o belo e o limpo elas se adaptarão, porque será o melhor e mais lógico de aceitar, do que viver na sujeira. Era no higiênico, no saudável e belo que elas estavam identificando-se a cada lugar que as levávamos, porque no lugar onde estavam recolhidas mantinham tudo brilhando. Nossas crianças aprendiam e aprendiam fácil!

Para grande emoção e surpresa de nossa parte fomos convidados pela TV Globo, para que o Coral no dia 24 dezembro de 1994, véspera de natal, se apresentasse sob as marquises do Masp, na Avenida Paulista, no final do Programa “Bom Dia, São Paulo!”

O apresentador do programa emocionado fez um pequeno discurso, elogiando o Coral, demonstrando-

se realmente surpreso pela rapidez com que aquelas crianças haviam sido preparadas para se apresentarem em público, despedindo-se disse:

– Agora, despeço-me. Encerrando o programa, deixamos no ar as vozes dessas crianças, cantando para desejar um Feliz Natal e Próspero Ano Novo para toda nossa cidade de São Paulo.

Não era para serem reconhecidas e nos regozijarmos, pois tudo isso que estava acontecendo, os convites que estávamos recebendo era resultado de apenas seis meses de trabalho com aquelas dóceis e lindas crianças que cantavam como se a vida delas fosse a coisa mais preciosa do mundo pelo que estavam realizando, crianças que há menos de um ano eu não conhecia e que, levavam até o dia em que erguemos nossa majestosa árvore de natal, uma vida de risco, e desregrada.

Passaram as festas. Começava o ano de 1995. Recomecei minhas peregrinações, batendo de porta em porta à procura de lugares onde pudéssemos apresentar o Coral.

Enquanto isso, iam acontecendo fatos inesperados somando-se com as dificuldades que enfrentávamos.

O lugar onde estávamos provisoriamente tornava-se perigoso, sem segurança, totalmente desprotegidos, como se não bastasse a pressão dos vizinhos para que saíssemos de lá, certa ocasião elementos armados invadiram o terreno caçando alguém que escondia-se deles por não ter cumprido contrato, era uma *gang* de tráfico de drogas. As crianças ficaram mais apavoradas do que nós, pois sabiam bem as conseqüências de uma caçada dessas, enquanto que os educadores, que jamais haviam passado por uma situação igual ficaram surpresos, mas embora com medo, conseguiram refazer-se e dialogaram com os elementos que já haviam praticamente vasculhado tudo, apontando suas terríveis armas para todos, convencendo-os que o que ou quem eles procuravam jamais poderia ter se escondido ali. A *gang*, continuou ainda por alguns minutos a sua busca, acabaram desistindo e foram embora. Tivemos que acreditar que Alguém, lá em cima, que tudo observa, zelara por nós.

Gilberto indicava-me pessoas às quais solicitei que fizessem doações para o Projeto Santa Fé. Estendia minhas buscas por outras indicações e sugestões de amigos, a cada entrevista e ao que recebia compreendia que era pra eu não voltar lá nunca mais.

Alguns tentavam com inflamados discursos protetores cheios de conselhos fazer-me desistir de tão

absurda cisma, não passava de um capricho meu que não levaria a nada, que eu desistisse de sonho tão incoseqüente, que cuidasse mais da minha família, que sabiam todos quantos comentavam a meu respeito, eu estava negligenciando, que me afastara dos meus filhos e abusava do meu marido que a essas alturas deveria estar com o saco cheio dos meus pedidos.

Com certeza, o que eles queriam mesmo dizer, era que, o saco deles é que estava arrebentando com a minha presença, com a mão estendida, pedindo esmola para os outros. Os outros eram aquelas crianças que deveriam levar para bem longe da cidade, soltá-las no mato que era o lugar delas. Que eram párias da nossa sociedade, que incomodavam e davam maus exemplos para as crianças de família. Que já não se podia mais ligar televisão com medo que seus filhinhos ingênuos, inocentes, castos, puros, se influenciassem com o que viam, vinham com aquela expressão comum: – “Sabe como são as crianças, não, Lilian? Não têm critérios quanto a esses absurdos das crianças agindo feito vândalos, pra eles é como um filminho de bandido e mocinho onde eles torcem pelas crianças, isto é, por esses bandidinhos!” – Ao que, indignada com tanta discriminação e falta de psicologia, de solidariedade, a palavra sempre mais adequada para se usar em casos desses, perguntava-lhes com intenções óbvias:

– O que você comprou para o seu filho de presente de natal? Uma metralhadora de brinquedo?! Vai me dizer que entre os brinquedos dos seus filhos não têm revólveres de plástico? Não teme que amanhã encontre nas suas gavetas um de verdade?!

E falava mais, lógico após ter recebido “o auxílio”, pelo mínimo que fosse, com a triste certeza de que nunca mais poderia voltar lá e estender o meu chapéu, pois com as palavras que ouvia sentia-me enxotada.

Se davam alguma coisa, quantias irrisórias, ficavam com a cara tão fechada que se o mais engraçado cômico aparecesse diante deles, mesmo dias depois da minha presença, não esticaria seus lábios no mais breve e estreito sorriso.

Quando entrei na ante sala, de um certo presidente de Banco, tão suntuosa, tão ricamente decorada por peças de arte, quadros, tudo transparecendo espírito de elevado bom gosto, acreditei, que sendo tão sensível às artes, depararia com um homem fino, cavalheiro, que nos receberia e logo atenderia ao nosso pedido!

Realmente o homem era digno de estar numa vitrina, pois o seu requinte ressaltava também no seu estilo de vestir-se e no seu porte elegante. Sua voz, blandiciosa, seus gestos clássicos de gentleman,

puseram-nos à vontade, não seria lógico enganar-me, e despejei! Fui logo jogando as cartas na mesa. Diante de um homem de tal porte o máximo que poderíamos ouvir seria um não justificado subtilmente!

Que baita engano! Foi um chute no....

Sua resposta foi logo um balde de água fria. Sua voz não deixava dúvidas que seria inútil argumentar qualquer coisa:

– Não acredito na recuperação dessas crianças.

– Se forem ajudadas serão recuperadas, sim, já tivemos provas disso... – E desenvolvi o assunto que sempre discursava para que me acreditassem, contando fatos, apelando para o bom senso, mas ele sacudia a cabeça o tempo todo não concordando, não aceitando nada do que eu dizia.

– Não acredito. A senhora não vai querer me convencer.

– Mas nós precisamos desenvolver esse trabalho de recuperação dessas crianças em situação de rua, para nossa própria segurança, para melhorar o nosso Brasil!

– Que se dane o nosso Brasil! Se essa selva de delinqüentes aumentar, pego meus filhos e mudo para outro país e o resto que se dane. A única coisa que se pode fazer para acabar com tudo isso é matar todas essas crianças, ainda ontem, o meu vice-presidente,

que anda sempre acompanhado por seguranças, foi ameaçado de um assalto, e o assaltante foi morto por tiros desfechados pelo seu guarda-costas. Só desse jeito concerta as coisas neste país, por que a senhora não leva toda essa tropa pra bem longe daqui e dá um fim nela?

De que valia argumentar pra tais pessoas que o direito das crianças de viverem entre nós, mesmo que incomodassem pessoas iguais a eles era o mesmo que o dos seus filhos, que sabe-se lá quantas peraltices não armariam pelas ruas, das mais simples as mais graves. E até perguntei para um deles, com a cara mais ingênua do mundo:

– Quando o senhor era criança nunca tocou a campainha de uma casa e saiu correndo? Eu fiz isso! Achava engraçado. É que na minha idade, criança ainda, não me passava pela cabeça que poderia estar incomodando, até assustando as pessoas que abrindo a porta não viam ninguém...

Talvez seja algo que não devesse contar, mas, pra falar a verdade e mostrar o quanto sou autêntica, ainda hoje, quando passo em frente de uma casa bonitinha, toda ajeitadinha, me dá uma vontade que me torce por dentro, de tocar a campainha e continuar andando como se não tivesse feito nada de mais, só pra ver quem são os moradores de lugar tão gostoso de se ver!

Era mesmo desalentador, tinha que ter cara de pau, mas sentia vergonha, era difícil pra chegar nas pessoas, respirava fundo, esquecia de mim, quem eu era, e metia as caras. Há pessoas dessa época valorosas pra se lembrar e agradecer por toda vida, pois supriram por todas as outras as necessidades do Projeto Santa Fé, como o senhor Marcos de Moraes do Banco Itamaraty, e o senhor Meireles, do Banco de Boston, que nos deram uma quantia representativa, dando férias ao meu chapéu por algum tempo, pois tudo acaba, a vida continua, os problemas são os mesmos, os meios se repetem.

Márcia incentivava-me, com suas palavras, admirada pela minha disposição e coragem de agir assim sempre tão afoita. Metia-me em tudo, era intuitiva, determinada, sabia o que queria e ia em busca. Era como se eu tivesse nascido com todos os conhecimentos práticos para lidar com crianças em situação de rua. Dizia que eu sentia os problemas da epiderme á alma, que o que eu via atingia-me fundo, mexia com a minha sensibilidade, enchendo-me de coragem para fazer coisas que só Deus duvida, para ajudar o Projeto Santa Fé.

Coisas que inibiam, bloqueavam, a maioria não tinha coragem pra fazer: Pedir! Pedir! Pedir! E voltar a

pedir, até conseguir alguma coisa para resolver os problemas da Associação Santa Fé.

Enquanto que, Márcia no seu desempenho educacional, levava o Projeto Santa Fé para o conhecimento dos intelectuais, como aos professores da USP, PUC, Fundação Getúlio Vargas, Terceiro Setor, senhor Luís Carlos Merece, etc.

Ah! é bom lembrar da nossa lista o SESC que nos ajudou por algum tempo. Afinal sobrevivíamos, porque tínhamos menos respostas negativas do que positivas que solucionavam certas eventualidades que nos amarravam. Os estudantes do Centro Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas estiveram conosco, animando nosso Coral, organizando espetáculos para que cantassem e tocassem no auditório da Faculdade.

Dediquei-me conseguir apresentações para as crianças porque via que isso despertava sua auto estima. Levando-os para cantar proporcionava-lhes felicidade, valorização pessoal, incentivo, que influenciava cem por cento em sua aplicação nos estudos, segundo confirmação dos educadores.

Contratamos Felipe Gama, um jovem maestro formado na Europa. Reconhecendo talento em algumas das nossas crianças que se revelavam poetas e poetisas, punha música nas letras que escreviam. Dava-lhes aula instrumental e com isso elevou-os á máxima

categoria que poderiam ter alcançado na época, a ele devemos toda nossa gratidão.

Se não me falha a memória, tornando-se meio difícil colocar tudo em ordem cronológica, as crianças apresentaram-se na Abertura do Projeto Travessia, patrocinado pelo Sindicato dos Bancários do Estado de São Paulo e Banco de Boston. Também se apresentaram no Parque Ibirapuera, com o patrocínio da Secretaria Municipal da Cultura. Quinze dias de apresentação com canções de natal nas lojas da Rede de Supermercados Pão de Açúcar.

Numa seqüência que parecia abrir caminhos mais seguros e concretos para chegarmos aos nossos objetivos chegamos ao Teatro Casablanca, Centro de Convenções World Trade Center na Abertura da Orquestra Internazionale d'Itália. Logo após fizemos outras apresentações sempre com boa receptividade do público, no Teatro TUCA, e na Praça de Alimentação do Shopping D&D.

Fomos convidados pelo SESC para fazermos parte da sua programação artística, comemorando Cem Anos de Brecht, sendo selecionados para figurar em seus catálogos. Com o SESC viajaram por vários lugares do Brasil, sendo aplaudidos com grande manifestação pelo público pela beleza dos seus versos e canções que foram adaptadas para o programa.

De repente! O inesperado fim! O Coral deixou de existir! Apesar de todo empenho, seu dia de encerramento se fez, pois não conseguimos patrocínios o que tornou inviável esse nosso trabalho. Convites, sobravam, mas cantar sem proventos não podíamos, seria o mesmo que explorar o talento das crianças, pois tudo que recebiam revertia exclusivamente para elas e para a equipe e manutenção do Coral.

Coisas Que Eu Queria Esquecer!

Por que meu Deus? No que foi que nós falhamos? O que ficou faltando? Fiz retrospecto de tudo quanto me empenhei.

O que faltava mais? Percorrera alguns programas de televisão. A entrevista com Ione Borges, no programa Mulheres, da TV Gazeta, teve repercussão, milhares de telespectadores assistiram. Fui bem interpretada, recebi muitos cumprimentos, algumas pessoas procuraram-me para contribuir.

Expliquei, durante entrevista com Ione Borges, que precisávamos ajuda, qualquer coisa valeria e seria útil, que nos procurassem no Projeto Santa Fé, dei o endereço.

Ione foi maravilhosa com toda sua boa vontade, a quem agradeço pelo muito que se empenhou, pela importância que deu ao objetivo da nossa entrevista, foi realmente auspicioso.

Só que – nos outros programas aos quais compareci, como convidada para falar da Associação

Santa Fé, que precisava de ajuda para poder continuar dando abrigo às crianças que recolhíamos das ruas esqueci de mencionar o nome dos que já estavam nos ajudando. Não eram muitos, mesmo assim, levando o nome de cada um escrito na palma da minha mão, animada com o rumo que a entrevista seguia, parecendo que teríamos um resultado filantrópico de grandes empresas ou fosse lá de quem fosse, esgotado o tempo, sem que me fosse avisado, faziam o encerramento com as despedidas e eu acabava não tendo como agradecer um por um, citando seus nomes, pelo que senti que ficaram ressentidos por não ter feito agradecimentos pela televisão, assim alguns poucos afastaram-se de mim e não ajudaram mais o Projeto Santa Fé!

Será que não entenderam? Será que não soube me posicionar? Nós queríamos acontecer pelas crianças, não pensamos na vaidade das pessoas, que levassem tão a ferro e fogo! Houve os que nem tomaram conhecimento, mas outros, por mais que explicasse e me desculpasse, prometendo mencioná-las em outros programas, logo na abertura, para não ser pega de surpresa com o encerramento, deram-nos as costas!

Lembrando bem, muitos continuaram a contribuir mais do que antes, e nem queriam ser

mencionadas. Eram pessoas idôneas, filantrópicas, que preferiam manter anonimato.

Continuei lembrando, revivendo e questionando, como podia fracassar se tínhamos usado de todos os meios possíveis?

Ficamos muito honrados com a visita da senhora Lila Covas, seu marido Mário Covas estava em campanha, creio que foi uma iniciativa dela ou que tenha aceitado o nosso convite. As crianças homenagearam-na, cantando e aplaudindo-a. Vimos que dona Lila ficou sinceramente comovida, seus olhos marejaram-se de lágrimas. Percebi que ficou pensativa, talvez imaginasse como poderia resolver problema tão triste e urgente. Em seguida Mário Covas foi eleito Governador de São Paulo.

Recebemos até a visita do grande e conceituado repórter de televisão, Gil Gomes, quase nos nossos últimos meses, na Rua Acendino Reis. Ele e sua equipe vasculharam tudo, ficaram impressionados e empenhados numa produção que levasse às pessoas o significado do nosso trabalho. Para que se unissem a nós, para que colaborassem, sendo tocados no coração pela realidade que as imagens mostram. E até fez seu apelo, para que se juntassem a nós para a continuação do Projeto.

Gil Gomes foi ímpar! Impressionou-se! Perguntou, analisou, dialogou, andou por todo canto. Fez um trabalho digno e lindo, tão emocionado que não conteve lágrimas. Chorou de verdade. Ele e todo seu pessoal fizeram a reportagem no local, gravaram tudo, juntamente com as crianças, apresentando-as e falando com elas. Foram feitas várias tomadas, a gravação principal foi no lugar que considerávamos o nosso melhor espaço, o qual ficava sob a lona do circo! E tudo foi passado na íntegra na televisão, tal como fora feita e gravada a reportagem. Foi muito comovente.

Acreditamos e nos iludimos que também comoveríamos alguém de peso, que viria em nosso socorro, mas a imagem das crianças, por mais que fosse mostrada a verdade sobre elas, o que poderíamos conseguir, se nos uníssemos todos para cuidar delas, não prevaleceu!

Prevaleceram as imagens dos tumultos na FEBEM, dos assaltos e perigos das ruas e Praça da Sé! Prevaleceu o Mal com todo seu sensacionalismo, marcando-as, rotulando-as como seres irrecuperáveis do submundo, da sujeira da miséria!

Os apresentadores de televisão que me receberam e através dos quais pude fazer meus apelos, que se empenharam em ajudar-nos, que respeitaram e

honraram o nosso objetivo em manter o Projeto Santa Fé, merecem nosso carinho.

Ainda esperançosos, prosseguimos nas tentativas de, com palestras, com reportagens, por todos os meios, alcançar a alma das pessoas!

Desculpo-me aqui e saliento que este livro é todo inspirado na emoção que sinto, quando penso nessas crianças. Os fatos que vou relatando, as passagens que vou contando, tudo que vou escrevendo é movido pelo sentimento imenso que me toma toda, que não posso conter, e que é a dor de saber que o fluxo de crianças, saindo para as ruas para viverem do perigo que as ronda, aumenta, e sofro porque não é esse, não pode ser, não deve ser esse o Destino de nenhum ser humano!

O que se vê na tevê é degradante. Creches que são fechadas, associações e entidades que são desativadas, que são proibidas de manter suas crianças, de atender crianças carentes. Mães que – precisam trabalhar e não têm onde deixar seus filhos, por causa de uma burocracia falha, por causa de documentos que poderiam facilitar para serem adquiridos, dando-se um jeito legal em tudo, sem fechar essas casas que são de Benefício Social -, por esse motivo não conseguem ser admitidas num emprego.

Felizmente as cobranças e, reclamações feitas pelas pessoas interessadas, pelos repórteres que salientam a urgência de se apurar e estabelecer os fatos para que não se fechem as creches, para que sejam reconhecidas e consideradas legais por sindicâncias justas, através das suas manchetes têm resultado.

Coisas que eu preferia não lembrar, aconteciam inesperadamente, tirando nosso sossego, enchendo-nos de preocupações mais graves.

Uma menina procurou-nos, queixando-se de dor na perna, mostrando um caroço no tornozelo. Imediatamente encaminhamos a menina aos médicos especializados, e ficamos muito aborrecidos por ela não nos ter avisado antes, pois ninguém poderia adivinhar, que aquele caroço era um maligno carcinoma. Avisou-nos, um médico, que ela deveria ser operada com toda urgência.

Conseguimos, através do Coronel Gilson, sua internação imediata no Hospital do Câncer. Foi feita a operação, retirado o tumor, mas já era tarde demais, pois a metástase já havia se espalhado por todo seu organismo. Teria pouco tempo de vida. Sendo mãe de um bebê, não tendo família, expusemos a ela sua situação. Uma das mais tristes tarefas que tivemos no

Projeto, mas não podíamos evitar, tínhamos que conversar com ela sobre o seu bebê.

Resultou, dos nossos conselhos, seu consentimento para procurar um casal que se interessasse em adotar sua filha. Cristina, esse seu nome, concordou com tudo que ponderamos a respeito, pois confiava em nós, considerava-nos sua verdadeira família. Fez questão de conhecer a mulher que ia tornar-se mãe de sua filha, e pediu-nos que só entregássemos o bebê, quando ela morresse. Esse assunto deixou a todos muito tensos, mas como Deus não falha, e tem seus emissários, o coronel Nakaharada apareceu com um casal, que logo se encantou com a criança.

Cristina simpatizou com esse casal. Ficou combinado que os dois iriam visitá-las, mãe e filha, duas vezes por semana. Ficou tudo acertado, sendo encaminhados papeis de adoção, no Juizado, pelos trâmites legais.

Cristina, embora cada vez mais enfraquecida, recusava-se ser internada no Hospital, onde fazia tratamentos. Era sua última e única vontade:

– Quero ficar aqui, na minha casa, com meus amigos, vocês são minha família, quero ficar com vocês até o fim...

Ficamos sem saber o que fazer, muito preocupados, queríamos atender seu pedido, mas nossos alojamentos eram precários, enfim, reunimo-nos e organizamos tudo da melhor maneira possível para ela. Todos nós, educadores e crianças, revezávamos para nunca deixá-la só. Quando fazíamos algum passeio ela era carregada no colo e conduzida até o local.

Durante esse seu declínio o Coral fez mais uma apresentação. Cristina sentou ao meu lado, passou o braço em volta do meu, acomodou a cabeça no meu ombro, e murmurou, baixinho, num tom sumido entre seus lábios lívidos:

– Que pena, tia Lilian, eu já não posso cantar, não posso mais pertencer ao Coral...

Que dor senti cortar meu coração. Senti meus olhos cheios de lágrimas e retive-as, forçando sorrir, acariciei seu rosto e senti sua mão magra apertar a minha, leve, como uma pluma, que logo se perderia no infinito do seu último adeus:

– Que nada, Cristina, hoje você está assistindo, mas logo, bem logo estará no seu lugarzinho, cantando junto com eles. Você está só passando uma fase, logo estará boa...

Ambas sabíamos que não era verdade. Ficamos em silêncio, assistindo o Coral.

Foi a última vez que Cristina pôde deixar seu leito e sair, pouco tempo depois, faleceu. Mas partiu tranqüila porque sabia que sua filha estaria em boas mãos. Ela e sua sucessora haviam se tornado boas amigas. Foi uma adoção privilegiada para ambas, abençoada mesmo por Deus.

O enterro de Cristina foi o melhor que pudemos fazer, com todos os ornamentos, flores, castiçais com velas, orações, velada na capela do cemitério, coisa que talvez, pelo que as próprias crianças comentaram nunca tinham visto fazerem igual.

Enfim, nossas crianças, embora soubessem como se processava e acontecia, pela primeira vez participavam de um velório, oravam e despediam-se com tristeza, da amiguinha querida que foi enterrada numa cova com laje e nome.

Hela precariedade do local onde estávamos, dois anos consecutivos, continuava á procura de outro lugar melhor. Tínhamos que mudar! Não queria ser pega de surpresa com algum problema sério provocado pelas chuvas fortes que nos assustavam. Negava-me levar as crianças de volta para a Praça da Sé.

Nessas buscas descobri que havia um terreno na rua Pero Correia com Avenida Ricardo Jafet, endereço de uma Entidade cujo nome era Bolsa D'Água. Essa Entidade havia recebido o terreno, quando o senhor Jânio Quadros era ainda prefeito, com a condição e promessa de que seria desenvolvido no local, obras de objetivo assistencial, com finalidade social, filantrópica. A fiscalização dos órgãos da Prefeitura, em suas vistorias, descobriram que nada havia sido feito como o proposto exigia, a não ser obras que rendiam lucros para a própria Entidade. Tinham uma quadra de futebol locada para treinos de jogadores, o valor do aluguel revertia para a Entidade. Havia também uma escola de futebol infantil, paga, uma Cantina que rendia lucros e até um Estacionamento, tudo com locação, explorando o terreno.

Imaginem tudo isso, num terreno da Prefeitura, que não podia ser locado, e só deveria ser usado para fins sociais. Por esse motivo os direitos sobre o terreno estavam ameaçados de serem cassados, e a Entidade punida na forma da lei. Fiquei sabendo disso, mas não quis me intrometer. Fiz de conta que nada sabia a respeito. Para o que precisávamos bastava-nos uma parte do terreno que era bem grande, daria e sobraria espaço para todos, até que ambas situações fossem

regularizadas, do nosso lado conseguirmos o espaço, e do lado deles que cumprissem com o que legal fosse.

Levei minha proposta a Laila Gadelha, Superintendente da Regional da Vila Mariana (FABES), que ela achou interessante, marcando uma reunião na própria Entidade Bolsa D'Água, com a diretoria, para conversarmos sobre o assunto. Combinaram o dia e fomos acompanhadas por uma assistente que estava inteirada de todo caso, a fim de entrarmos num acordo.

Nunca em toda minha vida fui tão insultada. Insultada pelos membros da Associação Bolsa D'Água. Trataram-me como se eu fosse uma desclassificada, inescrupulosa, criminosa, que estava apoiando marginais:

– A senhora é muito audaciosa! Como pode atrever-se pensar que consentiremos nossos filhos misturarem-se com essa cambada de criminosos, viciados, pessoas sem eira nem beira! A senhora não se toca? Não percebe o absurdo que está pretendendo?! Vamos comunicar a vizinhança sobre isso, quero ver se vão aceitar que traga para cá esses elementos, marginais perigosos, para se misturarem com as nossas crianças..

– É muita ousadia mesmo! Até que estava demorando a senhora passar por aqui!

Falavam quase que todos ao mesmo tempo, deixando-nos sem chance para nos explicar e provar o quanto estavam enganados pelas suposições que faziam discriminando com tanta fúria as crianças da Santa Fé.

Rata de Secretaria!

Assim referiam-se a mim! Rata de Secretaria! Jamais poderia imaginar que falassem de mim desse jeito! Do bom conceito pelos meus propósitos beneméritos passara a ser considerada uma reles vilã!

Desafiaram-me, desfilando nomes de pessoas de elevado cargo político que os defenderiam contra qualquer interferência minha. Que muitos já haviam tentado tirá-los de lá, mas nada conseguiram, porque eles eram poderosos e eu não passava de uma pedinte que batia de porta em porta pra alimentar marginais, para proteger e dar reforço a criminosos para Amanhã ficarmos todos sob o domínio deles.

Saímos de lá pasmas, sem saber o que dizer ou a quem recorrer. Parecia mesmo que eu era o demônio que adentrara pelas suas portas e eles os grandes homens salvadores da humanidade, protetores de uma sociedade, na qual eu queria enfiar crianças perdidas, corrompidas que iam servir de mal exemplo a seus filhos, que essas crianças deveriam ir para...

Nem me atrevo a dizer! Foram maus, ferinos, grosseiros, caluniadores, desumanos! Cegos! Sim, enxergavam só com os olhos da cara, os da alma estavam colados nas pálpebras cerradas, não viam nada além do próprio nariz e dos seus interesses financeiros.

Improfícua tentativa! Nem dava pra discutir ou levar em frente. Doutor Salim Curiati que achou tudo muito esquisito, tentou como mediador falar-lhes sobre o que realmente era o Projeto Santa Fé, quais as minhas intenções em ocupar apenas um espaço do terreno, mas não haveria mediador que vencesse! Os que estavam do lado deles, políticos que se serviam deles durante épocas de eleições, davam-lhes cobertura e proteção. Ninguém conseguiria tirá-los do terreno que lhes fora cedido para fins filantrópicos, e que ao contrário estava, sendo aberta e escandalosamente explorado.

Fiquei com noventa crianças mal alojadas. Na época era o número de crianças que contávamos, algumas haviam sido adotadas, outras encaminhadas de volta aos seus lares.

Seria possível, que eu, Lilian, depois de ouvir tantas ofensas, de ter sido tratada com tanta grosseria, humilhada e chamada de rata das secretarias desistiria de lutar por conseguir o espaço no terreno que estava sendo explorado com ilícitas locações, por pessoas que

acintosamente enganavam e roubavam a Prefeitura? Não era possível que isso acontecesse!

A guerra era comigo! Eu era o inimigo temido, a que vasculhava, que metia as caras, que procurava, que agia feito uma detetive de saias, salto alto, como também diziam, “ – com toda sua granfinagem a senhora pode muito bem levar as crianças para morarem no Hotel Melia”!

Era o que cochichavam, e até atreviam-se a me falar em tom debochado, pensando desmoralizar-me, tirar o crédito das minhas intenções. Por que não ia de vez para a Europa e ficava lá pelo meio dos cactos nas cidades americanas, perdida pelos Alpes Suíços!

Faziam gozações pelas minhas costas! Que tudo o que eu estava fazendo não passava de capricho! Por essas e outras eu nem me abalava mais! Já haviam explorado tudo que pudesse ser pejorativo e desmerecer-me, truncando minha personalidade! Não conseguiriam nunca! Não deixaria de ser nunca a mulher que sou na minha definida personalidade! Por isso enfrentava todos os obstáculos e nem corava mais, quando ouvia um não ou uma ofensa! Só ficava pensando! Como podiam ser assim tão vis? Eu estava puxando a cortina que encobria coisas que ninguém queria ver e fingia nem saber estavam acontecendo. A carga estava difícil de ser carregada. Precisava aliviar-

me. Salvar a Associação Santa Fé do olho mau do inimigo, para que sua ira não os atingisse. Senti dentro de mim alguma coisa revolver e me trazer a solução. Quem sabe daria certo. Primeiramente precisava conseguir alojar as crianças da melhor maneira possível, deixar tudo organizado e garantido sob todos os aspectos. E só assim afastar-me, mas não para seguirem sem mim, apenas para que não sofressem as conseqüências do ódio de certas pessoas, que temiam ser descobertas nas suas falcatruas.

Comparei o Projeto Santa Fé a um filho, que geramos, cresce, desenvolve-se e vai em busca da sua própria vida nas asas que se soltam do seu corpo feito. Uma ave voando alto, indo para o mais alto, mas sempre acompanhada pelo meu olhar atento e protetor. Jamais desviaria minha atenção de sobre meu filho, jamais deixaria o Projeto Santa Fé como um barco a deriva se precisasse de ajuda para chegar a um porto seguro, eu estaria lá! Mas então, pelo que analisei, precisava afastar-me. Eu o veria crescer, vencer, como a mãe que vê seu filho equilibrar-se na vida pela educação que recebeu, pelos estudos que cursou, pela sua autonomia e auto-suficiência adquirida com o tempo. E O Projeto Santa Fé seria Grandioso! Não o abandonaria sem antes calcar bem

seguros seus alicerces em terra firme. Jamais ergui meus castelos sobre areias movediças!

Que triste seria ver, a semente que plantamos, depois que brotou, desenvolveu, deu suas primeiras flores e sombra, começar a mirrar, secar, perder seu viço ou não desenvolver, não crescer mais do que quando cuidávamos dela! Por isso meu empenho em deixar tudo engatilhado, para que a árvore que surgiu da semente que plantei, alcançasse seus limites ou até os ultrapassasse pelo seu vigor, por isso pensei em fundação sólida, firme, para que o castelo não ruísse para que não fosse tragado por areias movediças. Missão dessas não pode ficar estagnada no *status que*, tem que desenvolver-se, mostrar sua grandiosidade! Pelos meus passos, pela minha visão, os passos dos outros teriam que sair da mansarda para o castelo!

Numa das minhas idas ao GEPAC, considerei que poderia conseguir alguma ajuda, visto que a nossa Associação era reconhecida, respeitada, e considerada pela honestidade com que se processava nosso sucesso. Nada havia que se pudesse apontar como demérito para o Projeto Santa Fé, desde o mais simples funcionário, educadores, a todos enfim só cabiam elogios e irrefutável idoneidade moral.

Quantos terrenos me foram indicados. Não dava certo. Sempre havia um impedimento, alguma coisa intrincada, difícil de ser resolvida. O grupo da GEPAC empenhava-se em colaborar. Em reunião com o senhor Prefeito Paulo Maluf, entraram em detalhes. Convencido de que devia colaborar com o Projeto Santa Fé, Paulo Maluf ligou para o Secretário do Bem Estar Social, visto que isso pertencia a essa Secretaria, para que me recebessem, que me ouvissem com toda atenção porque era do seu próprio interesse que se arranjasse uma solução imediata para o caso que eu iria lhes passar. O pedido dele estava intrínseco ao pedido do GEPAC, para o Projeto Santa Fé, e que ele próprio conhecia o meu trabalho e congratulava-me, que era total o seu interesse que eu fosse atendida.

Paulo Maluf encaminhou-me para sua secretária que por sua vez marcou o dia da entrevista com o secretário e eu.

No dia e na hora eu estava lá. O Secretário atendeu-me, direto, objetivo, preciso, claro, e tudo enfim, que numa só resposta ao meu pedido não deixasse brecha de esperança. Era para eu sair de lá assim, bem informada de uma situação que não teria solução se dependesse deles, pois nada dependia deles em verdade:

– Sei dos seus propósitos, das suas dificuldades, também recebi ordem do Prefeito Paulo Maluf para resolver seu caso, mas nem de tudo ele está bem informado, não posso nem mesmo atender a ordem do prefeito. Esqueça esse terreno, dona Lilian, ele não vai ser liberado. Será inútil esperar mais. A demora em PATRI (Patrimônio Nacional) é incalculável, a perder de vista, e sua necessidade é de muita urgência. O caso desse terreno é muito complicado, não alimente idéias a respeito, não quero que se iluda e perca tempo.

Saí de lá gelada, arrasada mais do que isso, impossível, senti todo sangue do corpo subir para a cabeça que parecia querer estourar.

De que valera e do que adiantara o prefeito querer, determinar, empenhar-se em que eu recebesse o terreno? O que adiantara tanto trabalho, tanto empenho, se não conseguimos nenhum apoio, nenhum respaldo, mesmo em situações legais!

Será que preferiam que se instituíssem Entidades que roubem a Prefeitura?

Meu pensamento otimista pisava-me com botas pesadas, de soldado que se revolta, e não deserta, até chegar ao *front* com sede de derrubar o inimigo para não ser derrotado. O inimigo dentro de mim era o outro, o pensamento pessimista, aquele que trás o desânimo, que nos cutuca para desistir.

Eu?! Para a derrota provocada pelo pessimismo sempre fui surda! Que tal mais uma investida? Seria a última. E foi!

Através do vereador Hanna Garib consegui audiência com o senhor Edvaldo Silva, Secretário de Governo. Fazendo parte dessa reunião, estavam, o coronel Nakaharada a quem eu pedira que me acompanhasse, além da pessoa representante do PATRI, que era conhecedora de todo assunto que me levava até eles. Coloquei-a a par de tudo, prometeu tomar providências.

Um golpe sujo! Não dá pra competir com gente que usa de estratégias sem escrúpulos e mentirosas. Foi quando perdi totalmente as esperanças. Por ter saído no Diário Oficial decreto do prefeito Paulo Maluf, transferindo o terreno para a Associação Beneficente Santa Fé, começáramos a projetar sua construção, em vão!

Era época de eleições. Avisaram-me que estavam usando de uma artimanha, por sobre a ponte próxima ao terreno esticaram uma grande faixa com os dizeres: "PAULO MALUF QUER DESAPROPRIAR UM TERRENO NO QUAL ESTÁ IMPLANTADO UM TRABALHO SOCIAL QUE ATENDE CERCA DE 1.000 CRIANÇAS"

Que coisa mais absurda! Quanta mentira em poucas palavras que ergueriam revolta contra o candidato! Estavam em cima da hora! Muita gente poderia mudar de idéia em quem votar por causa daquelas palavras, que além de caluniosas, escondiam *fatos* ilícitos. Com certeza a faixa foi rapidamente retirada, claro, o que não faria um assessor, um cabo eleitoral para o seu candidato não ser prejudicado? Nenhuma outra faixa foi colocada no lugar.

Essa foi mais uma, entre muitas outras, das atitudes desonestas que usaram para prejudicar-me, para que eu não conseguisse o terreno. Tudo bem, perdi, mas não me senti derrotada, porque agia em benefício de crianças que realmente precisavam de abrigo, por isso não me abalei, conservei minha dignidade e cresci no orgulho pelo trabalho que todos juntos, do Projeto Santa Fé, desenvolvemos.

Chegando á conclusão que nada conseguiria através de Órgãos Públicos, preocupada com o perigo que enfrentávamos no alojamento que estava aos pedaços, semi-destruído pelo tempo, chuvas, muito sol, enfim pela deterioração natural que ocorre, só me restava uma saída. A única porta que ao bater sempre se abria para mim.

Novamente recorri ao meu marido. Gilberto ouviu-me como sempre com toda atenção e limitou-se a me responder:

– Arranje o local que eu pago o aluguel.

Pensar que saí gloriosa e acelerada na busca da casa que fosse adequada para abrigar as noventa crianças, e dei de cara com incrível susto no não das imobiliárias, e dos proprietários cada vez que expunha a finalidade da locação, e quem seriam os seus moradores.

Era um não atrás do outro, todos indignados, olhavam-me como se eu fosse uma doida. Quase perdi a paciência, até que um dia encontramos o local, que não era dos melhores dentro das minhas pretensões. O terreno tinha três casas, o que nos fez decidir que faríamos tudo para alugar aquele imóvel, porque poderíamos, como sempre fora nossa idéia, dividir os ambientes. Uma casa para as meninas, uma casa para os meninos e a outra para mães com seus bebês e crianças.

Começaram as negociações e de repente apareceram as dificuldades em se assinar o contrato. O que me surpreendeu, e deixou deveras acima de tudo quanto já havia passado, no topo da indignação, pois nada poderia nos constranger mais e nos tripudiar tanto, era que a propriedade pertencia á Congregação

de São Francisco de Assis, que não estava nos aceitando como inquilinos. Como podiam freiras dizer não a nós que estávamos só querendo abrigar criancinhas, adolescentes, mães meninas ainda e seus bebês? Uma casa toda ruim, precisando de reformas as quais nos comprometíamos fazer!?

O que é isso São Francisco de Assis?! Logo o senhor de quem sou devota permitir que as freiras digam não, sabendo da finalidade de querermos alugar essa casa? Estou revoltada!

Falava com o santo em pensamento, falava com Deus e acabei indo falar com o padre Boim, quando percebi que as freiras, longe de pensarem em caridade ou em negócios, estavam discriminando os interessados na casa, pois não queriam assinar contrato conosco.

Padre Boim imediatamente, tomando conhecimento do absurdo fato, telefonou para a Diretoria da Congregação, intercedendo por nós. Disseram-lhe que não podiam responder se conseguiriam resolver o caso, pois quem tomava conta das propriedades era um administrador, mas que tentariam de todo jeito resolver definitivamente o problema, se alugavam ou não alugavam a casa.

Ah! Saí da igreja, fungando faíscas! Embora confiante, ameacei pro ar, falando sozinha, numa

promessa que me fiz. Se elas, isto é, as freiras, o administrador, ou fosse lá quem fosse quem decidiria, até São Francisco, se não alugassem para nós, iria á Imprensa em geral, pedir que me ouvissem, poria a boca no mundo até resolver o caso.

Felizmente a intervenção santa do Padre Boim trouxe uma resposta abençoada e assinamos o contrato. Então me desculpei e agradei a São Francisco! Aluguel altíssimo, a casa precisando de uma grande e geral reforma, desde a parte elétrica á hidráulica, da pintura, á descupinização, pois tudo que era madeiramento estava infestado de cupim.

Quando conseguimos deixar tudo em ordem mudamos para a Rua Francisco Cruz, na Vila Mariana.

O Projeto Pertence ao Brasil!

Não vou me estender na tragédia que me abalou, pois não se insere na intenção deste livro. Mas sou obrigada a passar ligeiramente sobre o assunto mais triste e difícil para mim de enfrentar. Vou apenas referir-me ao fato, pelas decisões que tomei a partir desse momento que jamais esquecerei. Não me sinto bem, sequer mencionando o fato sem entrar em detalhes. Meus olhos ficam embaçados de lágrimas e sinto um soluço atropelando palavras em minha garganta, porque me nego chorar.

Estávamos próximos do Natal. Família toda cobrando minha presença, minha decisão de passarmos todos juntos as festas de fim de ano em Miami, como fazíamos antigamente.

Dia doze de dezembro! Adriana me deu a triste notícia. Onde estava sentada, fiquei.

Meu filho, caçula, eterna criança, na mais bela idade de um homem, na pujança da sua adolescência,

aos dezenove anos, morreu num acidente de automóvel.

Fico nessas palavras, e bastam. Precisa mais para que a mãe de um jovem, o pai de um adolescente, a irmã, amiga, não sofra? Só em lembrar?

Não vou me deixar amarrar pela angústia que hora por vez me deprime, da qual eu fujo, da qual a Vida me laça para outros compromissos dependentes de resolver, sufocando sentimentos tristes porque não adianta nada ficar letárgica, estagnada, presa a lembranças que crucificam!

Minha família vinha reclamando que eu já não ligava muito para eles, que não parava um minuto em casa, que não me preocupava com as vontades deles, que o Projeto Santa Fé prosseguiria muito bem sob a orientação de Márcia, que poderia substituir-me, enquanto a gente passasse fim de ano em Miami, todos juntos, como antes nas grandes temporadas de férias. Eles brincavam choramingando:

– Mãe, olhe para nós, também somos crianças, as suas crianças de rua que precisam de você.

Na missa de sétimo dia a Associação compareceu em peso, como para dizer, estamos todos aqui, tia Lilian, sofrendo com você. Durante a pregação fúnebre do padre o silêncio era absoluto.

Os bebês no colo de suas mães dormiam balançados com ternura. Nada perturbava o silêncio que pesava sobre mim como a mortalha que cobrira meu filho, meu querido filho Paulo!

De repente, o Coral, das minhas crianças tiradas das ruas, foram para diante do altar e começaram a cantar, cantaram e cantaram, em homenagem a mim, em homenagem á mãe que sou, ao meu filho que se foi!

Deus estava ali! Presente. Na sua Magnitude, no Seu Esplendor, no carinho das crianças que me olhavam com seus olhinhos curiosos, expressão triste, na intenção de que eu me sentisse abraçada por elas todas, para que eu não chorasse, para que eu sentisse mais forte que a Vida é Uma Passagem por este mundo!

Senti que estava me despedindo. Que eu também ia para algum lugar, sem espaço, sem ruas, sem limites, sem distância, porque, apesar de deixá-las, de entregar o Projeto, de me afastar, estaria sempre atenta, vigiando, para que Santa Fé fosse vitoriosa em tudo!

Pensamentos revolucionaram idéias dentro de mim, trazendo a decisão definitiva de deixar a Associação. Nesse ínterim já estávamos legalizados com a Prefeitura, mas o dinheiro não saíra e nem sairia

em tempo para as festas de natal, estávamos atrasados com os salários dos educadores e tudo o mais!

Im Miami, fiquei preocupada com os funcionários e com as crianças, então pedi a Gilberto que recorresse a Paulo Maluf. Gilberto ligou para ele. Paulo Maluf atendeu meu pedido, garantindo que eu poderia dormir descansada, que ele mandaria verba para que Santa Fé não passasse um natal sem recursos.

Com tempo para analisar toda minha vida em relação ao Projeto Santa Fé, punha-me em dúvida, pesando os prós e os contras. A situação tornara-se delicada, por me dedicar tanto, poderia acarretar mais problemas, tudo o que eu fizesse pelo que me perseguiram refletiria sobre o Projeto, talvez fosse conveniente que eu me afastasse, talvez eu devesse deixar a presidência da Santa Fé.

Resolvi que só voltaria a pensar no assunto, quando voltasse de Miami, onde fôramos passar as festas de fim de ano. Era isso o que Paulo mais queria, todos lá, estar junto de Cristiane, Liliane, Adriana, Bruno, Gilberto e meus netinhos.

Dediquei-me inteiramente a eles, sem negligenciar preocupações com o que estaria acontecendo com todo pessoal do Projeto.

Uma sensação estranha percorreu-me logo que cheguei em São Paulo. Fui direito para a Rua Francisco Cruz, na Vila Mariana. Senti um aperto no coração, parada do outro lado da calçada, olhando para a casa, como se me despedisse, como se fosse a última vez que atravessaria seu portão. Impossível definir o que sentia mediante a decisão que já tomara e que se confirmava, de que eu devia deixar a presidência do Projeto Santa Fé. Era uma decisão minha, que eu não discernia ainda porque chegava a tal extremo. Alguma coisa me incomodava, não estava me sentindo bem, era indefinível e ao mesmo tempo bem claro que para mim só haveria uma alternativa, pelo meu modo de ser, de pensar e principalmente pelas decisões que tomava e que me levavam a agir, tudo sempre impulsionado por um sentido lógico que a razão me trazia.

As crianças me receberam com todo carinho, e o carinho delas recebia de volta toda ternura, que embora numa postura que minha posição de comando exigia, reservava para elas e para todos. Eu amava todos, igualmente, eram a família, a família que a gente forma e estabelece numa extensão do nosso lar, que são os nossos amigos. Logo nesse primeiro dia da minha chegada, olhei tudo com olhos de adeus, falei com todos com a preparação que um afastamento

elabora, deixando no ar alguma coisa indefinida, pois percebi que todos me olhavam como se percebessem que alguma coisa diferente, de tudo que já acontecera entre nós ia acontecer.

Fui surpreendida com uma proposta que me foi apresentada, uma sugestão que me comoveu, mas que não ia de encontro ao que eu considerava a nossa Associação.

Para homenagear, em memória do meu filho, que sempre acompanhara de perto os acontecimentos do Projeto Santa Fé, que estava sempre presente e disposto a tudo em que pudesse colaborar, queriam mudar o nome do Projeto Santa Fé, para Projeto Paulo Bomeny!

Nem refleti. A resposta estava pronta, imutável, pelo pensamento que me levara a criar o Projeto e lhes disse, agradecida e comovida, para que entendessem e soubessem o quanto significava e como era maravilhosa a intenção de todos:

– Obrigada, mas não é bom para o Projeto Santa Fé que não pode ter outro nome a não ser esse. Ele é único, pertence a todos, pertence ao Brasil.

Fiquei como que em estado contemplativo, pensando:

O Projeto Santa Fé firmou-se e continuamos no mesmo endereço, na esperança de conseguir de algum modo, da Prefeitura, do Governo, de um sopro caridoso de Deus no coração de alguém, para que se abra e ofereça um lugar melhor, mais amplo, para continuar abrigando crianças que estão sempre chegando. Oitenta por cento já foram recuperadas, algumas trabalham em vários lugares, outras continuam ajudando e trabalhando no Projeto. Crianças nos são enviadas da FEBEM, do Juizado de Menores, da Prefeitura. Até já fomos convidados para administrar Casa da Prefeitura que acolhe crianças com problemas ou achadas perdidas pelas ruas de São Paulo.

Tenho que reconhecer que está indo tudo muito bem, melhor parar de ficar me atormentando, preocupando-me tanto! Seria que ligando o Projeto á Prefeitura não resolveria todos os nossos problemas. Será? Vou tentar...

A Picada da Mosca Azul!

Quis então entregar o Projeto para a Prefeitura, pois o que conseguimos com a união de vários Órgãos Públicos tornara-o um Projeto apolítico, onde não se falava em interesses políticos, mas tão somente no Bem Estar das Crianças.

Quando o senhor Celso Pitta assumiu a Prefeitura, me enchi de confiança, pois sua mulher, Nicéa, com quem sempre conversava a respeito, era profunda conhecedora de tudo quanto se relacionava ao Projeto Santa Fé, e das minhas idéias concernentes a ele. Numa das nossas muitas conversas entre um assunto e outro ela me disse que se seu marido vencesse nas eleições ela com toda certeza daria a maior força ao nosso Projeto, que até, quem sabe o incluiria nos quadros da Prefeitura.

Transcorridos alguns meses da posse de Pitta como prefeito, procurei Nicéa para voltarmos ao assunto do Projeto, segundo os interesses que havíamos trocado, também a fim de parabenizá-la pela vitória do seu marido, naturalmente extensiva a ela,

mas não fui bem sucedida, estava muito difícil marcar uma entrevista com ela.

Será possível que em tão pouco tempo já tenha me esquecido? Que a mosca azul picou-a e o efeito do veneno já tenha começado a agir? Pensei, porque estranhei que ela não me atendesse. Mas não desisti, em dúvida, se teria ou não recebido meus recados, pois nos trâmites da nova posição de sua vida, poderia estar exacerbada com muitos compromissos. Minha vez haveria de chegar. Insisti, pedindo a Gilberto que falasse com Pitta, pois só através dele meu recado seguiria direto a ela, o que aconteceu.

Como sempre, com minha pontualidade britânica, no dia e hora estava lá, no CASA!

Fiquei aguardando na sala de espera mais de uma hora. Por duas vezes fui arguida por pessoas diferentes sobre que assunto pretendia tratar.

Então, na sala de espera apareceu a senhora Lucila de Lakman, que a essas alturas não era mais a presidenta, e vendo-me à espera, cumprimentou-me e convidou-me para aguardar em sua sala até que pudesse ser atendida.

Entendi que Nicéa deveria estar atordoando-se com tantos compromissos que não teria condições de cumprir os horários que marcava.

Finalmente fui chamada para entrar em seu gabinete, precedida por uma assistente social que me conduziu á presença de Nicéa.

Nicéa estava sentada atrás de sua mesa, com suas pernas cruzadas, lendo um jornal, e assim ficou como se nem percebesse a minha presença. E eu ali, em pé, aguardando que ela me visse! Estava sendo constrangedor, então, a assistente social chamou a atenção dela, dizendo:

– Dona Nicéa! Dona Lilian está aqui!

Vagarosamente ela afastou o jornal, olhou para mim sem expressão nenhuma no rosto, que antes sempre me sorria. Nenhum sorriso, nada! Inexpressiva! Com a naturalidade de sempre, quando me inclinei para beijá-la nas faces, estendeu a mão num gesto que me manteve à distância, como se com isso esclarecesse que a minha presença não era desejada ali.

Fiquei sem graça com a sua atitude, pois afinal nos conhecíamos há muito tempo, não só das reuniões da GEPAC, como também em eventos, reuniões sociais, em festas, onde nos encontrávamos e conversávamos muito, não só amenidades, como também sobre outros assuntos, quando ela demonstrava bastante interesse em me ouvir falar sobre minhas lutas pelo Projeto Santa Fé. Sempre lhe dispensara minha atenção. Nicéa realmente estava

super informada de tudo, como duas mulheres que confidenciam uma com a outra, assim fora!

Estava passada, diante dela! Mal podia acreditar no que estava acontecendo, mas olhando-a assim, via que não era falsa impressão, que ela tornara-se céptica e fria, até quase duvidei que nos conhecíamos.

Respirei fundo, refazendo-me da decepção, engoli seco pra não lhe falar umas tantas coisas que merecia ouvir, preocupando-me mais com o motivo que fora procurá-la do que comigo mesma, ferida na minha sensibilidade.

Ela não gostou quando, fingindo não perceber sua atitude fria, refresquei sua memória, lembrando-a sobre nossas conversas sobre o Projeto Santa Fé. Afinal, talvez eu estivesse um tanto quanto enganada com o jeito dela, era só um momento, lembrei em rápido vórtice na minha cabeça das coisas que me falara indignada por eu não conseguir apoio, que era um absurdo que não atentassem pela grandiosidade do meu empreendimento!

Ela estava falando e eu revivia tudo, não acreditando no que ouvia. Sua voz soava metálica, estudada, palavras decoradas, diretas, sem deixar alternativas porque no que falava eu não entrava.

– Já estamos desenvolvendo um grande projeto com pessoas abalizadas, para as *crianças de rua*. Logo você vai ver! Não podemos nos envolver com nada mais que não se inclua no nosso projeto. Temos muitos planos!

Não dava mesmo para acreditar no que estava ouvindo, as coisas que continuou falando, dos planos, o que iam fazer. Era mesmo difícil de acreditar que Nicéa estivesse falando comigo daquele jeito, ela que conhecia tudo sobre o Projeto, que muitas e muitas vezes condenara pessoas que haviam me negado ajuda, agora ela própria desprezava o que eu lhe oferecia, para entregar em suas mãos um projeto pronto, concluído e que se ela desse continuidade a ele seria um marco na política social do governo do seu marido.

A tristeza ia tomando conta de mim, mas pensei nas outras crianças sobre as quais ela falava, de rua, as minhas, por pior que estivessem ainda estavam bem amparadas, por isso atrevi-me a lhe dar alguns conselhos e orientá-la no que vi estava um tanto perdida, visto que pelo que estava colocando, do modo, como pretendia, nunca conseguiria montar ou organizar nenhum Projeto. Falei porque pensei nas crianças, as quais ela citava, prevendo que se fosse do modo como idealizava, as nossas crianças em situação de rua continuariam desprezadas a mercê do tempo.

Ela ficou um tanto quanto irritada, mas soube conter-se, e a assistente social que não arredara pé, mostrou sua eficiência em livrá-la de assuntos nos quais poderia se perder, lembrando-a que estava passando da hora do seu almoço, desse modo encerrando nossa conversa, interrompendo-nos preocupada com a escolha do menu do dia, o que lhe agradava.

Vendo que estava perdendo tempo ali, mantive minha educação, levantei-me e apenas disse, despedindo-me:

– Já estou indo, Nicéa, para que você possa almoçar sossegada.

É preciso dizer que me despedi dela com o coração partido, decepcionada, mal conseguindo conter lágrimas pela humilhação á qual ela me submetera o tempo todo, não pelo trato da mulher para a mulher, porque se eu estivesse ali apenas como Lilian, numa visita social, minha atitude seria outra, da qual ela jamais haveria de esquecer, mas eu estava ali como presidenta do Projeto Santa Fé, representando outras pessoas, por isso todo meu auto controle, minha concentração única e exclusivamente no que se resumia a entrevista malfadada, para não dizer outra coisa!

Mais uma vez Stand By para o nosso Projeto! Sempre a corrosiva e feia vaidade que denigre e não leva as pessoas a se enfeitarem para ficarem mais bonitas, mas a vaidade do ego que enruga a cara dos que só pensam em si, pelo orgulho e inveja do que os outros fazem e não têm competência para fazerem igual, nem copiando, nem planejando em cima do que projetamos. Mas doía muito pensar que Nicéa deixara que o veneno da picada da mosca azul adormecesse seus mais lindos sentimentos, tirando da sua face o seu sorriso amigo, mudando suas palavras de incentivo para palavras que derrotavam, que pisavam, que em vez da postura elegante de uma dama diante de uma amiga, trazia do seu veneno uma mulher fria, indiferente, deselegante no seu comportamento e educação que antes primavam por uma simpatia, que infelizmente, descobri nesse dia, era superficial, enganosa!

Eu não fora oferecer a ela algo meu, fora oferecer a ela o que era de todos! Mas Nicéa me viu em tudo, não pensou que o Projeto Santa Fé era uma Entidade proprietário senão o próprio Brasil, que eu o criara para ser da Nação, um grão de areia, como aquele da música, que se apaixonou pela estrelinha no céu, e então apareceu a estrela do mar! Minha intenção era essa! O casamento perfeito, para que surgissem

muitos, ou crescesse num só, expandindo-se capaz de resolver os problemas de todas as crianças em situação de rua, o Projeto Santa Fé! Ela não entendeu! Ou se entendeu, quis prevalecer com o que estava pautado apenas no seu nome, originado da sua idéia, do seu Projeto!

Santa Fé! Um monumento de equipe! Ia continuar sozinho! Com aqueles que o sustentavam pelo seu amor, dedicação e coragem!

O fator principal que me levara até Nicéa, era por entender que o Projeto Santa Fé, trabalhando especificamente com crianças em risco de ruas, dependeria sempre dos Órgãos Públicos, dependeria sempre de todas as Secretarias, tanto assim que para colocarmos as crianças em qualquer colégio, aliás, o que fosse e é do seu total direito, precisávamos pedir ajuda á Secretaria da Educação, para a Secretaria da Cultura, Secretaria dos Esportes, Secretaria da Habitação, Secretaria do Bem Estar Social, cada uma na sua função específica para atender nossas crianças, ou fazer com que elas pudessem usar seus direitos como cidadãos brasileiros.

Surgiam sempre problemas, pois certas mães de outras crianças freqüentadoras de determinadas repartições da prefeitura, reclamavam. Elas não admitiam que as nossas crianças freqüentassem o

mesmo lugar que os seus filhos, por considerá-los párias da sociedade. Assim, entregando o projeto para a Prefeitura tudo transcorreria mais adequadamente, sem que se precisasse mais recorrer a este e aquele, simplificando toda situação dentro dos conceitos e direitos legais de todas as crianças e adolescentes do Projeto.

Nossas crianças seguiam um currículo escolar, educacional e preparatório, desde o primeiro dia do seu ingresso na nossa Associação. Quando considerávamos que estavam preparadas, tentávamos colocá-las em algum emprego com o qual se identificassem, a fim de ensinar-lhes a adquirir sua própria independência. Animadas pelas perspectivas que visualizavam elas se contentariam em trabalhar em qualquer coisa que pudesse abrir-lhes caminho. Infelizmente não era fácil. Eram discriminadas. Pareciam identificáveis por um selo irremovível calcado em sua pele.

Geralmente conseguíamos colocação com conhecidos, mas era de praxe em outros ambientes, acontecer que a qualquer pequeno desagravo ou erro a culpa sempre caía em cima delas, pois eram o que eram, procedentes dos caminhos escusos das ruas. As crianças além de sofrerem discriminação muitas vezes sentiam-se caluniadas e injustiçadas, o que se tornava

difícil para nós tirar dos seus pensamentos o espírito prevenido contra as pessoas. Em verdade, se fôssemos analisar a fundo os problemas dessas crianças, seriam elas que deveriam temer a sociedade e não a sociedade que perdoa todos os defeitos dos seus filhos, ficar atenta contra elas. Enfim, nossos objetivos sempre tiveram bons resultados, pois muitos dos nossos jovens hoje têm suas casas e prestam serviços para a Associação Santa Fé, fazendo parte do quadro de funcionários. Servem de exemplo, conversam, tornam-se auxiliares de educadores, como Marinete Rodrigues da Conceição, que orientando, crianças que como elas chegaram, chegam hoje à Associação.

Marinete surpreendeu-me com seu comentário:

– Não esqueço nunca o primeiro e único aniversário que comemorei, lembra, tia. A senhora disse que eu poderia convidar minhas amigas preferidas e eu convidei quatro, aí a senhora levou a gente onde eu pedi e disse que queria ir, ao Mac Donald!

A alegria de Marinete, lembrando o dia do seu aniversário me comoveu, pois nem sequer lembrava dessa passagem, entendi o quanto fora importante para ela, pois repetiu:

– Tia! Em toda minha vida foi o único aniversário que festejei...

Uma Menina Chamada Leleu!

Quando considerei que já completara a minha obra, e estava na hora de deixar a presidência, convoquei uma reunião e comuniquei que queria dar uma grande festa. Depois então eu me despediria de todos!

A festa começou a ser organizada para realizar três casamentos e sessenta e oito batizados. Convidei Padre Boim para oficializar os santos sacramentos, dos casamentos e dos batizados. Cada um tinha seu padrinho escolhido pela sua própria preferência.

Apesar de ter sido convidada por quase todos, achei conveniente não ser madrinha de nenhum deles, já bastava considerá-los como meus filhos não precisavam ser meus afilhados.

Mas como a gente programa e Deus escolhe e determina, os padrinhos para batizar uma das meninas não apareceram, então eu e meu filho Bruno substituímos, o que me deixou muito feliz, porque a menina era Leleu!

Leleu, como gosto de chamá-la, é lógico que é um apelido, pois seu nome verdadeiro é Silvaneide Guedes.

Lembrei quando ela chegara na Santa Fé. Com doze anos, muito magrinha, franzina, mostrando traços de beleza, sob os escombros dos maus tratos, e jeito, que me haviam levado, num repente a prever que ela seria uma jovem inteligente e vencedora na vida. Que Deus lhe dera traços e postura, que percebi no dia a dia, com suas melhoras e correções, acentuarem-se, ao que ela própria, com seus trejeitos mostrava que nascera para ser uma linda manequim.

Não eram sonhos tolos, nem suposições vãs. Eu via em Leleu uma aura clara, nos seus traços, no seu jeito de falar com todos e comigo, educada e de personalidade forte, arrependia-se se fazia algo que não gostássemos, prometia não repetir e maioria das vezes conseguia cumprir. Vivia à minha volta, confidenciando-me seus pequenos problemas, sentia que entre nós existia um elo, imperceptível, mas que eu sabia não se romperia.

Leleu estava sempre nos meus pensamentos como uma menina que haveria de se realizar nos seus sonhos, iria passo a passo construir futuro, pela boa vontade que demonstrava em estudar, em aprimorar-se no seu visual. Uma série de impressões estabeleceram, que

Leleu ia me dar muito orgulho por ser sua madrinha, com quem ela poderia contar sempre.

Mas eu esperava. Talvez fosse só impressão. Talvez ela não correspondesse. Não podia chegar até ela e oferecer apoio sem saber para o que. Seria ela quem teria que vir até mim e falar dos seus objetivos, o que pretendia estudar, no que gostaria de graduar-se, até, claro, do que estava óbvio na sua figura. A de ser modelo.

E aconteceu como previra. Além de tornar-se uma moça linda, não abandonou seus objetivos, atualmente cursa o segundo grau, estuda Inglês, participou e participa de vários Concursos de Beleza, entre os quais o Concurso Miss Afro, ficando entre as cinco finalistas, continuou sempre batalhando para suas realizações, e até incentivou seus parentes para que estudassem.

Correspondendo ao que eu pensara dela fez cursos de manequim no SENAC, alguns comerciais para o Mc Donald. Leleu para mim representa a realização, um exemplo, uma filha da alma, que eu espero continue sempre me trazendo boas notícias que considero serem os seus objetivos em relação á construção da sua vida, bonita, forte e sadia, contando sempre que se fizer necessário, com o meu apoio.

Leleu participou como recepcionista no Salão do Automóvel, e revelou-me recentemente seu sonho, que com certeza será realizado, pois vai matricular-se, para no próximo ano cursar a Faculdade de Turismo.

Isso é verdadeira lição de vida, pela ironia do Destino, uma menina que veio das ruas de São Paulo, formar-se em Turismo para ser cicerone e mostrar para turistas as belezas do nosso país, que é tão rico em belezas naturais.

Há algum tempo o Projeto, a Associação já estava sendo reconhecida pela Prefeitura e pelo Governo do Estado de São Paulo.

Por todas as experiências que passei, entendi que tanto presidentes quanto secretários, enfim, pessoas que pensamos poder resolver todas as questões que lhes levamos em relação a algum projeto, esbarram também com outras pessoas que por trás das cortinas dão as cartas, cerceando e limitando seus espaços e poderes.

Em sete de novembro de 1996 eu tinha em mãos um relatório preciso sobre a Associação Santa Fé, especificando que “ao longo dos três últimos anos passados, tínhamos desenvolvido trabalho com meninos e meninas em situação de rua com vários êxitos, tais como: – formação de Coral, volta á família de origem de 12 meninos e meninas, retorno á escola de 24 meninos e meninas, sendo que 6 meninos

integraram-se ao mercado de trabalho e oitenta e quatro meninos e meninas fixaram-se na Instituição, saindo definitivamente das ruas!”

O progresso no ano de oitenta e sete somava feitos análogos.

Desse modo eu estava tranqüila pela decisão tomada e mentalizei, escreveria uma carta que entregaria para Márcia, comunicando que a partir desse momento em diante eu não seria mais a presidenta da Associação Santa Fé.

Foi uma inspiração que me cutucou para acordar, às duas horas da madrugada do dia 01 de outubro de 1997.

Num papel que tirei da gaveta da escrivaninha no meu quarto, timbrado com o logotipo do cacto, verde, com cinco braços e cinco flores vermelhas, ao lado escrito Espaço de Arte Santa Fé, comecei a redigir a carta da minha demissão.

Depois, quando terminei fui sentar na varanda na minha cadeira predileta, onde fiquei me balançando. Relaxei, dessa vez não entrei em alfa, não conseguia nem pensar, estava tensa.

Olhando o céu, imenso, escuro, poucas estrelas, um pedaço de lua, apontando por trás de uma nuvem pesada, tentei distrair-me. Uma aragem fresca passava

pelos meus cabelos como se mãos invisíveis os acariciassem. Fiquei assim largo tempo. Lembrei das crianças e fiquei triste, pois sabendo do meu afastamento vinham a toda hora pedir-me que não as deixasse. As vizinhas tristes, os olhinhos vertendo lágrimas, as mãos agarrando as minhas, as súplicas, tudo mexeu comigo, levando-me às dúvidas das atitudes que deveria tomar.

Descobri, simultaneamente, que as perseguições que tanto haviam me incomodado tinham sido lições para que eu aprendesse como trilhar outros caminhos.

Fora do á-é-i-ó-u, até a Faculdade de todos os sentimentos e das Emoções! Estava agora na pós graduação! O desapego! A faculdade que me alertou com toda sua razão, com aquela voz que as vezes a gente pensa que é de Deus, dizendo: Você já fez tudo aqui, agora siga em frente! Não sofra! -

Era assim que estavam os pensamentos dentro da minha cabeça, buscando motivos e a lógica verdadeira para deixar de repente, de uma hora para outra, tudo!

Então senti que a decisão tomada tinha um objetivo, seguir outro caminho, como um jardineiro que plantou suas sementes na terra que era árida e a viu florir e segue em frente para formar outros jardins.

Tinha que seguir, começar tudo de novo! Como escrevi na minha carta de despedida, desculpando-me com as crianças: *“Sei que tenho que continuar, seguindo sem parar, pois sou como uma caravana, chego, acampo pelo tempo necessário, semeio e me vou. O Projeto é meu filho! É muito triste deixá-lo seguir sem mim. Não se abandona um filho que é o nosso orgulho, que lembra todas as nossas vitórias! Mas sei que nele ficou impregnado todo meu espírito de amor, esse o meu grande segredo como de todos que sabem dar amor! Não sou eterna! Ninguém é! Não sou insubstituível! Nem me sinto desligada do filho só porque cortei o cordão umbilical. Já disse, não sou eterna, mas a Santa Fé, sim, pois a criei para ser eterna!”* -

O Sempre Caminhar! Esse meu Destino! Não Parar nunca!

Revivi tudo! Senti lágrimas descerem pelas minhas faces, mas eram as últimas que derramaria, despedindo-me, porque logo um sorriso de felicidade brincou em meus lábios. Eu estava feliz! Fizera tudo o que estivera até então ao meu alcance.

Logo iria começar a ornamentar a nossa árvore de natal, estávamos no fim do ano de 1997, então descobri, que quem ganhou o maior e melhor presente no natal de 1993, fui eu!



Quando resolvi escrever este livro, tinha alguns objetivos, provar que com a união das políticas públicas e a sociedade, conseguiremos um trabalho que vem de encontro ao que todos nós queremos: a solução das crianças e o começo da solução da violência, que cada vez mais atemoriza o nosso País.

Lilian de Mello Bonemy

... entendi porque Lilian quis contar sua História, quando visitei a Associação Beneficente Santa Fé, onde moram crianças que antes viviam em situação de rua.

Um menino de três anos me pegou pela mão, pedindo:

- Vem, tia, quero mostrar o que estamos pintando...

Só lembro o tom da sua voz e o contacto da sua mãozinha contra a minha.

Cassandra Rios